

Departamento de História

Moledo como estância balnear do século XX (1910-1976)

Teresa Menéres Gautier Vasques Osório

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em História Moderna e Contemporânea

Orientadora:

Doutora Maria Luísa Tiago de Oliveira, professora auxiliar, ISCTE-Instituto Universitário de
Lisboa.

Dezembro, 2018

AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Luísa Tiago de Oliveira pela sua absoluta disponibilidade e flexibilidade de horários, mas também pelo olhar perspicaz e estrutural, imprescindível numa tese com tanta informação recolhida por uma orientanda que de organizada tem muito pouco.

A todos os moledenses e banhistas da praia de Moledo que arranjam tempo para me relatarem as suas memórias: Maria Angélica Carvalho Mendonça, Maria Afonso, Jorge Fão, Jorge Puga, Joaquim Guardão, Margarida Tudela, Nicolau Pais, Pita Guerreiro, Tozé Brito, António Vitorino d'Almeida, António Brito e Cunha e Maria da Saúde Brito e Cunha, Fátima Barbosa, Maria Helena Guerreiro e Maria Helena Magalhães Carneiro.

E ainda àqueles cujo conteúdo da entrevista que me concederam, ainda que não tenha sido exposto neste trabalho, serviu para obter informação geral sobre a ambiência de Moledo durante o verão: Paulo Valença, Luís Filipe Almeida, Jorge Coutinho, João Pimenta, Tiago Taron e António Ribeiro Fernandes. Sem esquecer Gonçalo Sampaio e Melo, Diogo Pacheco de Amorim e Inês Silva Araújo que me concederem preciosas informações via internet.

Ao professor Doutor Paulo Torres Bento, especialista da História do concelho de Caminha, por desde o primeiro momento se mostrar recetivo em auxiliar-me, quer através de partilha de informação, quer pondo-me em contacto com a sargaceira Maria Angélica Carvalho Mendonça, cujo testemunho constituiu uma fonte fulcral para perceber o processo de apanha do sargaço na praia de Moledo.

Um obrigada também às colaboradoras do Arquivo Municipal de Caminha e da Junta de Freguesia de Moledo pela simpatia com que sempre me receberam.

Por fim, um agradecimento aos meus pais por me incentivarem sempre a fazer o que mais gosto.

RESUMO

A partir do século XVIII as praias europeias começaram a ser frequentadas por enfermos, estudiosos ou jovens que faziam o *grand tour* antes de ingressarem na vida adulta. Em Portugal foi no século XIX que as idas à praias se generalizaram devido à propagação dos discursos médicos sobre o benefício dos banhos de mar e ao desenvolvimento das linhas de caminho-de-ferro. A praia de Moledo não foi exceção. Até então uma freguesia marcadamente rural, com uma população que não possuía um contacto amiúde com o mar que extravasasse a apanha do sargaço, Moledo voltou-se para o seu território junto ao areal, começando-se a construir casas e comodidades que pudessem atrair banhistas.

O objeto de estudo deste trabalho é a evolução de Moledo enquanto estância balnear, atendendo às sociabilidades estabelecidas entre veraneantes e entre estes e a população local, trazendo alguma luz sobre as rotinas adotadas durante o verão, e tendo sempre em conta as decisões políticas a nível local.

ABSTRACT

From the 18th century the European beaches began to be frequented by the sick, the investigators or the young people who made the *grand tour* before entering in adult life. In Portugal, it was in the 19th century that beach trips became popular due to the spread of medical discourses on the benefit of sea bathing and the development of railway lines. The Moledo beach was no exception.

Since the final of 19th century, Moledo population and public institutions developed its territory near the beach and began to build houses and facilities that could attract bathers.

The object of this work is the evolution of Moledo as a beach resort, taking into account the sociabilities established between vacationers and between them and the local population and bringing some light on the routines adopted during the summer.

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice	iv
Índice de Quadros	vi
Índice de Figuras	vii
I – INTRODUÇÃO	1
1.1.- Justificação	1
1.2.- Objeto de Estudo	1
1.3.- Estado da Arte	3
1.4.- Objetivos e Hipóteses	7
1.5.- Metodologia e Fontes	7
1.6.- Estrutura da Tese	8
1.7.- Limites e Potencialidades	9
II – A OCUPAÇÃO DA PRAIA COMO ESPAÇO DE LAZER	9
2.1.- Do medo do mar à apropriação lúdica da praia	9
2.2.- O aparecimento dos tempos livres e a popularização do litoral	13
III – O IR À PRAIA EM PORTUGAL	14
3.1.- O Desenvolvimento do Turismo em Portugal	14
3.1.1.- A sociedade de Propaganda de Portugal e a institucionalização do turismo	14
3.2.- As Primeiras Estâncias Balneares Portuguesas	17
3.2.1.- Os discursos médicos	17
3.2.2.- O desenvolvimento dos caminhos-ferro	23
3.2.3.- A passagem da praia terapêutica para a praia lúdica	25
3.2.4.- As praias mais frequentadas a norte, centro e sul de Portugal	25
3.2.5.- Urbanização das praias de Portugal	28
3.2.6.- As sociabilidades nas praias portuguesas	31
IV – MOLEDO DO MINHO	32

4.1.- De Pia dos Burros a Estância Balnear	32
4.1.1.- A extensão da freguesia para junto do mar	32
4.1.2.- A importância dos caminhos-de-ferro	36
4.1.3.- O desenvolvimento urbanístico de Moledo	41
4.1.3.1.-As reivindicações do final do século XIX	41
4.1.3.2.-Os planos de urbanização de Moledo do Minho	44
4.1.3.3.-O investimento público no desenvolvimento urbanístico de Moledo do Minho	50
4.2.- A População local e a sua relação com a praia	53
4.2.1.- Affonso: a figura da praia de Moledo durante o século XIX	53
4.2.2.- Atividades comerciais em Moledo	58
4.2.3.- A apanha de sargaço	64
4.2.4.- O papel dos banheiros na praia de Moledo	75
4.3.- A praia de Moledo durante a época balnear	82
4.3.1.- Os banhistas	82
4.3.2.- Os terrenos junto ao areal: novas casas e um clube	85
4.3.3.- Hábitos e sociabilidades durante a época balnear	90
4.4.- Os Ilustres da Praia de Moledo	99
4.4.1.- O refúgio de António Pedro	99
4.4.2.- Um repouso para intelectuais	109
4.5.- O período pós 25 de Abril em Moledo	138
V – CONCLUSÃO	145
VI – FONTES	149
ARQUIVISTÍCAS	149
LEGISLAÇÃO	149
PERIÓDICOS	149
TESTEMUNHOS ORAIS	149
FONTES ICONGRÁFICAS E AUDIOVISUAIS	150
VII – BIBLIOGRAFIA	150
VIII – WEBGRAFIA	153
IX - CV	I

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1.4. - Preço dos bilhetes de comboio na linha de Viana do Castelo-Valença em 1905.	40
QUADRO 2.4. - <i>Preço dos bilhetes de comboio de 1ª, 2ª e 3ª classe das estações de S. Bento ou Campanhã até várias localidades do Minho, Douro e Trás-os-Montes.</i>	41

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1.2. - Bathing Machines em West Pier (Inglaterra) em 1885	11
FIGURA 2.3. - Primeiro cartaz propagandístico da Sociedade de Propaganda de Portugal, 1907	15
FIGURA 3.3. - Caricatura de Rafael Bordallo Pinheiro sobre os preparativos da toma de banhos Lisboa, 1880	20
FIGURA 4.3. - Caricatura de Rafael Bordallo Pinheiro sobre as razões de toma de banho de mar, Lisboa, 1880	21
FIGURA 5.3. - Tipos de banhistas portugueses	22
FIGURA 6.3. - Plano geral de Melhoramentos da Praia de Moledo, 1929	30
FIGURA 7.4. - Anúncio de venda de casas em Moledo	35
FIGURA 8.4. - Anúncio da praia de Moledo. Existência de comboio, serviço de correio, casas para alugar, café com bilhar e leitura. Informações com A. Affonso	35
FIGURA 9.4. - Anúncios de casa para alugar em Moledo	35
FIGURA 10.4. - Ante-projecto do plano de Urbanização da Praia de Moledo do Minho da autoria do arquiteto Moreira da Silva. 1941	46
FIGURA 11.4. - Ante-projeção do plano de urbanização da Praia de Moledo do Minho da autoria de Moreira da Silva. 1941	47
FIGURA 12.4. - Ante-projecto do plano de urbanização da Praia de Moledo do Minho da autoria de Moreira da Silva. Perfil tipo de passeio. 1941	47
FIGURA 13.4. - Mapa atual da zona junto à praia de Moledo do Minho	49
FIGURA 14.4. - Mapa atual da parte alta da freguesia de Moledo	51
FIGURA 15.4. - Anúncio de arrendamento do café «Estrella» em Moledo, 1883	55
FIGURA 16.4. - Anúncio de aluguer de casa em Moledo	58
FIGURA 17.4. - Anúncio de venda de casa em Moledo	58
FIGURA 18.4. - Hotel Moledo do Minho que mais tarde passaria a denominar-se Pensão Ideal, 1933	59
FIGURA 19.4. - Flyer de promoção da Pensão Ideal, 1939	59
FIGURA 20.4. - Pensão Ideal, s.a.	60

FIGURA 21.4. - Cédula de apanhadora de Maria dos Anjos Rocha, 197	65
FIGURA 22.4. - Cédula de inscrição marítima de Maria dos Anjos Rocha, 1921	66
FIGURA 23.4. - Sargaceiros em Moledo, s.a.	67
FIGURA 24.4. - Sargaceiros em Moledo, s.a. 1947	69
FIGURA 25.4. - Maria Angélica Mendonça à porta do seu coberto com o redenho com que apanhava sargaço, Moledo do Minho, 29/04/2018	72
FIGURA 26.4. - Padiola da sargaceira Maria Angélica Mendonça, Moledo do Minho, 29/04/2018	73
FIGURA 27.4. - Ancinho da sargaceira Maria Angélica Mendonça, 29/04/2018	74
FIGURA 28.4. - Banhistas em Moledo tomando banho com a supervisão de um banheiro, s.a.	80
FIGURA 29.4. - <i>Da minha Janela</i> , António Pedro, (1940)	102
FIGURA 30.4. - <i>Tríptico Solto de Moledo</i> , António Pedro, (1943)	103
FIGURA 31.4. - <i>Tríptico Solto de Moledo</i> , António Pedro, (1943)	103
FIGURA 32.4. - <i>Tríptico Solto de Moledo</i> , António Pedro, (1943)	104
FIGURA 33.4. - A atriz brasileira Maria della Costa com António Pedro na praia de Moledo,1950	107
FIGURA 34.4. - <i>Nevoeiro de Moledo</i> , Fernando Lemos, (1949)	107
FIGURA 35.4. - <i>António Pedro</i> , Fernando Lemos, (1949)	107
FIGURA 36.4. - <i>Moledo do Minho</i> , Fernando Lemos, (1949)	108
FIGURA 37.4. - <i>Moledo do Minho</i> , Fernando Lemos, (1949)	108
FIGURA 38.4. - Casa de Bernardino Machado em Moledo, s. a.	112
FIGURA 39.4. - «Grupo de Senhoras tirado na Praia de Moledo do Minho entre as quaes figuram as filhas do sr. dr. Bernardino Machado: No 1º plano, em pé, D. Helena Ramos, D. Jerónima Machado; no 2º plano, em pé, Mademoiselle Sofia Machado, menino Inácio Oom do Vale, D. Maria Castel-Branco, Mademoiselles Helena Guimarães e Fernanda Castel-Branco. Sentadas: Mademoiselles Joana Machado, Alda Ramos e Fernanda Ramos.»	113
FIGURA 40.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 1 a 6)	115
FIGURA 41.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 7 a 12)	116

FIGURA 42.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 13 a 18)	117
FIGURA 43.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 19 a 24)	118
FIGURA 44.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 25 a 30)	119
FIGURA 45.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 31 a 36)	120
FIGURA 46.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 37 a 42)	121
FIGURA 47.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 43 a 48)	122
FIGURA 48.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 49 a 54)	123
FIGURA 49.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 55 a 60)	124
FIGURA 50.4. - <i>O Naufrágio da Ínsua</i> , Almada Negreiros, (1934) (desenhos 61 a 64)	125
FIGURA 51.4. - Margarida Tudela com os três irmãos na praia de Moledo, s.a.	127
FIGURA 52.4. - Margarida Tudela (no canto esquerdo) com amigas na praia de Moledo, s.a.	127
FIGURA 53.4. - José de Almada Negreiros e Sarah Affonso em Moledo do Minho, 1934	128
FIGURA 54.4. - <i>Casamento na Aldeia</i> , Sarah Affonso (1937)	131
FIGURA 55.4. - <i>Família</i> , Sarah Affonso (1937)	131
FIGURA 56.4. - Postal da Igreja Matriz de Caminha.	133
FIGURA 57.4. - Moledo do Minho, 2017	135
FIGURA 58.4. - Planta da construção das ruas G, F e E, 1974.	138
FIGURA 59.4. - Mapa atual de Moledo com as ruas G, F e E marcadas a vermelho.	139

I – INTRODUÇÃO

1.1. JUSTIFICAÇÃO

Moledo já foi objeto de estudo de alguns historiadores, jornalistas e amantes da região, porém não temos conhecimento da existência de um estudo específico desta freguesia como estância balnear do século XX, nomeadamente entre os anos 1910 e 1976, isto é, que conte a sua história desde a criação do primeiro casario junto ao mar até à presença de alguns intelectuais durante o verão ou às relações sociais, económicas e culturais que se foram estabelecendo entre locais e veraneantes ao longo de décadas.

A ausência de uma publicação sobre a história balnear de Moledo não é a única justificação para a realização deste estudo, é de realçar também a sua importância para a população local e sazonal que têm assim a possibilidade de conhecer e compreender tanto a sua própria identidade, como o território que ocupam.

1.2. OBJECTO DE ESTUDO

A apropriação da praia como espaço de sociabilidade aconteceu no Reino Unido nos finais do século XVIII¹ com o aparecimento da moda do *grand tour*, prática iniciada pelos jovens da elite que tinha como objetivo conhecer os locais, muitos deles junto ao litoral, retratados nas pinturas e nos livros da época.² Estes *grands tours* eram realizados maioritariamente pela Campânia e pela costa holandesa.

Já no século XVIII, os médicos e higienistas prescreviam os banhos de mar para tratar alguns problemas de saúde, assim, as estâncias termais, normalmente vistas como o único local natural para fins terapêuticos, foram sendo gradualmente substituídas pela praias.

Em Portugal, a passagem de uma visão apocalíptica³ para uma visão terapêutica e, mais tarde, prazerosa do litoral aconteceu na segunda metade do século XIX⁴, quando várias praias da costa nacional começaram a ser frequentadas regularmente durante a época balnear, não só devido à disseminação dos discursos médicos sobre os benefícios da água salgada e do ar do litoral, mas também como consequência da relativa estabilidade política e social e do desenvolvimento dos meios de transporte.

¹ CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Wester World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press, pp. 19-22.

² Idem, p. 52.

³ MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), *A Construção Social da Praia*, Guimarães: IDEAL Artes Gráficas p. 42 e CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Wester World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press, pp. 1-17.

⁴ ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal. Guia do banhista e do viajante*, conforme a 1ª ed., Lisboa, Frenesi, 2001; MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp. 17-19.

Tal como aconteceu na Granja e em São Pedro de Moel⁵, Moledo só começou a dar importância à sua praia no século XIX, altura em que se edificou o primeiro casario junto ao litoral e se construíram a estação de caminhos-de-ferro e a estrada de macadame que ligava Moledo a Viana do Castelo. Até lá a população da freguesia apenas se dedicava à agricultura, usando a praia para a apanha do sargaço que servia de adubo para as suas terras.

No início do século XX, como resultado das políticas de desenvolvimento do turismo implementadas durante a Primeira República, criou-se a Comissão de Iniciativa de Moledo⁶ através da qual se pretendia melhorar as condições balneares da freguesia. Foi a pedido desta Comissão que o arquiteto Carlos Ramos elaborou um Plano Geral de Melhoramentos que incluía um hotel, um casino, balneários e vários campos de jogos junto ao pinhal do Camarido⁷, porém este projeto não chegou a ser executado.

Já durante o Estado Novo, criou-se a Associação Moledense de Instrução e Recreio e o Clube Ínsua que dinamizavam a vida social da praia de Moledo. Entretanto, a Comissão de Iniciativa, um vestígio da Primeira República, foi extinta em 1936 e transformada em Junta de Turismo.

Na década de 40, voltou a ser desenhado um plano de urbanização da praia de Moledo da autoria do arquiteto Moreira da Silva. O plano foi sendo executado ao longo das décadas seguintes, ainda que com algumas alterações.⁸

Desde o final do século XIX até aos nossos dias, a praia de Moledo foi a estância balnear eleita por várias figuras ilustres⁹, que se hospedavam quer na Pensão Ideal, quer em casas alugadas ou de família, contribuindo para dar alguma importância e prestígio a esta praia.

O objeto de estudo desta dissertação é o desenvolvimento de Moledo enquanto estância balnear e os veraneantes que frequentavam Moledo com enfoque nas sociabilidades e rotinas estabelecidas.

Apesar da primeira casa junto ao litoral de Moledo ter sido construída na segunda metade do século XIX, este estudo confina-se ao período entre 1910 (uma vez que a Primeira República marcou

⁵ MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 25.

⁶ BENTO, Paulo Torres (2015), *História Nossa – Crónicas de tempos Passados por Terras de Caminha e Âncora*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000 pp. 58 e 59 e LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura, p. 112.

⁷ LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura; p. 112.

⁸ LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura; p. 148.

⁹ como por exemplo os políticos Bernardino Machado, Mariano Gago e Durão Barroso, os artistas Almada Negreiros, Charles David Ley, Rui Cinatti, Mário Cesariny, António Pedro os músicos Vitorino d'Almeida e Tozé Brito, o arquiteto Siza Vieira, o encenador Ricardo Pais, o constitucionalista Jorge Miranda ou as realizadoras Catarina Mourão e Patrícia Sequeira.

o aparecimento das políticas de desenvolvimento do turismo em Portugal) e a primavera de 1976 que assinalou a estabilização política a seguir à revolução do dia 25 de abril de 1974, com a realização das primeiras eleições legislativas, legislativas regionais, presidenciais e autárquicas em democracia e a aprovação de uma nova constituição, dois eventos que trouxeram nos anos subsequentes uma série de alterações institucionais, sociais e culturais impossíveis de abordar, dado o tempo disponível para a realização do presente trabalho.

1.3. ESTADO DA ARTE

A bibliografia consultada foi dividida em três temas nucleares. O primeiro a respeito do conceito de tempos livres e da criação europeia da praia como espaço de lazer, o segundo sobre o desenvolvimento das estâncias balneares em Portugal e o terceiro acerca da praia de Moledo em específico. Com a revisão desta literatura procurou-se situar o objeto de estudo desta dissertação no contexto nacional e internacional.

Fundamentais para a compreensão do surgimento dos tempos livres na Europa e para o desvendar da história da ocupação da praia são os livros *A História dos Tempos Livres*¹⁰ e *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Western World 1750- 1840*¹¹ ambos de Alain Corbin.

A primeira obra retrata a emergência do conceito de tempo que não era ocupado com trabalho remunerado, mas com o ócio e o lazer.

O segundo livro relata a evolução da visão do Ser Humano em relação ao litoral, que começou por ser repleta de medo por influência não só do grande dilúvio contado no livro Genesis da Bíblia, mas também das histórias misteriosas dos marinheiros e poetas que se aventuravam em viagens pelos oceanos e rios. Contudo, com o surgimento da teologia natural na Alemanha e Inglaterra, assim como com a domesticação do mar feita na Holanda, alguns jovens começaram a interessar-se pela costa, iniciando-se nos *grands tours* e inaugurando o movimento de aproximação geral do Homem ao mar. Paulatinamente, cada vez mais curiosos se ocupavam dos espaços do litoral, levando à propagação dos discursos médicos relativamente aos benefícios dos areis da costa para a cura de determinadas doenças e à transmissão de conhecimentos acerca dos seres vivos que habitavam as águas e a areia. Na passagem do século XVIII para o século XIX, a beleza da costa e das suas gentes foi descrita e cantada pelos românticos, atraindo várias famílias da burguesia para grandes temporadas junto ao mar, hábito que se foi estendendo a outras classes sociais até se tornar parte do calendário anual de muitas famílias.

¹⁰ CORBIN, Alain (1995), *A História dos Tempos Livres*, Lisboa: Editorial Teorema.

¹¹ CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Western World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press.

Ainda no que concerne ao contexto internacional, a coletânea de artigos científicos editada por Susan C. Andersen e Bruce H. Tabb¹² apresenta dois textos relevantes sobre a substituição das termas pelas praias no Reino Unido.

Sobre a presença de figuras ilustres em estâncias balneares e a sua influência na identidade local, importa referir, em primeiro lugar, o artigo de Bernard Deacon com o título *Imagining the Fishing: Artists and Fishermen in Late Nineteenth Century Cornwall*¹³, que retrata a estadia de intelectuais e artistas nas pequenas vilas de Newlyn e St. Ives durante o século XIX, identificando os confrontos entre estes e a comunidade local e o contributo dessas interações para o desenvolvimento das duas localidades. É ainda de relevar o estudo de John K. Walton¹⁴ que aborda a importância da literatura e das artes plásticas no desenvolvimento do turismo.

Na leitura da bibliografia sobre o contexto nacional, cuja finalidade é situar Moledo no panorama da vilegiatura balnear portuguesa, destaca-se a tese de dissertação *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*¹⁵, escrita por Pedro Martins que traça o percurso do desenvolvimento institucional da vilegiatura balnear desde a segunda metade do século XIX até ao século XX, dando especial ênfase às políticas públicas na área do turismo, ao papel do desenvolvimento dos transportes e à análise dos comportamentos e relações sociais estabelecidos especificamente nas praias da Costa da Caparica.

Maria da Graça Briz, autora de *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970 Sociedade Arquitectura e de Urbanismo e de Vilegiatura Balnear. Imagem ideal/ Imagem real*¹⁶, apresenta nestes trabalhos o caso particular das estâncias balneares do concelho de Cascais, enquadrando-as no contexto nacional e internacional dos séculos XIX e XX.

Em *O Turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais*¹⁷, Carminda Cavaco caracteriza as principais praias de Portugal no início do século XX, dividindo-as pela zona norte, centro e sul.

¹² ANDERSEN, Susan C. e Bruce H. Tabb (2002), *Water, Leisure and Culture*, Oxford: Berg.

¹³ DEACON, Bernard (2001), “Imagining the Fishing: Artists and Fishermen in Late Nineteenth Century Cornwall”, in *Rural History*, 12, 2, pp. 159-178, United Kingdom: Cambridge University Press.

¹⁴ WALTON, John K. (2009), “Histories of Tourism” in *The SAGE handbook of tourism studies*, London: Sage publications.

¹⁵ MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

¹⁶ BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez (2003), *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970 Sociedade Arquitectura e Urbanismo*, Tese de Doutoramento em História de Arte, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e BRIZ, Graça (2007), “Vilegiatura Balnear. Imagem ideal/ Imagem real”, em *Revista de História de Arte*, 3, 2007, Universidade Nova de Lisboa: Instituto de História de Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, pp. 255-267.

¹⁷ CAVACO, Carminda (1980), *O Turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais*, em *Estudos Italianos em Portugal*, nº 40-42, Lisboa, pp. 191-279.

Apesar da praia de Moledo não ser mencionada, este é um estudo relevante para se entender por que motivos umas praias se desenvolveram mais do que outras.

A dissertação *Praia da Granja 1860-1950. Gênese, Apogeu e Declínio de uma estância recreativo-balnear*¹⁸ constitui uma fonte de informação importante acerca dos protagonistas da criação e conseqüente estagnação de uma das praias de elite em Portugal. Já Joana Freitas,¹⁹ na sua tese de doutoramento em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, estudou o desenvolvimento das praias de Espinho e do Algarve ao longo do século XIX e XX.

A estância balnear da Figueira da Foz foi alvo de uma investigação particularmente relevante da autoria de Francisco Jesus²⁰ que, para além de identificar os elementos de modernidade na arquitectura do litoral de Portugal, revela as rotinas diárias dos veraneantes durante as primeiras décadas do século XX.

Ramalho Ortigão com *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*²¹ deu-nos um panorama bastante detalhado do como eram as praias portuguesas no final do século XIX.

No que diz respeito às sociabilidades ocorridas na praia, é de realçar a obra de Helena Machado, com o título *A Construção Social da Praia*²², livro imprescindível para quem estuda as interações entre os banhistas. A partir desta leitura conseguiu-se identificar os diversos modos de usar a praia e as estratégias de distinção social adotadas naquele local pelas elites.

Uma outra obra particularmente significativa para o entendimento do turismo em Portugal nos primeiros anos do século XX é a coletânea *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*²³ que reúne estudos de vários historiadores acerca dos motivos impulsionadores das políticas de turismo durante a I República, sobre o funcionamento das

¹⁸ GOMES, Maria João Santos da Cunha (1998), *Praia da Granja 1860-1950. Gênese, Apogeu e Declínio de uma estância recreativo-balnear*, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Teorias de Conservação e Restauros do Património Artístico, Porto: Universidade Lusíada.

¹⁹ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e conseqüências. os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*, Tese de Doutoramento em História Contemporânea, Universidade de Lisboa: Faculdade de Letras.

²⁰ JESUS, Francisco José da Cruz de (1999), *Arquitetura Balnear e Modernidade: O exemplo do Bairro Novo de Santa Catarina da Figueira da Foz, 1928-1953*, Tese de Mestrado em História, Lisboa: Universidade Lusíada.

²¹ ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto: Livraria Universal.

²² MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), *A Construção Social da Praia*, Guimarães: IDEAL Artes Gráficas.

²³ LOUSADA, Maria Alexandre e Ana Paula Pires (2010), *Viajar: Viajantes e Turistas à descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

instituições públicas e privadas relativas ao turismo (Repartição de Turismo em Portugal, Comissões de Iniciativa e Sociedade de Propaganda Nacional) ou sobre os primeiros guias de viagens.

Ana Cardoso Matos e Maria Luísa F. N. dos Santos²⁴ foram outras das académicas que se dedicaram a estudar o impacto dos guias de viagens, dos *grand tours* e, principalmente, da criação da Sociedade de Propaganda Nacional no desenvolvimento do turismo.

Em *A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear*²⁵, Rui Cascão traça o percurso da criação do ir à praia na Europa, passando pela difusão das prescrições médicas que envolviam os banhos de mar até ao crescimento das linhas de caminho-de-ferro, facilitadoras do acesso ao litoral. Esta é uma obra de síntese que muito ajudou na estruturação do presente trabalho.

No que toca aos estudos sobre a história local, a monografia *Moledo do Minho*²⁶ de Manuel Busquets de Aguilar é uma das mais relevantes, já que aborda a história da freguesia desde a sua formação, a sua toponímia, os costumes da população e as suas atividades económicas. No entanto, não nos fornece informação suficiente acerca dos veraneantes e das sociabilidades que se desenvolveram na praia de Moledo.

*Caminha e o seu Concelho*²⁷, uma monografia dirigida por Lourenço Alves e publicada em 1985, baseia o capítulo sobre Moledo no livro de Manuel Busquets de Aguilar, trazendo alguns dados novos relativos à demografia e ao património.

Já o livro *História Nossa*²⁸, do historiador e professor Paulo Torres Bento inclui crónicas baseadas, na sua maioria, em notícias e artigos de jornais locais e em documentos do Arquivo Municipal de Caminha. Nesta obra, que é uma referência indispensável para quem estuda o concelho de Caminha, os capítulos *Os Viajantes Acidentais* e *Das praias de Moledo a Âncora* aportaram informações essenciais sobre alguns protagonistas da estância balnear de Moledo.

Do mesmo autor existe ainda *Da Monarquia à República no concelho de Caminha. Crónica Política (1906-1913)*, um livro sobre os embates entre os monárquicos e os republicanos do concelho de Caminha, onde se refere a ligação de Bernardino Machado a Moledo e se retratam alguns marcos da história local, como a chegada da eletricidade em 1912 ou a criação do Centro Republicano de Moledo um ano depois.

²⁴ MATOS, Ana Cardoso e Maria Luísa F. N. dos Santos (2004), “Os Guias de Turismo e a Emergência do Turismo Contemporâneo em Portugal (dos finais de século XIX às Primeiras década do século XX)”, em *Scripta Nova Revista Electrónica de Geografia Y Ciencias Sociales*, Vol. VIII, número 167.

²⁵ CASCÃO, Rui (2000), “A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear”, em ARAÚJO, Ana Cristina e Maria Helena da Cruz, *A Cidade e o Campo: Colectânea de Estudos*, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, pp. 321-342.

²⁶ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *Moledo do Minho*, Lisboa: Edição de autor.

²⁷ ALVES, Lourenço (1985), *Caminha e o seu Concelho*, Caminha: Câmara Municipal de Caminha.

²⁸ BENTO, Paulo Torres (2015), *História Nossa – Crónicas de tempos Passados por Terras de Caminha e Âncora*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000.

A tese de mestrado *O Impacto de Turismo no Litoral de Caminha*²⁹, de António Matos aborda os efeitos e a evolução do turismo em Moledo e Vila Praia de Âncora ao longo do século XX, relatando o aparecimento naquela freguesia de profissões sazonais associadas à época balnear que originaram a interação entre classes.

Importa realçar a obra de Margarida Sousa Lôbo, com o título *Planos de Urbanização À Época de Duarte Pacheco*³⁰, um importante contributo sobre a relevância dada a Moledo como estância balnear, na medida em que foi alvo de dois projetos arquitetónicos com o objetivo de a capacitar para receber mais veraneantes.

1.4. OBJETIVOS E HIPÓTESES

O objetivo deste trabalho é estudar o desenvolvimento da estância balnear de Moledo durante o século XX, tendo em consideração os veraneantes que a frequentavam e a sua relação com a população local.

Partindo da hipótese da existência de uma presença considerável de banhistas em Moledo durante os meses de Verão, cujas rotinas e comportamentos influenciaram a população local e o desenvolvimento da estância, pretende-se caracterizar as mudanças e continuidades registadas ao longo do tempo em Moledo a nível institucional, social e cultural tendo em consideração os contextos nacional e internacional.

1.5. METODOLOGIA E FONTES

A consulta de livros acerca da ocupação dos tempos livre na Europa e da vida burguesa quotidiana, assim como sobre a praia como espaço de lazer traçou o caminho para a leitura posterior de artigos científicos, livros e publicações periódicas a respeito da vilegiatura balnear, da interação entre a população sazonal e local e do desenvolvimento do turismo em Portugal.

Após esta recolha de informação de carácter mais genérico, procedeu-se à análise das monografias, artigos científicos, publicações periódicas e exposições acerca de Moledo.

A utilização da História Oral, através do levantamento de testemunhos de algumas das pessoas que frequentaram aquela praia e também da população local, possibilitou um maior entendimento acerca das relações económicas, sociais e culturais estabelecidas durante o verão em Moledo, permitiu a identificação dos hábitos quotidianos dos veraneantes e a confirmação da presença de alguns intelectuais.

²⁹ MATOS, António Carlos Coelho Menezes (2000), *O Impacto do Turismo no litoral de Caminha*, dissertação de mestrado em Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território, Universidade do Porto: Faculdade de Letras.

³⁰ LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Dada a minha proximidade a Moledo, não por opção científica, mas por residir a vinte minutos daquela localidade, foi possível realizar um trabalho de campo através da observação das ruas e edifícios mais emblemáticos que muito auxiliou na análise de fotografias e na elaboração de mapas com o intuito de explicar o melhor possível as temáticas abordadas.

Este conjunto de informação foi cruzada com a leitura dos periódicos locais *Estrella de Caminha* e *Caminhense*. Estas fontes, pelo seu carácter informativo e descritivo, permitiram perceber que tipo de acontecimentos e assuntos eram importantes à época e quem eram as personalidades mais mediáticas. Foi-nos impossível, devido ao limite de tempo e a restrições de acesso, consultar edições do jornal *Caminhense* anteriores ao ano de 1972 e por isso, possui-se somente informação jornalística do final do século XIX e da década de 70 do século XX. Este constitui um dos motivos por que se recorreu à História Oral que, para além das atas das instituições públicas foram os vestígios do século XX que se conseguiu analisar.

Assim como com a análise das atas da Câmara Municipal de Caminha e da Junta de Freguesia de Moledo, fontes históricas de carácter formal e institucional que muito ajudaram a reconstruir os pontos fulcrais do desenvolvimento de Moledo como estância balnear.

Analisaram-se ainda fontes primárias de arquivos pessoais dos quais fazem parte fotografias e duas cédulas que davam licença a apanha do sargaço.

1.6. ESTRUTURA DA TESE

Este estudo está dividido em três capítulos com dimensões variadas.

No segundo capítulo pretende-se apresentar uma contextualização histórica acerca da ocupação da praia como espaço de lazer, identificando os motivos que levaram à popularização da vilegiatura balnear na Europa e caracterizando as primeiras pessoas a frequentar a praia.

O terceiro capítulo começa por, num primeiro subcapítulo, retratar sucintamente a evolução do turismo em Portugal, tendo em conta as políticas aplicadas pelas instituições de poder local e nacional. Seguidamente caracterizam-se as dimensões sociais, culturais e económicas das primeiras estâncias balneares portuguesas.

O capítulo mais extenso é o quarto que versa sobre a estância balnear de Moledo e integra quatro subcapítulos. O primeiro dos quais retrata o conjunto de fatores que levaram ao desenvolvimento da zona litoral da freguesia de Moledo a partir da segunda metade do século XIX até ao início do século XX, abordando o papel das instituições públicas no desenvolvimento de Moledo.

O segundo subcapítulo versa sobre a relação da população local com o espaço da praia.

Depois tentamos caracterizar a ambiência da praia durante os meses de verão e por fim, apontar as figuras de relevo que frequentavam aquela praia.

Este capítulo reúne a informação recolhida nos dois capítulos anteriores e aplica-as ao caso particular de Moledo.

1.7. LIMITES E POTENCIALIDADES

Uma vez que o objeto de estudo do presente trabalho tem um carácter bastante genérico e abrange um período de tempo de sessenta e seis anos, uma das dificuldades encontradas relacionou-se com a dispersão das fontes por periódicos locais localizados na Biblioteca Nacional de Portugal e na Biblioteca Municipal do Porto, atas camarárias arquivadas no Arquivo Municipal de Caminha, atas da Junta de Freguesia de Moledo guardadas nas instalações da mesma, processos de urbanização e de ordenamento de território conservados no Arquivo Distrital de Viana do Castelo e fotografias de arquivos pessoais, aos quais se conseguiu ter acesso na sequência das entrevistas que se realizaram.

Devido ao limite de tempo a que se estava circunscrito, foi impossível entrevistar mais veraneantes e moledenses que certamente contribuiriam com informação de relevo para esta tese de dissertação. Também não se conseguiu obter conteúdo sobre as estadias em Moledo dos políticos Mariano Gago, Durão Barroso, do constitucionalista Jorge Miranda, do arquiteto Siza Vieira, do encenador Ricardo Pais (a não ser através de entrevista ao seu filho, que apenas estanciou em Moledo frequentemente nas décadas de 80 e 90 e por esse motivo é raramente citado neste estudo) ou das realizadoras Catarina Mourão e Patrícia Sequeira, mas sabe-se que todos eles tinham o hábito de ir a Moledo no verão.

Por outro lado, esta investigação cria novas possibilidades de pesquisa sobre a praia de Moledo e as sociabilidades que lá se estabeleceram durante o século XX e incentiva a realização de novos estudos sobre o último quartel do século passado. Considera-se também que este trabalho pode ser utilizado para elevar aquela região, quer convocando mais veraneantes a Moledo, quer incentivando o poder local a criar estratégias que realcem o passado e a identidade desta estância balnear.

CAPÍTULO II – A OCUPAÇÃO DA PRAIA COMO ESPAÇO DE LAZER

2.1. DO MEDO DO MAR À APROPRIAÇÃO LÚDICA DA PRAIA

Durante muitos séculos o mar foi olhado com medo pelos homens, que viam nele o abismo e a fonte de todos os males devido ao relato do grande dilúvio contado no livro Genesis da Bíblia. A história da inundação da Terra, da qual apenas sobreviveram as pessoas e animais ocupantes da arca de Noé marcou a população europeia e nem mesmo as investidas de marinheiros por lugares inóspitos durante os séculos XV e XVI alteraram essa visão apocalíptica do oceano, cujos sons pensava-se serem murmúrios de almas mortas e esquecidas.³¹

³¹ CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Wester World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press, pp. 2 e 3.

Poetas e navegadores ingleses³², tal qual Luís de Camões³³ em Portugal, escreveram sobre as bestas e monstros tenebrosos que supunham habitar o mar. E passar por tempestades marinhas era visto como uma forma de pagar pelos pecados cometidos. Também os relatos de enjoos a bordo mantinham as pessoas afastadas do oceano e travavam qualquer desejo escondido de apropriação do litoral.

Porém, a partir do século XVII, verificou-se um esbatimento deste medo conseguido através do desenvolvimento da oceanografia em Inglaterra e do surgimento da teologia natural, que via na natureza um espetáculo criado por Deus, incitando o Ser Humano a apreciar os fenómenos naturais ao invés de lhes dedicar o seu repúdio. Esse cada vez maior interesse pelo mar e montanhas levou ao aparecimento da moda dos *grand tours*, viagens realizadas por jovens da elite inglesa que percorriam zonas costeiras da região da Campânia, França e Holanda, país que era alvo de enaltecimento pela sua capacidade de dominar o mar.

As viagens pelos locais descritos na literatura e pintura clássicas serviam para os jovens assimilarem a cultura latina leccionada na escola. Normalmente levavam consigo um artista pronto a desenhar as paisagens atravessadas, de modo a ficarem com um registo da expedição, para mostrarem a outros jovens que tivessem vontade de fazer o mesmo. Dava-se assim início à produção daquilo que conhecemos atualmente como os guias de viagens.

Mas estes primeiros viajantes a visitarem litoral limitavam-se a apreciar as dunas e a paisagem em seu redor ou a observar quem buscava na praia o seu meio de subsistência, não havendo ainda um contacto próximo com o ambiente marinho ou uma ocupação desinibida do areal e do mar.³⁴

Só o aparecimento do discurso médico acerca dos banhos nas águas salgadas esbateu essa distância entre os humanos e o oceano, servindo de mediador dos dois e aproximando-os.

O médico Richard Russell foi um dos principais responsáveis pela aproximação da população às praias ao publicar um estudo que defendia os benefícios dos banhos de mar e da ingestão de água salgada na cura de doenças das glândulas linfáticas e ao receber na sua casa de Brighton vários doentes, contribuindo para a formação, naquele local, de uma das primeiras estâncias balneares de Inglaterra.³⁵

A proliferação de prescrições de estadias à beira-mar para curar aquelas e outras maleitas como a depressão ou o histerismo, através do choque provocado pela água e ar frios, tornando assim o corpo mais forte e resistente, transformou a praia num local terapêutico semelhante às estâncias

³² CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Wester World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press, pp. 6 e 7

³³ CAMÕES, Luís de (edição de 2017), *Os Lusíadas*, Porto: Porto Editora.

³⁴ CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Wester World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press, p. 39.

³⁵ Idem, p. 65.

termais. Com uma diferença substancial, o acesso à praia era público e gratuito, embora pudesse ser submetido a regras de conduta social, enquanto a frequência da maioria das estâncias termais implicava uma despesa.³⁶

As elites iam-se familiarizando com o mar, ainda que as diretrizes dos médicos fossem bastante restritas quanto à estação do ano, duração e hora do banho, que devia ser tomado rapidamente no outono e sempre antes das dez da manhã.³⁷ As mulheres viam nas estadias à beira-mar uma forma de se libertarem dos constrangimentos sociais, uma vez que podiam deixar os seus cabelos ao vento e mostrar os tornozelos. Mas ainda não havia o hábito de apanhar sol no areal.

Assim, durante os séculos XVIII e XIX verificou-se, em Inglaterra, o aumento das *bathing machines*, pequenos albergues de madeira que eram puxados por empregados, por vezes com a ajuda de cavalos, para dentro de água de modo a tornar os banhos o mais recatado possível e longe dos olhares curiosos dos homens³⁸.



Figura 1.2 : Bathing Machines em West Pier (Inglaterra) em 1885. Imagem do Brighton History Centre.

Fonte: http://www.mybrightonandhove.org.uk/page_id__7741.aspx

³⁶ WALTON, John K. (2002), “The Water of San Sebastian: Therapy, Health, Pleasure and Identity, 1840-1936”, in *Water, Leisure and Culture*, Oxford: Berg, p. 38.

³⁷ CORBIN, Alain (1994), op. cit., pp. 68 e 72.

³⁸ CORBIN, Alain (1994), op. cit., p. 80.

Como se pode verificar nesta imagem do final do século XIX numa praia perto de West Pier, as mulheres eram as principais utilizadoras das *Bathing Machines* que, ou entravam pela água dentro com as suas grande rodas quando a força do mar assim o permitia, ou serviam de âncora onde se enlaçava uma corda à qual as mulheres se agarravam enquanto se banhavam.

Concomitantemente à relação terapêutica que as elites estabeleciam com o mar e ao carácter utilitário que este assumia para as classes trabalhadoras como os pescadores ou sargaceiros, desenvolveu-se o interesse pela pesquisa científica do ambiente marinho, afastando as teorias catastróficas do grande dilúvio. O ser humano começava a aperceber-se de que o mar era o responsável pela topografia terrestre e que através do seu estudo se podia perceber melhor a História do planeta.

Era com o objetivo de aprofundar o conhecimento acerca das criaturas marinhas, observar as várias camadas das falésias ou admirar o prazer de estar junto à costa que os cientistas, escritores, pintores e curiosos faziam viagens ao litoral. Goethe escreveu sobre a satisfação de estar na areia a observar lapas e caranguejos³⁹ e Joseph Vernet, Claude Lorraine ou Pieter Mulier⁴⁰ pintaram quadros com motivos marítimos influenciando cada vez mais pessoas a viajar até à costa.

Tanto a literatura como as artes plásticas tinham um papel decisivo na escolha dos destinos das viagens das classes mais altas, pois a descrição imagética ou escrita de determinado local aguçava o desejo de o visitar e viver as mesmas sensações que os artistas lá haviam sentido.⁴¹

Já no século XIX os artistas românticos descobriam no litoral um local onde podiam usar os cinco sentidos e experimentar novas sensações e impressões que depois relacionavam com os seus estados psicológicos.

Nesta altura as praias eram maioritariamente frequentadas pelas elites e pela classe do lazer composta por inválidos, académicos e por aqueles artistas românticos. Os primeiros procuravam no litoral uma solução para as suas doenças, os segundos estudavam objetivamente as características da costa e os terceiros tinham um olhar contemplativo e impressivo e descreviam os efeitos do mar na alma. Mas para além destes, existia também a população das orlas locais que viam o seu espaço de trabalho ser ocupado e as suas tradições e modos de vida transformarem-se em alvo de investigações.

Por exemplo, a pequena cidade de Newlyn em Inglaterra foi um dos locais à beira-mar onde se estabeleceu um grupo de artistas que retratava os costumes da população autóctone, mas a sua presença gerou alguns conflitos morais pois tinham uma atitude pouco religiosa.⁴²

³⁹ CORBIN, Alain (1994), *op. cit.*, p. 117.

⁴⁰ CORBIN, Alain (1994), *op.cit.*, pp. 129 e 130.

⁴¹ WALTON, John K. (2009), “Histories of Tourism” in *The SAGE Handbook of tourism studies*, London: Sage publications, p. 122.

⁴² DEACON, Bernard (2001), “Imagining the Fishing: Artists and Fishermen in Late Nineteenth century Cornwall”, in *Rural History*, 12, 2, pp. 159-178, United Kingdom: Cambridge University Press, pp. 161, 169 e 170.

2.2. O APARECIMENTO DOS TEMPOS LIVRES E A POPULARIZAÇÃO DO LITORAL

O aumento de população a frequentar a praia coincidiu com a revolução industrial e o aparecimento dos caminhos-de-ferro, não só porque a classe burguesa se expandiu e começou a procurar os mesmos espaços de lazer que as elites frequentavam, mas também porque a construção das linhas de caminho-de-ferro possibilitou e facilitou o acesso dos operários e da população em geral à orla costeira.

A industrialização foi responsável pelo êxodo rural de famílias que procuravam a sua sorte como trabalhadoras nas grandes fábricas das cidades, levando assim ao rápido crescimento urbanístico. Esta mudança de estilo de vida resultou no aparecimento do tempo linear de trabalho, que era pago à hora, ao contrário do que acontecia nas zonas rurais onde o tempo de trabalho se confundia com o tempo de lazer, não havendo uma divisão clara entre um e outro. Ora, se o tempo de trabalho passava a ser cronometrado e bem definido, inevitavelmente o mesmo se pretendia que acontecesse com o tempo livre.⁴³ O utilitarismo defendia que os operários precisavam de descanso entre as tarefas de maneira a que a sua eficácia e produtividade aumentassem e, por isso, estabeleceu-se o meio dia de folga ao sábado.

Começavam também a aparecer fábricas no norte de Inglaterra que fechavam na mesma semana de agosto para darem férias aos seus trabalhadores e aproveitarem para fazer manutenções nas suas instalações.⁴⁴

Com o aparecimento e desenvolvimento dos caminhos-de-ferro o uso do tempo livre deixou de se confinar à convivência nos cafés e tabernas. As famílias aproveitavam para partir em viagem dada a facilidade com que se adquiria um bilhete de comboio para qualquer localidade no litoral. Segundo um recenseamento nacional realizado em 1815 em Inglaterra⁴⁵, as vilas e cidades junto ao mar foram as que se desenvolveram mais rapidamente com construções junto ao apeadeiro e várias pensões para albergar todos os que lá permaneciam.

A ocupação da costa foi um fenómeno tipicamente inglês⁴⁶ que aos poucos se espalhou por outros países. As elites europeias patrocinavam a edificação de algumas estâncias como aconteceu com Doberan e Travemünde na Alemanha ou com Ostend na Bélgica. Havendo outras que se foram desenvolvendo com o fluxo de visitantes que por lá passavam como as estâncias francesas Boulogne-

⁴³ CORBIN, Alain (1995), *A História dos Tempos Livres*, Lisboa: Editorial Teorema, p. 5.

⁴⁴ CORBIN, Alain (1995), op. cit., Lisboa: Editorial Teorema, pp. 24 e 25.

⁴⁵ CORBIN, Alain (1995), op. cit., Lisboa: Editorial Teorema, p. 30.

⁴⁶ PAYNE, Christiana (2002), "Seaside Visitors: Idlers, Thinkers and Patriots in Mid-nineteenth-century Britain", in ANDERSEN, Susan C. e Bruce H. Tabb, *Water, Leisure and Culture*, Oxford: Berg, p. 87.

Sur-Mer ainda no século XVIII ou Dieppe e Biarritz que começaram a ser frequentadas apenas no século XIX.⁴⁷

A democratização das férias e das estadias à beira-mar, com a chegada de classes mais baixas a lugares que anteriormente eram apenas ocupados pelas elites, fez com que estas procurassem o estrangeiro, uma vez que viajar para outro país era sinal de poderio económico e abertura de espírito.⁴⁸ No caso das famílias da elite que continuavam a frequentar os mesmos locais, verificou-se o aumento da elitização e privatização dos espaços de lazer como forma de evitar a mistura de classes.

CAPÍTULO III - O IR À PRAIA EM PORTUGAL

3.1.- O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM PORTUGAL

3.1.1 – A sociedade de Propaganda de Portugal e a institucionalização do turismo

Embora no século XIX já algumas praias começassem a ser frequentadas como consequência da divulgação dos discursos médicos acerca dos benefícios dos banhos de mar e do desenvolvimento dos transportes, foi no século XX que o turismo começou a ser pensado em termos institucionais.

Ainda antes da instauração da Primeira República surgiu a Sociedade de Propaganda de Portugal fundada a 28 de fevereiro de 1906⁴⁹ por iniciativa privada de um conjunto de visionários das mais variadas fações políticas, «monárquicos, republicanos, católicos, maçons (...)»⁵⁰ num total de 73 sócios. Leonildo de Mendonça e Costa, fundador e diretor da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, foi o principal responsável pela criação desta Sociedade, assumindo a sua presidência até à instauração da Primeira República. Sucedeu-o nessa altura Magalhães Lima conhecido político da geração de 70, mas Mendonça e Costa nunca se afastou totalmente.

A Sociedade de Propaganda de Portugal era também apelidada de Touring Club de Portugal, designação utilizada noutros países da Europa para agremiações com os mesmos fins e que resgatava

⁴⁷ MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 10.

⁴⁸ CORBIN, Alain (1995), op. cit., Lisboa: Editorial Teorema, p. 49.

⁴⁹ MATOS, Ana Cardoso e Maria Luísa F. N. dos Santos (2004), “Os Guias de Turismo e a Emergência do Turismo Contemporâneo em Portugal (dos finais do século XIX Às Primeiras décadas do século XX)”, em *Scripta Nova Revista Electronica de Geografia Y Ciencias Sociales*, Vol. VIII, número 167, p. 5.

⁵⁰ CUNHA, Licínio A. A. (2010), “A República e a Afirmção do Turismo”, em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, p. 131.

a ideia de *tour* do século XVIII, quando os jovens da elite, principalmente inglesa, faziam o *grand tour* pela Europa Ocidental antes de entrarem na vida adulta.⁵¹

O primeiro artigo dos estatutos da Sociedade de Propaganda de Portugal, aprovados a 4 de julho de 1906⁵², fazia menção ao objetivo de que Portugal fosse visitado e apreciado tanto por nacionais como por estrangeiros de forma a desenvolver o país intelectual, moral e materialmente.⁵³ Foram várias as iniciativas para cumprir essa premissa. Desde logo o esforço no desenvolvimento das vias ferroviárias para a Europa e nos meios de comunicação marítimos com a América, na tentativa de tornar Portugal a porta de entrada e saída entre os dois continentes. Como aliás também se pode constatar no primeiro cartaz propagandístico desta sociedade com o slogan: “Portugal The Shortest Way between America and Europe”⁵⁴.

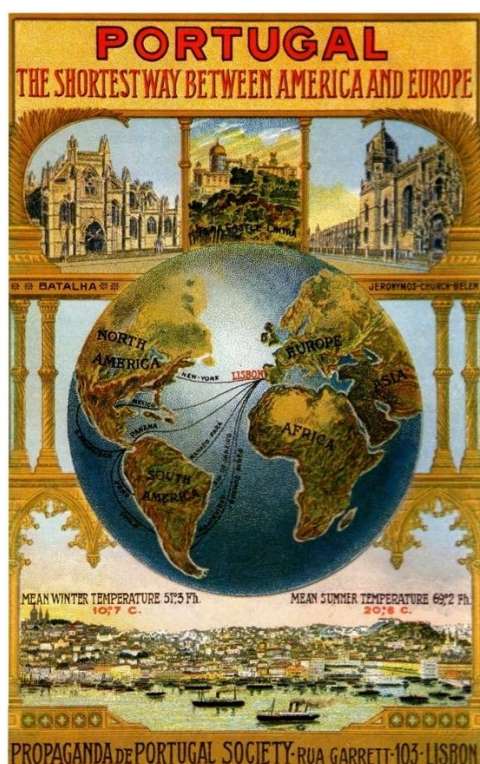


Figura 2.3. Primeiro cartaz propagandístico da Sociedade de Propaganda de Portugal, 1907.

Fonte:

<http://restosdecoleccion.blogspot.com/2018/07/sociedade-propaganda-de-portugal.html>. Consultado em: 01/08/2018.

⁵¹ MATOS, Ana Cardoso e Maria Luísa F. N. dos Santos (2004), op. cit., p. 3.

⁵² BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez (2003), *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970 Sociedade Arquitectura e Urbanismo*, Tese de Doutoramento em História de Arte, FCSH – Lisboa, p. 88.

⁵³ VIDAL, Frédéric e AURINDO, Maria José (2010), “Turismo e Identidade Nacional: Uma Nova Imagem para Portugal”, em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, p. 119.

A realização do 4º Congresso Internacional de Turismo em Lisboa, no mês de maio de 1911, veio antecipar a criação de um organismo público para o desenvolvimento e organização do turismo em Portugal. Ainda durante aquele evento internacional e com o intuito de mostrar aos congressistas que o novo regime tinha como prioridade fazer crescer o turismo, o Governo fundou a Repartição e o Conselho de Turismo, sob a alçada do Ministério do Fomento⁵⁵, marcando assim a politização daquele sector, até aí confinado à iniciativa privada.

As verbas necessárias para a atividade da Repartição de Turismo eram adquiridas através de subsídios do Estado e das receitas provenientes dos impostos cobrados às indústrias ligadas direta ou indiretamente ao turismo.⁵⁶

Ainda assim, a Sociedade de Propaganda de Portugal continuou com a sua atividade de promoção do país através da publicação de folhetos, publicidade nos jornais, convites a jornalistas estrangeiros para conhecerem Portugal e edição, em 1918, do guia *As Nossas Praias – Indicações Gerais para uso de banhistas e turistas* o qual já contava com uma entrada sobre a praia de Moledo:

No concelho de Caminha, a 3 e meio quilómetros desta vila antiquíssima, tanto que se diz haver sido fundada e seguida à rendição de Troia, e que forma como que uma península, cercada pelos dois rios – Minho a N. e N. O. E Coura a L. – na freguesia de S.Paio, fica situada esta magnífica praia de banhos, que costuma ser uma das mais concorridas da província em todas as épocas, e tanto que foi dotada com apeadeiro próprio, na linha férrea do Minho, o qual fica entre as estações de Âncora e de Caminha.

Tanto a praia propriamente dita, como a vila sede do concelho, constituem uma estância para a estação calma de uma excepcional beleza, uma e outra oferecendo não poucas comodidades. As belas estradas da região, as margens pitorescas do Minho e do Coura, a Ínsua com a sua velha fortaleza, hoje por assim dizer inerte, e em volta de tudo isto algumas das mais lindas aldeias do país, tudo concorre poderosamente para deleitar o turista. Já do lado da Galiza, a N. descobre-se, de Caminha, a grande eminência chamada de Santa Tecla, também denominada a Amazona do Monte, pelo muito que se assemelha a um peito de mulher. A três minutos fica o frondoso Pinhal de Camarido.

Tanto na praia como na vila há hospedagem para todas as posses, em Caminha o Hotel Luso-Brasileiro, com muito regular serviço, embora sem luxo; bem como a hospedaria da Candida, assim chamada do nome de sua proprietária.

A praia é servida, como já foi dito, pelo apeadeiro de Moledo, que fica apenas a 1 quilómetro.⁵⁷

⁵⁵ MARTINS, Pedro (2011), op. cit., p.33.

⁵⁶ BRITO, Sérgio Palma (2010), op. cit., p. 140.

⁵⁷ Sociedade Propaganda de Portugal (1918), *As Nossas Praias – Indicações Gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa: Tipografia universal do Diário de Notícias, p. 10.

Como uma das principais funções da Repartição de Turismo passava por desenvolver os transportes nacionais e melhorar as ligações internacionais, em 1920 ela foi integrada na recém criada Administração Geral das Estradas e Turismo e o Conselho de Turismo foi extinto.

Um ano depois legislaram-se as comissões de iniciativa que deviam existir « (...) em todas as estâncias hidrológicas e outras (praias, estâncias climatéricas, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo) (...) com o fim de promover o desenvolvimento das estâncias, de modo a proporcionar aos seus frequentadores o meio confortável, higiénico e agradável, quer executando obras de interesse geral (...)»⁵⁸ Mas só em 1923 com o decreto nº 8714, de 14 de março⁵⁹, ficaram estabelecidas as localidades consideradas como estâncias e, por isso, com direito a possuírem uma Comissão de Iniciativa. Apesar de Moledo do Minho ter sido classificado como estância de praia, a sua Comissão de Iniciativa apareceu apenas em 1929⁶⁰.

Entretanto, com o golpe militar de 1926 e a constituição de 1933, que instaurou um novo regime em Portugal, houve necessidade de reformular os órgãos públicos relativos ao turismo.

Sendo assim, em 1927 a Repartição de Turismo passou a designar-se Repartição de Jogos e Turismo, ficando sob a alçada do Ministério do Interior. E o Conselho Nacional de Turismo voltou a ser criado em 1929 com o propósito de inspecionar e orientar a nova repartição⁶¹.

A tentativa de apagamento do legado de reformas deixado pela Primeira República no campo do turismo só se finalizou em 1936, quando um decreto de 31 de dezembro⁶² extinguiu as Comissões de Iniciativa e criou as Juntas de Turismo.

3.2. – AS PRIMEIRAS ESTÂNCIAS BALNEARES PORTUGUESAS

3.2.1. – Os discursos médicos

Se no início do século XVIII a forma de viajar era normalmente itinerante, visitando-se várias cidades e países como acontecia nos *grands tours*, a meio do mesmo século, viajar começou a ser cada vez mais sinónimo de estanciar. Iniciava-se uma tendência de permanência prolongada no mesmo sítio, habitualmente em casas rurais ou fora das grandes cidades, com o objetivo de conviver com a família e tratar da saúde. Estas estadias demoradas em localidades pouco desenvolvidas originaram a necessidade de se criarem infraestruturas que melhorassem o conforto daqueles que lá

⁵⁸ Lei nº 1.152, de 23 de abril de 1921. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/359920>.

⁵⁹ Decreto nº 8.714, de 14 de março de 1923. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/337250>.

⁶⁰ BENTO, Paulo Torres (2015), *História Nossa – Crónicas de tempos Passados por Terras de Caminha e Âncora*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000 pp. 58 e 59 e LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura, p. 112.

⁶¹ BRITO, Sérgio Palma (2010), “A institucionalização do Turismo”, em *Viajar: Viajantes e Turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, p. 141.

⁶² Decreto-lei nº 27.424, de 31 de dezembro de 1936. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/331619>.

permaneciam por longos períodos de tempo, dando início àquilo que hoje apelidamos de estâncias de férias. Bath foi o primeiro local europeu a desenvolver-se em consequência desse fluxo sazonal de pessoas frequentadoras das termas.⁶³

A gradual perda de medo do mar devido ao aparecimento da teologia natural, ao enaltecimento da Holanda como país que conseguiu dominar o oceano, aos relatos dos jovens burgueses que viajavam pela costa europeia, mas principalmente graças aos discursos médicos sobre os benefícios da água do mar levaram a que, para além das estâncias termais, se desenvolvessem as estâncias balneares na Europa. Um fenómeno que se iniciou em Inglaterra, espalhando-se depois pela Holanda, Bélgica (Ostend), Alemanha (Doberan e Travemünde) e França (Boulogne-Sur-Mer, Dieppe e Biarritz).

Em Portugal o despontar das estâncias balneares começou a meio do século XIX quando se juntaram uma série de fatores propícios à deslocação de um maior número de pessoas para fins terapêutico-lúdicos. O primeiro desses fatores foi a propagação dos discursos de médicos portugueses sobre a importância da água salgada para a saúde.

O médico Jacob de Castro Sarmiento, autor do primeiro registo em Portugal sobre o assunto, escreveu uma carta a partir de Londres em 1753 ao Dr. João Mendes Saquet Barbosa, onde narrava o privilégio de Inglaterra por poder usar água salgada para tratamentos médicos: «o grande benefício, que t[inha] recebido toda [aquela] dilatada Ilha do uso da água do mar, curando felizmente muitos achaques crónicos com ela, em forma de banhos e bebida⁶⁴» Na mesma missiva, o médico português indicava as enfermidades nas glândulas, as doenças de pele, a erisipela, a lepra e o escorbuto como maleitas passíveis de repressão através da imersão ou ingestão de água do mar, o que apontava para o contacto com os tratamentos do médico Richard Russel em Brighton que defendia a mesma tese.

Já no início do século XIX surgiram várias publicações que aconselhavam terapia idêntica como o demonstram as obras *Instruções e cautelas practicas sobre a natureza, diferentes especies, virtudes em geral, e uso legitimo das aguas mineraes, principalmente de Caldas; com a noticia daquellas, que são conhecidas em cada huma das Provincias do Reino de Portugal, e o methodo de*

⁶³ BRITO, Sérgio Palma (2003), *Notas sobre a Evolução do Viajar e a formação do Turismo*, Lisboa: Medialivros, 1º volume, p. 24.

⁶⁴ Jacob de Castro Sarmiento, *Apendix ao que se acha escrito na matéria médica do Dr. J. de Castro Sarmiento sobre a natureza, contentos, efeitos e uso prático, em forma de bebida e banhos, das águas das Caldas da Rainha, participado ao público em uma carta escrita ao Dr. João Mendes Saquet Barbosa, sócio da Sociedade Real de Londres, a que se junta o novo método de fazer uso da água do mar, na cura de muitas enfermidades crónicas, em especial nos achaques das glândulas*, Londres, 1753, p. 107 citado em FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*, Lisboa: FLUL, doutoramento em História Contemporânea, pp. 63 e 64.

*preparar as aguas artificiaes*⁶⁵, de Francisco Tavares ou o folheto *Aviso a 'cerca dos banhos do mar, ou direcção precisa a's pessoas que houverem de fazer uso delles*⁶⁶ de autor incógnito com indicações específicas sobre a época do ano e a hora do dia em que seria mais conveniente tomar-se banhos de mar.

As reflexões sobre o uso terapêutico da praia foram deixando de se confinar à esfera médica e passaram cada vez mais para a esfera pública ao figurarem em periódicos. Segundo Rui Cascão, a *Revista Universal Lisbonense*⁶⁷ apresentou nas suas páginas a obra *Guide Médical et hygiénique du baigneur* acabada de publicar, do médico francês Le Couer e o *Diário Ilustrado*⁶⁸ divulgou o *Decálogo dos banhistas*, do higienista austríaco Dr. Kruge, cujos conselhos merecem transcrição:

Não te banharás depois de teres experimentado emoções fortes.
Nem quando o corpo sentir um certo mal estar.
Nunca depois de uma noite de insónia ou de um excesso de fadiga.
E menos depois de teres comido e bebido.
Antes do banho não corras nem te agites.
Não te banhes em sítio de que desconheças a profundidade
Despe-te lentamente, mas apenas despido, mete-te na água.
A primeira coisa que deves fazer é mergulhar a cabeça.
Quando sintas frio, sai da água.
Depois do banho esfrega-te, veste-te de pronto e põe-se em movimento.

Também o artista e caricaturista Bordallo Pinheiro no seu jornal de crónica social, designado *António Maria* satirizava acerca de todos os cuidados que se dizia ser necessário ter antes da toma de

⁶⁵Francisco Tavares, *Instruções e cautelas practicas sobre a natureza, diferentes especies, virtudes em geral, e uso legitimo das aguas mineraes, principalmente de Caldas; com a noticia daquellas, que são conhecidas em cada huma das Provincias do Reino de Portugal, e o methodo de preparar as aguas artificiaes*, Coimbra, Real Imprensa da Universidade, 1810. Citado em Sérgio Palma Brito (2003), pp.237-238.

⁶⁶ *Aviso a 'cerca dos banhos do mar, ou direcção precisa a's pessoas que houverem de fazer uso delles*, Lisboa, Imprensa do Gandra, 1821. Citado em MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 75.

⁶⁷ *Revista Universal Lisbonense*, Ano VI, Nº 17, 17 de Setembro de 1846, p. 194-195, artigo “Banhos-de-mar” em CASCÃO, Rui (2000), “A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear”, em ARAÚJO, Ana Cristina e CRUZ, Maria Helena da, *A Cidade e o Campo: Colectânea de Estudos*, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, p. 333.

⁶⁸ *Diário Ilustrado*, nº 10 969, 14 de setembro de 1903, p. 3. Citado em CASCÃO, Rui (2000), “A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear”, em ARAÚJO, Ana Cristina e CRUZ, Maria Helena da, *A Cidade e o Campo: Colectânea de Estudos*, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, pp. 334 e 335.

banhos de mar:

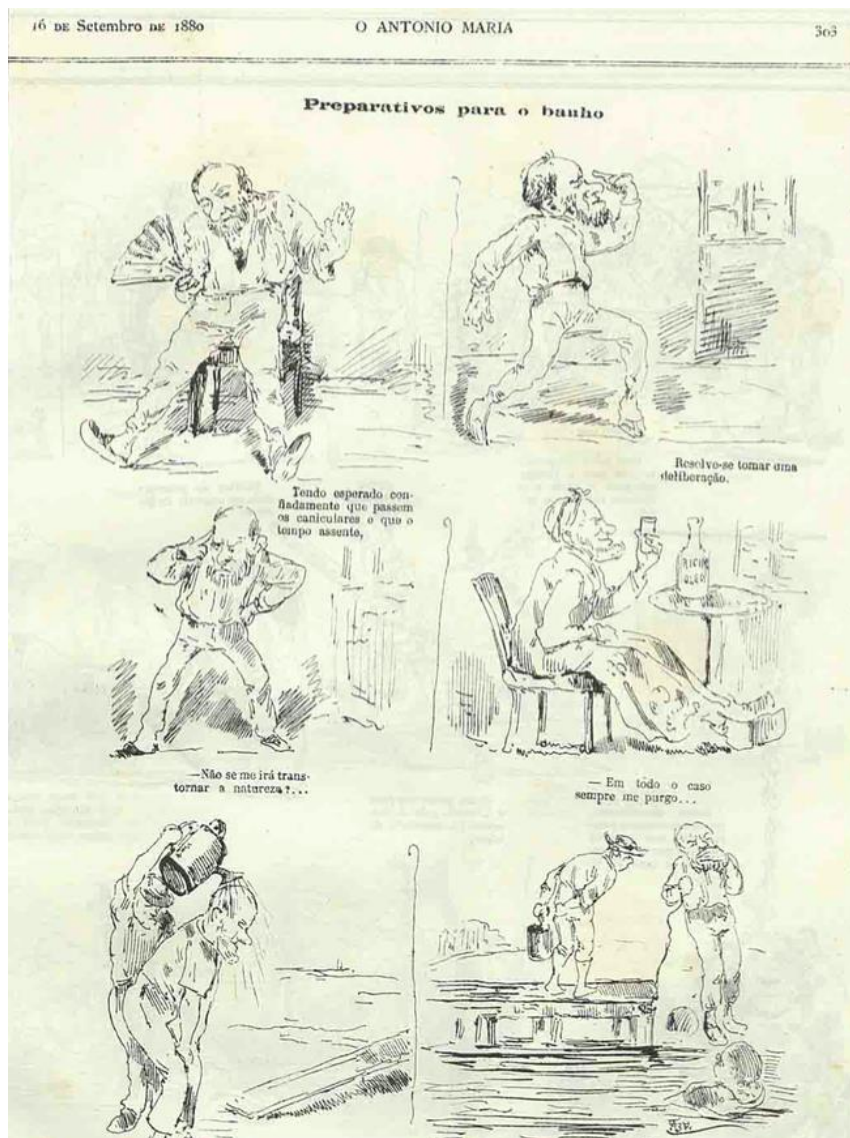


Figura 3.3. Caricatura de Rafael Bordallo Pinheiro sobre os preparativos da toma de banhos, Lisboa, 1880.

Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_master/OAntonioMariaN31N83.pdf.



Figura 4.3.: Caricatura de Rafael Bordallo Pinheiro sobre as razões de toma de banho de mar, Lisboa, 1880.

Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_master/OAntonioMariaN31N83.pdf.



Figura 5.3.: Caricatura de Rafael Bordallo Pinheiro sobre os tipos de banhistas portugueses.

Fonte: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1880/1880_master/OAntonioMariaN31N83.pdf.

Ramalho Ortigão, que colaborava no mesmo jornal com o pseudónimo João Ribaixo, foi outro autor a abordar as precauções que os portugueses deviam ter antes, durante e depois do banho no seu livro *Praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*⁶⁹.

As estâncias balneares desenvolveram-se e dinamizaram-se através da ação de dois intervenientes em consonância: os médicos e as elites que as frequentavam recorrentemente e seguiam ao pormenor as suas prescrições e conselhos.

O estanciar em locais próximos do mar começou por ser um hábito aristocrático que se foi alastrando à burguesia a partir da segunda metade do século XIX, quando se estabeleceu o governo de Fontes Pereira de Melo, marcado pela estabilidade política e prosperidade económica depois de um início de século conturbado com as invasões francesas e as guerras civis. Este período de acalmia

⁶⁹ ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto: Livraria Universal, pp. 125-127.

política e social resultou no enriquecimento de uma burguesia ávida por imitar os hábitos da aristocracia, nomeadamente a prática de tomar banhos de mar o que se tornava cada vez mais fácil devido aos melhoramentos das vias de comunicação e ao aparecimento dos caminhos-de-ferro⁷⁰.

3.2.2.- O desenvolvimento dos caminhos-de-ferro

Como já referimos, algumas estâncias balneares portuguesas desenvolveram-se exponencialmente devido à construção de estações de comboios que trouxeram mais frequentadores às suas praias.

Exemplo disso foram a Granja e a Póvoa do Varzim que aumentaram a sua afluência de banhistas depois de estabelecidas as ligações ferroviárias com o Porto, tal como aconteceu nas praias da linha de Cascais quando passou a ser possível viajar até Lisboa através do caminho-de-ferro⁷¹. Já no centro de Portugal, as praias da Figueira da Foz recebiam veraneantes espanhóis em consequência da abertura da linha ferroviária da Beira Alta em 1882 que ligava aquela zona de Portugal a Salamanca⁷². O livro *Sinais de Fogo*, de Jorge de Sena é, aliás, um testemunho ficcionado desse trânsito ao retratar a Figueira da Foz dos anos 30 do século XX, aquando da Guerra Civil espanhola.

O ir à praia transformou-se numa atividade acessível tanto à aristocracia como à burguesia, classes operárias e agricultores que aproveitavam para fazer as suas deslocações ao domingo, o dia de folga habitual.⁷³ A própria direção dos caminhos-de-ferro incitava à viagem ociosa pelo litoral através de reportagens elaboradas pela *Gazeta dos Caminhos de Ferro* dirigida por Leonildo Mendonça e Costa, um dos que viria a ser sócio fundador e presidente da Sociedade de Propaganda de Portugal.

Na primeira década do século XX apareceram também os primeiros bilhetes especificamente para viagens de ida e volta a estâncias balneares e termais, eram os chamados “bilhetes de banhos”⁷⁴. E os primeiros guias de viagens portuguesas coincidiram com o desenvolvimento dos comboios, desde logo a obra *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, de Ramalho Ortigão editada em 1876 que referia a utilização de bilhetes de ida e volta para chegar às praias da Póvoa do Varzim

⁷⁰ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*, tese de doutoramento em História Contemporânea, Lisboa: FLUL, pp. 35 e 36.

⁷¹ CASCÃO, Rui (2000), “A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear”, em ARAÚJO, Ana Cristina e CRUZ, Maria Helena da, *A Cidade e o Campo: Colectânea de Estudos*, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, p. 339.

⁷² MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), *A Construção Social da Praia*, Guimarães: IDEAL Artes Gráficas, p. 69.

⁷³ MARTINS, Pedro (2011), op.cit., p. 65.

⁷⁴ FERREIRA, Carlos Cardoso e SIMÕES, José Manuel (2010), “Portugal Turístico ao tempo da I República: Espaços, lugares e projectos”, em *Viajar, viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, p. 78.

ou de Setúbal:

Entre esta multidão que permanece na Póvoa durante um, dois ou três meses, figuram ainda os *touristes* que fazem a viagem circulatoria do Minho e se demoram poucos dias, os visitantes do Porto que chegam nos domingos com os seus bilhetes de ida e volta.⁷⁵ (...)

Setúbal fica a sete léguas de Lisboa. A viagem faz-se com grande comodidade entre as duas cidades atravessando o Tejo e tomando o caminho-de-ferro de sueste. Pode-se fazer a ida e volta no mesmo dia⁷⁶.

E descrevia a utilidade do caminho-de-ferro para conhecer as praias de Vila de Conde:

A uma hora do Porto pelo caminho-de-ferro da Póvoa, cuja linha é cortada por entre espessos pinheirais, Vila do Conde descobre-se repentinamente (...).⁷⁷

Ou ainda as disputas entre os frequentadores da Granja e de Espinho e os benefícios da construção de uma estação de comboios na última localidade:

Por mais de uma vez encontrei no caminho de ferro do Porto, dentro do mesmo compartimento, uma família de Espinho e uma família da Granja, e fiz então uma ideia do aspecto que deviam ter, postas cara a cara, a família Coppuletti e a família Montecchi. Os homens não se encaram. As senhoras não se examinam senão com um olhar oblíquo e debaixo para cima, desde o bico do pé até ao contorno do hombro. (...)

Pequena povoação de pescadores do concelho da Feira, no districto de Aveiro, Espinho deve aos caminhos-de-ferro o seu aspecto actual⁷⁸.

Não esquecendo também a descrição das gentes que frequentavam as carruagens:

Um dia passávamos na Sophia dentro de uma das carroagens americanas que fazem o serviço da estação do caminho de ferro. No banco que ficava adiante do nosso sentava-se uma senhora de dezoito a vinte anos, com aspecto de uma pessoa bem educada, a qual tinha ido esperar à gare um sujeito idoso, de óculos, que se sentava junto d'ella⁷⁹.

⁷⁵ ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto: Livraria Universal, p. 52.

⁷⁶ Idem, p. 110.

⁷⁷ Idem, p. 85.

⁷⁸ Idem, p. 89.

⁷⁹ ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto: Livraria Universal, p. 105.

3.2.3. – A passagem da praia terapêutica para a praia lúdica

Os banhos terapêuticos normalmente receitados às mulheres e crianças frágeis da elite davam o mote à estadia de várias famílias junto à praia que, com o passar do tempo, deixou de ser apenas local de enfermos ou debilitados a entrar e a sair do mar com relativa rapidez, para passar a afirmar-se como espaço de sociabilidade. Para isso, muito contribuiu a mudança, em 1870, da corte portuguesa para Cascais cuja vida junto ao litoral, aristocratas e burgueses desejavam replicar.

Os pretextos para a imersão na água salgada alargaram-se e já não era necessário sofrer-se de uma maleita para se frequentar a praia e molhar o corpo, o que atraía cada vez mais pessoas dos grandes centros urbanos até à costa. O areal transformava-se num palco social, onde as famílias permaneciam por mais tempo do que o que demorava a preparação, efetuação e o pós banho de mar.

Nas áreas junto à praia também se desenvolviam espaços lúdicos numa tentativa de transportar os espaços recreativos citadinos para os meios ainda pouco urbanizados do litoral, de modo a prolongar e manter as atividades e relações sociais estabelecidas na praia. Surgiam os clubes, assembleias, casinos e cafés de praia para onde os banhistas se deslocavam e jogavam uma partida de cartas ou dançavam num baile.⁸⁰

O ir à praia correspondia a uma forma de distinção social, na medida em que espelhava a disponibilidade de deslocação, estimulava a preocupação com a aparência e encorajava a exibição de práticas específicas de cada grupo social.

Qualquer estância balnear possuía o seu público específico e, normalmente, consoante o tipo de pessoas e os equipamentos urbanísticos que ofereciam, as praias eram classificadas como «mais elegantes ou mais obscuras»⁸¹.

3.2.4. – As praias mais frequentadas a norte, centro e sul de Portugal

A existência de uma expressiva comunidade inglesa em Lisboa e no Porto influenciou, na segunda metade do século XIX, o desenvolvimento das estâncias balneares nos arredores daquelas duas cidades⁸².

Na capital, onde as praias eram frequentadas maioritariamente em Setembro⁸³, lisboetas de várias classes sociais distribuíam-se entre Belém e Cascais.

⁸⁰ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), op. cit., p. 73.

⁸¹ HENRIQUES, Eduardo Brito e LOUSADA, Maria Alexandre (2010), “Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A arte de ser turista”, em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional paras as Comemorações do Centenário da República, p. 113.

⁸² LOUSADA, Maria Alexandra (2010), “Viajantes e Turistas. Portugal, 1850-1926” em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional paras as Comemorações do Centenário da República, pp. 67-68.

A praia da torre, por se localizar junto à Torre de Belém, a primeira a norte de Lisboa, era um espaço cheio de cor e animação, albergando um sem número de barracas que inspiravam «(...) sob o sol uma grande mancha alegre, ridente, cheia de luz, no meio da areia fulva.⁸⁴».

Logo a seguir, aparecia Pedrouços considerada a praia burocrática, onde se reuniam « (...) chefes de secretaria, officiaes, amanuenses, tabelliães, guarda-livros, caixeiros de escriptorio, escrivães (...)»⁸⁵ que alugavam casas muito próximas, formando uma verdadeira repartição pública naquela estância, refletindo a urbanidade lisboeta.

Depois, confinada a uma rua, surgia a estância de Paço d'Arcos local de pousio dos aristocratas portugueses e de alguns espanhóis que animavam as noites no club local frequentado apenas pelos sócios cumpridores do pagamento das quotas e por estrangeiros convidados.

Seguia-se a praia de Cascais, o sítio mais *chic* para se ir a banhos no Portugal do final do século XIX, com acesso assegurado por barco ou estrada e vários estabelecimentos que a tornavam mais apetecível que as praias supracitadas, nomeadamente, um club, «(...)três hotéis, um teatro e uma praça de touros(...)»⁸⁶, todos frequentados pelos detentores de challets, várias famílias privilegiadas e até pelo rei D. Carlos I.

Por seu lado, as praias mais concorridas no século XIX localizadas junto ao Porto estendiam-se a norte e a sul da cidade invicta.

Na Foz assentava o primeiro areal próximo da cidade que, começando a ser cada vez mais ocupado, tanto por famílias locais como pela população periférica, acabou por se tornar um bairro da cidade com três hospedarias e servida de transporte por carroção que «(...) era um pequeno prédio, com quatro rodas, puxado por uma junta de bois. Dentro havia duas bancadas paralelas em que sentavam os viajantes.⁸⁷».

Leça da Palmeira era mais frequentada pela colónia inglesa que se fixara no norte de Portugal devido ao comércio dos vinhos do Porto. Era esta colónia que animava aquela estância servida por dois hotéis e, a partir de 1884, por um clube onde os banhistas se reuniam para socializar.

Vila do Conde estendeu-se até ao litoral ainda na primeira metade do século XIX com a abertura da rua de banhos⁸⁸ que ligava a praia ao centro urbano. Em 1875, a inauguração da linha de

⁸³ CAVACO, Carminda (1980), “*O Turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais*”, em *Estudos Italianos em Portugal*, nº 40-42, Lisboa, pp. 204.

⁸⁴ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit., p. 73.

⁸⁵ Idem, p. 41.

⁸⁶ Idem, p. 80.

⁸⁷ Idem, p. 25.

⁸⁸ MIRANDA, Marta da Conceição Alves Pereira Tavares (2015), *O Bairro Balnear: Contributos para a História Contemporânea de Vila do Conde (1866-1936)*, dissertação de Mestrado em História e Património – Estudos locais e regionais, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, p. 20.

caminho-de-ferro do Porto até à Póvoa do Varzim permitiu o aumento de banhistas que se podiam instalar nos dois hotéis existentes⁸⁹.

Para a Póvoa do Varzim deslocava-se a maior parte das pessoas do Minho, num areal que recebia visitas tanto de lavradores, como de juizes de povoações circunvizinhas. Era uma das praias mais concorridas do país com oferta de lojas de vária índole e de locais de convívio como tabernas ou cafés. O jogo consistia numa das formas preferidas de passar o tempo, apesar de ser uma prática ilegal:

Homens de todas as condições sociaes, proprietários, funcinários públicos, capitalistas, professores, literatos, militares com os seus uniformes, sacerdotes com as suas coroas. Como o jogo é proibido, como a casa de tavolagem se considera secreta, como há uma entrada misteriosa, cada um se julga ao abrigo da notoriedade e todo o mundo joga⁹⁰.

A Sul do Porto, ficava a Granja, uma estância balnear com estação de caminho de ferro construída por iniciativa privada de um negociante de vinhos, residente na cidade do Porto, chamado Fructuoso José da Silva Ayres⁹¹ e detentor da quinta que ocupava a maior parte da área da Granja. O seu espírito empreendedor levou-o a vender os terrenos e a estabelecer um plano de urbanização que foi seguido ao pormenor. Foi o responsável pela construção das principais ruas da localidade, pelo abastecimento público de águas e pela edificação do Hotel da Granja, do mercado e da Assembleia. A iniciativa privada foi tão determinante na urbanização desta estância balnear que a sua toponímia espelha os burgueses protagonistas de tal empreendimento.⁹² Como se torna perceptível, esta estância nascia e morria no verão já que quando Silva Ayres começou as suas diligências não havia praticamente população local. Sendo assim, todas as famílias de banhistas se conheciam:

Os banhistas da Granja conhecem-se todos, apertam-se todos a mão, frequentam as casas uns dos outros, vivem finalmente em família. É tão agradável isto que custa às vezes a suportar.

(...)

Na Granja desde que o banhista salta do wagon à gare, estreitado nos braços da colonia, até que salta da gare ao wagon, solto dos braços da mesma colónia, o seu destino impreterível, é

⁸⁹ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit. , p. 87.

⁹⁰ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit., p. 52.

⁹¹ GOMES, Maria João Santos da Cunha (1998), *Praia da Granja 1860-1950. Génese, Apogeu e Declínio de uma estância recreativo-balnear*, dissertação de mestrado em História de Arte, Teorias da Conservação e Restauros do Património Artístico, Porto: Universidade Lusíada, p. 29. Mas em ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit., p. 63, a mesma pessoa é designada de José Fructuoso Ayres de Gouveia.

⁹² GOMES, Maria João Santos da Cunha (1998), op. cit., p. 32.

viver ali simplesmente, agradavelmente, sem exigências de aparato e de luxo, saudavelmente, divertidamente, mas sempre — em família.⁹³

Outra das praias a sul do Porto que se destacava no século XIX era a de Espinho. Os seus frequentadores, acérrimos defensores daquela estância, consideravam os banhistas de outras praias inimigos ou adversários⁹⁴. Com três hotéis e várias casas para alugar, Espinho era local de pousio de famílias de várias classes sociais que compareciam no clube, mas não se misturavam:

As categorias porém reúnem-se mas não se baralham, a não ser, provisoriamente, nas figuras das quadrilhas. Acabada a contradança os grupos delimitam as suas fronteiras, descentralizam-se, e cada círculo fica tendo a sua existência própria, independente e autónoma⁹⁵.

No centro de Portugal, a Figueira da Foz albergava a maior parte das famílias da Beira e os estudantes da Universidade de Coimbra que ocupavam as suas praias normalmente no mês de setembro⁹⁶. A vila possuía, no final do século XIX, dois clubes, três hotéis e uma praça de touros.

A maior parte destas vilas aumentava exponencialmente o seu volume de população durante a época balnear o que lhes trazia benefícios económicos e, por esse motivo, as decisões políticas relacionadas com a sua urbanização e desenvolvimento tinham em conta o seu carácter sazonal. A construção de edifícios e infraestruturas que atraíssem cada vez mais banhistas podia ser uma forma destes locais se destacarem em relação a outras cidades e vilas do país⁹⁷.

3.2.5. – Urbanização das praias de Portugal

A Primeira República, regime em vigor em Portugal de 1910 a 1926, marcou as primeiras tentativas de institucionalização do turismo e de urbanização e classificação das várias estâncias de turismo, como já foi referido anteriormente.

A lei número 1.152, publicada no Diário da República, no dia 23 de abril de 1921, que criou as Comissões de Iniciativa⁹⁸ estipulava que dela fizesse parte, como um dos vogais, «(...) um chefe

⁹³ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit., pp. 65 e 69.

⁹⁴ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op cit., p. 89.

⁹⁵ Idem, p. 92.

⁹⁶ CAVACO, Carminda (1980), op. cit, pp. 206.

⁹⁷ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), op. cit., pp. 140 e 141.

⁹⁸ Segundo o decreto nº 8.714 de 14 de março de 1923, as localidades classificadas como estâncias de praia, climatéricas, de altitude, de repouso e de turismo e por isso passíveis de possuir uma Comissão de Iniciativa eram as seguintes: Aguda, Albufeira, Algés, Ancora, Apúlia, Areia Branca, Armação de Pêra, Arrábida, Buarcos, Cacela, Carcavelos, Caxias, Cezimbra, Consolação, Baleal, S. Bernardino, Costa da Caparica, Costa Nova, Barra, Dafundo, Esposende, Ericeira, Espinho, S. João do Estoril, Estoril, Figueira da Foz, Foz do Arelho, Foz, Miradouro, Granja, Lagos, S. Roque, D. Ana, Estudantes, Pinhão, Entre Santos, Leça da

de conservação das obras da área respectiva⁹⁹». No artigo terceiro da mesma lei lê-se que «As Comissões de Iniciativa podem executar obras e realizar quaisquer melhoramentos em locais dependentes da ação do Governo ou das corporações administrativas, quando os respetivos projetos forem aprovados por aquelas entidades, não ficando, porém, estas ou quaisquer outras obras ou melhoramentos sujeitos ao pagamento de qualquer taxa ou licença», o que revelava a vontade de urbanizar e desenvolver as estâncias turísticas através da ação das Comissões de Iniciativa que eram um órgão público com propensão para o desenvolvimento local.

Cerca de um ano depois, num decreto de 24 de fevereiro de 1922¹⁰⁰ que regularizava o funcionamento daquelas Comissões de Iniciativa, verificava-se, no artigo quinto, que a elas competia, entre outras diligências, «traçar e propor planos e projetos de melhoramentos» e todas os projetos de obras propostas pela Comissões de Iniciativa deviam ser constituídos em duplicado por: «1.º uma planta topográfica da região na escala mínima de 1/10 000, orientada segundo a linha norte-sul astronómica, sendo nela indicada a posição rigorosa da obra a executar; 2.º planta, alçados e cortes dos trabalhos e obras a executar, na escala mínima de 1/100; 3.º uma memória descritiva da obra, modo da sua execução a empregar o orçamento.»

Apesar de estar estabelecido que as Comissões de Iniciativa tinham liberdade para proceder a obras sempre que fosse necessário, foram raros os planos de construção conjunta apresentados sob a sua alçada. Contam-se apenas o do arquiteto Ezequiel de Campos, autor do plano geral da estância balnear da Póvoa do Varzim¹⁰¹ em 1920 e o de Moledo elaborado pelo arquiteto Carlos Ramos, em 1929, ano de criação da Comissão de Iniciativa local. Embora nenhum dos dois tenha sido posto em prática, o Plano Geral de Melhoramentos de Moledo foi considerado por Margarida Sousa Lôbo como «(...) precursor de uma série de ações de ordenamento de praias e termas que se vêm a desenvolver ao longo das décadas seguintes.¹⁰²»

Palmeira, Moledo, Monte Gordo, Montedor, Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Peniche, Pedrouços, Per-o-Corvo, Póvoa do Varzim, Nazaré, Praia das Maças, Praia da Rocha, Quarteira, Santa Cruz, Santo Amaro, S. Martinho, S. Pedro de Muel, S. Julião, Sines, Sur, Ferreira, Trafaria, Viana do Castelo, Vieira, Vila do Conde, Vila Nova de Mil Fontes, Ílhavo, Mira, Almogrove, Zambujeira, Nossa Senhora da Luz, Manteigas, Serra da Estrela, Guarda, Povoação de Paredes, freguesia de Guardão, Porto, Braga, Coimbra, Viseu, Alcobaça, Batalha, Tomar, Mafra, Lisboa, Sintra, Setúbal, Évora.

⁹⁹ Artigo 2ª da Lei nº 1.152, de 23 de abril de 1921. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/359920>.

¹⁰⁰ Decreto nº 8.046, de 24 de fevereiro de 1922. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/569347>.

¹⁰¹ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010) op. cit., p. 143.

¹⁰² LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto p. 112.

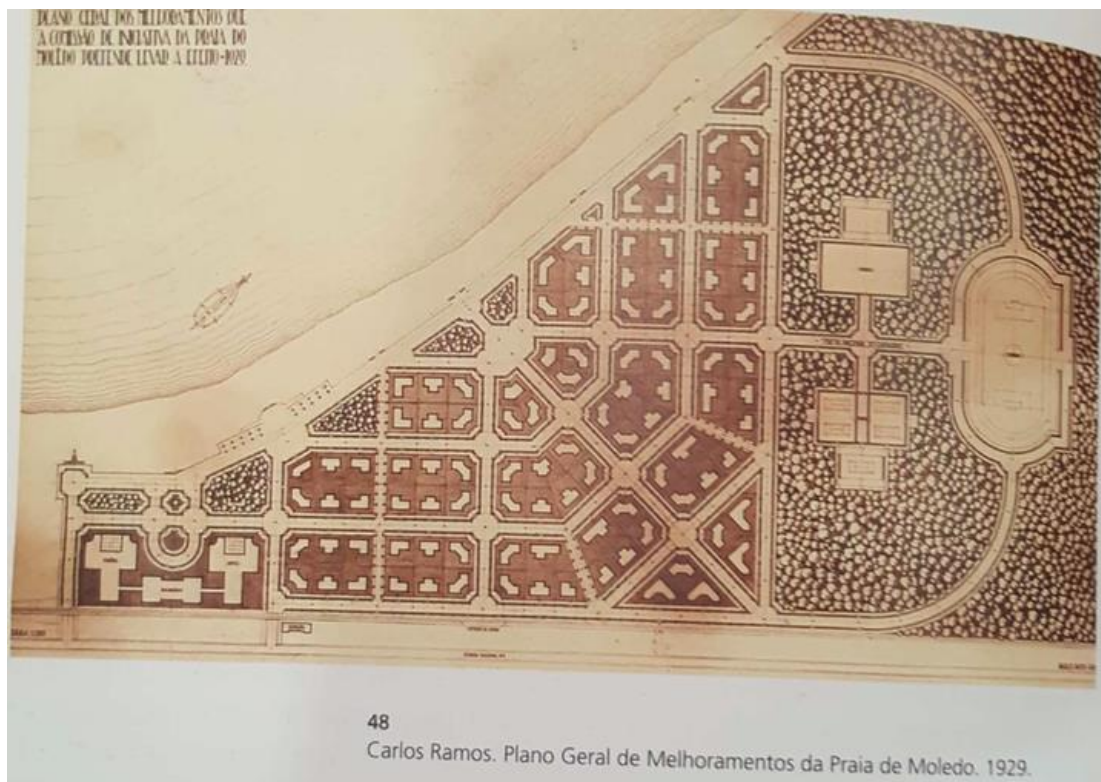


Figura 6.3: Plano geral de Melhoramentos da Praia de Moledo, 1929.

Fonte: LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto p. 114.

Este plano era delimitado a sul por um casino, um hotel e balneários e a norte, junto ao pinhal do Camarido, por vários campos de jogos. O traçado geométrico e bem organizado da planta é um indício de como seriam os planos das próximas décadas do século XX. Ainda segundo Margarida Sousa Lôbo esta proposta « (...) revela uma capacidade de conceber um traçado urbano de composição muito cuidada, com carácter, regrado, num formalismo que prenuncia as propostas modernistas que se vão seguir na década de trinta.»

Duarte Pacheco, ministro das obras públicas desde 1932, foi o grande impulsionador da urbanização de Portugal durante o século XX. Usufruindo das verbas do Fundo do Desemprego, o Ministério das Obras Públicas assistia «(...) pelo trabalho os que dele se encontram privados (...)» conseguindo deste modo obter dois resultados positivos para o país: «reduzir a grandezas ínfimas as percentagens dos trabalhadores e operários desocupados, por motivo da crise, nos diferentes concelhos; por outro lado, pode asseverar-se com legítima satisfação que deste modo se aplicam os recursos do Fundo de Desemprego na criação de riqueza pública.¹⁰³»

O decreto-lei número 24.802 de 21 de dezembro de 1934 instaurava a legislação urbanística num país onde até então a urbanização tinha estado dependente da iniciativa privada. Tornavam-se

¹⁰³ Decreto-lei número 24.802 de 21 de dezembro de 1934. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/447162>.

assim obrigatórios os planos gerais de urbanização para todos os núcleos urbanos considerados de interesse especial (turístico, recreativo, climático, terapêutico, espiritual, histórico ou artístico)¹⁰⁴. A praia do Cabedelo em Viana do Castelo, praia da Rocha, Vieira de Leiria, Monte Gordo, Lagos, Sines, Quarteira, Albufeira e Armação de Pêra foram algumas das zonas alvo de projetos de arquitetos prestigiados¹⁰⁵ durante as décadas de 30 e 40, que tinham como principal prioridade «(...) o desaparecimento ou a alteração significativa do edificado pré-existente, a organização em função do mar e a construção de uma frente marítima urbana¹⁰⁶.»

A década de 60 marcou a fase de explosão do turismo no Algarve e a vinda de cada vez mais estrangeiros, desencadeando o desenvolvimento das localidades próximas às principais praias daquela zona do país com a construção dos primeiros empreendimentos hoteleiros em Vilamoura, Portimão e Lagos, crescimento que só abrandou com a crise petrolífera dos anos 70¹⁰⁷.

3.2.6. –As sociabilidades nas praias portuguesas

Até meados do século XX, a praia foi-se afirmando como espaço de lazer em Portugal começando a ser frequentada não só pelas famílias da elite, mas também pela população local das cidades junto ao litoral, num movimento de transporte dos hábitos recreativos privados para o espaço exterior.

Ver e ser visto era uma consequência e ao mesmo tempo um incentivo das idas à praia, já que havia quem gostasse de mostrar o corpo e o bronzeado que se tornou um fator de distinção social¹⁰⁸ e um sinal de que se tinha flexibilidade de horários e tempo para aproveitar de forma lúdica.

Enquanto as crianças brincavam junto às barracas, as mulheres conversavam ou faziam tricot¹⁰⁹ e os homens desfrutavam do ar livre através da prática de natação, polo aquático ou vela,¹¹⁰ contribuindo para a formação de vários clubes e associações desportivas nas localidades consideradas estâncias balneares (como o caso a Associação Naval e o Gymnásio-Club Figueirense na Figueira da Foz). Para além do desporto, as idas ao café e ao casino, nos locais onde este existia, ou os passeios na avenida em frente ao mar faziam igualmente parte das atividades lúdicas dos banhistas.

¹⁰⁴ Artigo 2º do Decreto-lei número 24.802 de 21 de dezembro de 1934. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/447162>.

¹⁰⁵ Segundo LÔBO, Margarida Souza (1995), op. cit., p. 148, Cristino da Silva, Jacobetty Rosa, Carlos Ramos e Paulo Cunha foram os arquitetos daqueles planos.

¹⁰⁶ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), op. cit., p. 114.

¹⁰⁷ MARTINS, Pedro (2011), op. cit., p. 56.

¹⁰⁸ MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), op.cit., p. 127.

¹⁰⁹ JESUS, Francisco José da Cruz de (1999), *Arquitectura Balnear e Modernidade: O exemplo do Bairro Novo de Santa Catarina da Figueira da Foz 1928-1953*, Tese de Mestrado em História, Lisboa: Universidade Lusíada, p. 112.

¹¹⁰ MARTINS, Pedro (2011), op. cit., p. 81.

À noite os frequentadores da praia encontravam-se normalmente no clube ou associação local¹¹¹ onde se organizavam bailes, festas ou serões de jogos de cartas. As zonas de praia afirmavam-se deste modo como espaços onde se podia concomitantemente usufruir da natureza e aproveitar os momentos de ócio e divertimento que as infraestruturas locais ofereciam.

CAPÍTULO IV – MOLEDO DO MINHO

4.1. – DE PIA DOS BURROS A ESTÂNCIA BALNEAR

4.1.1. – A extensão da freguesia para junto do mar

Até à década de 60 do século XIX, antes de ser construído o primeiro casario junto ao litoral¹¹², Moledo do Minho era um local marcadamente rural, onde o contacto com o mar acontecia por necessidade agrícola. A apanha do sargaço junto à zona de rebentação das ondas, atividade comum naquela zona desde a idade média¹¹³, fazia da praia uma extensão do campo e, por isso, ainda longe de ser alvo de uma ocupação que extrapolasse esse carácter utilitário e aproveitasse as suas características naturais específicas de uma forma terapêutica ou lúdica.

Prova desse distanciamento da praia para outros fins que não os agrícolas, é a primeira crónica que se encontrou¹¹⁴ sobre como e quem frequentava o espaço de Moledo que ficava junto ao mar:

Quem hoje sair de Caminha pela estrada de macadame ou linha férrea em direcção a Viana do Castelo, depois de percorrer dois kilometros e passar o outrora imponente pinhal do Camarido, encontra bordando as margens da estrada um agrupamento de casas, umas altas outras baixas. Pela architectura, pelo limpo da cantaria dos cunhaes e cornijas, pelo branco das paredes, pelas tintas bem vivas das portas e janelas, nota logo que são construcções modernas. Não se engana quem assim pensar. Há bons quarenta anos nada d'isto existia para quem ia e passagem nem mesmo era fácil saber como se chamava aquelle local.

Conhecia-o algum postilhão, algum almocreve, mas com um nome pouco abonatório, - chamavam-lhe *a pia dos burros!*

E o nome tinha razão de ser.

¹¹¹ FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), op. cit., p. 140.

¹¹² BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit., pp. 47 e 48; e AGUILAR, Manuel Busquets (1941), Moledo do Minho, Lisboa: Edição de Autor, p. 37.

¹¹³ CABRAL, João Paulo (2005), “A apanha de algas na ilha da Ínsua (Caminha) nos séculos XVII-XIX. Singularidades e conflitos.” em *Finisterra*, XL, 80, pp. 5-22. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1475/1170>, consultado em: 09/06/2018.

¹¹⁴ BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit., p. 48.

Como disse, passando o grande pinhal do Camarido, pinhal que não tinha a chronica horrorosa do de Escroupim ou Azambuja, mas que certamente não lhe era inferior na imponência e majestade, encontrava um caminho movediço, desigual, arenoso.

Ao lado direito um imenso areal bordado por uma fita branca de espuma e estendo mais a vista o oceano.

Do lado esquerdo, uns outeiros, uns montes, cultivados em tabolleiros, uns pinheiros, uns carvalhos, umas pequeninas casas, muito brancas, sobre-sahindo n'um fundo verde, parecendo guaritas de fadas a espreitarem o mar – era a freguezia de Moledo.

Seguindo a margem direita do caminho, lá adiante, havia uma pia, meio soterrada na areia, para onde corria água guiada por uma telha. N'este caminho era frequente encontrar uns machos de almocreve, que traziam encomendas do Porto e que na volta deviam levar o peixe, muito extenuados, com a língua de fora, forcejando por descer e aproximar-se da pia.

Queriam beber.

O almocreve, ás vezes, ainda vinha longe, retardado por alguma necessidade, e os animaes lá estavam à espera; era ali uma estação de descanso – estavam na *pia dos burros!*

Aquillo era assim um ermo; ninguém precisava d'aquelle sitio, a não ser... os burros!

Mas as coisas deviam mudar.

Já o dizia o amigo banana; Tudo muda com o tempo!

A sciencia descobriu um dia, há muitos anos, que o mar não servia só para aguentar o costado dos navios ou para produzir pescadas; que o mar também podia servir para curar certas doenças quando o doente se metesse por elle d'entro em cuecas e camisola, e este conhecimento chegou felizmente a este cantinho do mundo.

E começou tudo a ir ao mar. (...) ¹¹⁵

Este relato de autor desconhecido foi publicado no jornal *Estrella de Caminha* no ano de 1882 e revelava que uns anos antes, a zona mais próxima da praia de Moledo servia de lavatório aos burros que ajudavam os postilhões (carteiros) e almocreves a transportar as suas mercadorias, não havendo registo de banhistas a frequentar aquele local, o que só começou a acontecer, como se depreende do penúltimo parágrafo, depois da propagação dos discursos médicos acerca dos benefícios dos banhos de mar.

É aliás notório, pela descrição inicial, que existia uma certa separação entre a parte alta (ou o “lado esquerdo”) e a parte baixa (“o lado direito”) da freguesia, a primeira relativamente urbanizada e a segunda completamente natural e sem registo de população para além da que fazia as trocas de bens e correspondência entre cidades e seus respetivos animais.

A estrada de macadame referida na crónica do *Estrella de Caminha* começou a ser construída em 1857 ¹¹⁶ e foi concluída um ano depois, ligando Caminha a Viana do Castelo,

¹¹⁵ *Estrella de Caminha*, 01/08/1882

facilitando a comunicação entre as pessoas dos dois concelhos e permitindo o desenvolvimento dos locais situados ao longo do caminho, como era o caso de Moledo. Sobre esta estrada, D. António da Costa ministro da instrução pública e da marinha e ultramar em dois dos governos da monarquia constitucional, escreveu no seu livro *No Minho*¹¹⁷:

A estrada de caminha a Vianna, já o dissemos, é tida pela mais formosa do Alto Minho. Toda a gente pergunta ao viajante se a viu, e em verdade merece a fama que tem. Durante muito tempo vae seguindo, por entre verdura, n'uma linha recta e alva; o mar acompanha-a sempre à direita com a singularidade de que, em ve de ser marginado de areaes, o é ao contrário de vegetação, de maneira que reúne a grandeza e a severidade de um mar ao encanto e doçura de um rio. Entre a estrada e o oceano, em linha paralela, a extensão de veigas, ora verdes, ora louras, e à nossa esquerda uma variedade de quadros sucessivos.

Passados cinco anos da construção da estrada surge a primeira casa junto à praia de Moledo, mandada edificar por Manuel Alves Casal da Cruz no lugar do Portinho¹¹⁸ (no lado mais a sul do litoral da freguesia).

Não temos informações acerca de quantas mais casas se construíram ao longo da década de sessenta e setenta do século XIX, o que é certo é que em 1876, quando Ramalho Ortigão publicou o livro *Praias de Portugal Guia do Banhista e do Viajante*, a praia de Moledo não figurava em nenhum capítulo. Nem sequer no das praias obscuras, que versava sobre aquelas que estavam em desenvolvimento e eram pouco frequentadas.

Em 1881 a Junta de Freguesia de Moledo procedeu à primeira expropriação de terrenos junto à praia¹¹⁹, demonstrando uma vontade de impulsionar a construção no seu litoral e passados dois anos já se encontravam nas páginas do jornal local *Estrella de Caminha* vários anúncios de arrendamento de casas para a época de banhos:

¹¹⁶ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), op. cit., pp. 81-83; ALVES, Lourenço (1985), *Caminha e o seu Concelho*, Caminha: Câmara Municipal de Caminha; BENTO, Paulo Torres (2015), op.cit.,p. 51 e MATOS, António Carlos Coelho Menezes (2000), *O Impacte do Turismo de Caminha*, Tese de Mestrado em Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 35.

¹¹⁷ COSTA, D. António da (1874), *No Minho*, Lisboa: Imprensa Nacional, p. 246.

¹¹⁸ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), op. cit., p. 37; ALVES, Lourenço (1985), op. cit.; BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit., pp. 47 e 48.

¹¹⁹ Ata da junta de Freguesia de Moledo do Minho, vol. 7, folha 23, citado em AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *Moledo do Minho*, Lisboa, p. 37.

**Venda de cazas
NA PRAIA DE MOLEDO**

VENDEM-SE as casas d'esta praia pertencentes a D. Mariado Espirito Santo Correia, chamadas as casas das Irmãs Hospitaleiras. Quem as pretender pôde dirigir-se ao padre João A. Nogueira Marinho, parcho de Argella, Caminha. 1

Figura 7.4: Anúncio de venda de casas em Moledo.

Fonte: *Estrella de Caminha*, 24/07/1883.



**PRAIA
DE
MOLEDO**

Recommenda-se pelas commodidades que hoje offerece aos srs. banhistas. E' actualmente já habitada por varias familias.

Paragem dos comboyos na estação.

Serviço diario do correio.

Excellentes casas para alugar, completamente mobiladas com commodos para familias numerosas.

Tambem se recebem hospedes.

Já se acha aberto o novo café, com sallas de bilhar e leitura.

Para mais informações dirigir-se a A. Affonso na mesma praia.

Figura 8.4.: Anúncio da praia de Moledo. Existência de comboio, serviço de correio, casas para alugar, café com bilhar e leitura. Informações com A. Affonso.

Fonte: *Estrella de Caminha*, 01/08/1882.

Secção d'annuncios

CAZA
na praia de Moledo

ALUGA-SE uma, com bastantes commodidades para numerosa familia. Trata-se com a sr.^a superiora no hospital de Caminha.

Praia de Moledo

ALUGA-SE uma excellente casa proximo ao Apeadeiro. Trata-se com Antonio Affonso na mesma praia.

Figura 9.4: Anúncios de casa para alugar em Moledo.

Fonte: *Estrella de Caminha*, 30/07/1883

Não temos conhecimento se essas casas eram na zona alta ou baixa da freguesia e portanto não podemos afirmar que já estavam edificadas nos terrenos expropriados pela Junta de Freguesia de Moledo. Mas pode concluir-se que no final do século XIX, Moledo era já considerado um lugar de banhos com comodidades para receber quem quisesse lá estanciar e a praia passava gradualmente de pia dos burros a local frequentado por veraneantes.

4.1.2. A importância dos caminhos-de-ferro

A construção de estação de caminho-de-ferro em Moledo pode ter contribuído para o seu desenvolvimento como aconteceu com outras praias de Portugal, nomeadamente em Espinho ou na Figueira da Foz¹²⁰ no início da primeira metade do século XIX.

Inaugurada em 1878, a linha de comboios que ligava Caminha a Viana do Castelo foi estreada com um comboio onde se deslocava Fontes Pereira de Melo, então Presidente do Conselho de Ministros e Lourenço António de Carvalho, Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria¹²¹.

Na década de 80 do século XIX, os caminhos-de-ferro foram-se afirmando como um meio de transporte imprescindível para a população de Moledo que se mantinha informada acerca do seu funcionamento através do Jornal *Estrella de Caminha*¹²²:

Desde o dia 1 de julho até 30 de novembro do corrente anno, no apeadeiro de Moledo, kilometro 101 da linha do Minho serão vendidos bilhetes de todas as classes e despachadas bagagens para todas as estações da linha do Minho e Douro e vice-versa.

O preço dos bilhetes e transporte de bagagens do apeadeiro de Moledo para as estações do Minho e Douro, será taxado como se a estação de procedência fosse a imediatamente anterior no sentido da marcha do comboio. Igualmente para o preço de bilhetes e transporte de bagagens com destino ao apeadeiro de Moledo serão cobradas as importâncias como se a estação destinatária fosse a imediatamente posterior no sentido da marcha do comboio.

Este aviso de carácter provisório publicado na edição do dia 18 de julho de 1882 e assinado pelo Engenheiro-Diretor dos Caminhos-de-ferro à época, Augusto César Justino Teixeira, informava acerca do preço dos bilhetes de pessoas e bagagens a cobrar entre Junho e Novembro, meses que comportavam a época balnear. O que pode significar que durante esse período o valor das viagens se alterava em relação ao resto da época do ano.

O apeadeiro de caminhos-de-ferro de Moledo era mencionado na publicidade¹²³ que se fazia à praia de Moledo e suas conveniências, revelando a importância que o comboio tinha para a tomada de decisão de se escolher uma praia em detrimento de outra.

¹²⁰ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit., pp. 125-127.

¹²¹ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), op. cit., p. 83.

¹²² *Estrella de Caminha*, 18/07/1882.

Embora o anúncio da figura 8 garanta a existência de serviço diário do correio, a edição de 15 de agosto do mesmo jornal dava conta da ausência de serviços de condução da mala de correio e apelava a que «as providências se não façam esperar, atendendo-se aos interesses das pessoas que ali estão a banhos¹²⁴». A criação deste serviço só veio a acontecer no mês de outubro quando, num domingo, os banhistas de Moledo viram o comboio de correios a parar no apeadeiro, valendo um agradecimento público do Jornal *Estrella de Caminha* ao então diretor dos caminhos-de-ferro, Justino Teixeira:

Os banhistas d'aquella praia foram no domingo agradavelmente surpreendidos pela paragem no apeadouro d'aquella praia dos comboios correios.

Como ha tempo dissemos, tinham representado ao digno director, o distincto engenheiro o ex-mo sr. Justino Teixeira, pedindo aquelle melhoramento a que estão ligados interesses importantes para a companhia e vantagens innumeradas para os banhistas.

A uma e outra cousa attendeu s. ex^a coma a solicitude com que costuma, e hoje os banhistas e habitantes das freguesias limítrofes agradecem a s. ex^a penhoradíssimos mais essa demonstração irrefutável do empenho com que s. ex^a atende aos interesses públicos e procura auxiliar o desenvolvimento d'aquella praia.

Pela nossa parte regosijamo-nos não só pela realização d'aquelle melhoramento, como pela confirmação que obtivemos do que então dissos confiadamente respeito a s. ex^a.¹²⁵ (...)

Mas os problemas com a correspondência continuaram a existir. No ano de 1885, um artigo de autor desconhecido referenciava a falta de lógica que havia no facto da correspondência vinda de sul e destinada a Moledo ter de seguir primeiro para norte, parando em Caminha e só depois, já no comboio descendente, ser despejada em Moledo:

Sentiu-se ali este anno, como nos anteriores, o inconveniente de não haver mala postal directa, de forma que a correspondência fosse recebida a tempo de poder responder-se no comboio descendente, e isso por ter o correio de vir de Caminha. Quer-nos parecer que esse inconveniente é fácil de remediar representando a câmara a tempo ao digno director geral, que de certo se não negará a que a correspondência de Moledo fique ali, em vez de para alli ter de ser remetida depois de Caminha, bem como a que a correspondência seja d'alli remetida pela delegação que ali há.

Pouca despeza exigiria esse melhoramento e seria fácil de obter tanto mais que param os comboios correios na epocha balnear.

¹²³ Ver figura 8.4, página 34.

¹²⁴ *Estrella de Caminha*, 15/08/1882.

¹²⁵ *Estrella de Caminha*, 03/10/1882.

A questão é de boa vontade e zelo por parte da câmara, que devo promover o progresso do município.¹²⁶

O artigo continuava com fortes loas ao empregado do apeadeiro que primava pela simpatia e pelo profissionalismo e, por isso, haveria de ter as competências necessárias para expedir a correspondência a partir daquele apeadeiro, o que ao mesmo tempo folgava a delegação de Caminha:

Como se vê da estatística acima publicada, o rendimento do apeadeiro augmenta e por parte da digna direcção do caminho de ferro, sabemos que esses factos são sempre acolhidos com o melhor desejo de promover quanto possível esse aumento.

Não porá, portanto, dúvida alguma em prontificar-se a coadjuvar o progressivo melhoramento da praia, que se traduz em aumento de receita, tanto mais que estando ali, como está, um empregado, como o sr. Vilhena, que a uma provada ilustração e inexcedível afabilidade para com todos allia o zeloso cumprimento dos seus deveres e a máxima solícitude pelo bom serviço, esse aumento de receita há-de ser cada vez mais significativo como compensação dos benefícios que a praia recebe.

Não descure, pois, a câmara de Caminha os melhoramentos que a praia exige, que o seu zelo ha-de ser largamente compensado pelos benefícios que o commercio local há-de auferir.¹²⁷

Ainda no mesmo texto apresentavam-se as receitas que a estação de caminho-de-ferro de Moledo obteve nos anos de 1883, 1884 e 1885 entre os meses de junho e novembro, ou seja, durante a época balnear:

Junho a novembro de 1883:
Rendimento 275\$570 reis
Peso embarcado 12:074 kilos

Junho a novembro de 1884:
Rendimento 304\$230
Peso embarcado 13:751 kilos

Junho a novembro de 1885:
Rendimento 337\$750 reis
Peso embarcado 17:548 kilos¹²⁸

¹²⁶ *Estrella de Caminha*, 08/12/1885.

¹²⁷ *Idem*.

¹²⁸ *Idem*.

Números que revelam um aumento relativamente constante de rendimento de ano para ano, assim como de peso embarcado, ainda que de 1883 para 1884, o valor de peso embarcado só tenha subido cerca de mil quilogramas e meio.

Estes valores podiam contribuir para que a estação de caminhos-de-ferro da freguesia de Moledo tivesse cada vez mais importância, uma vez que era um apeadeiro com um fluxo de pessoas e mercadorias em crescimento e, portanto, com argumentos suficientes para requerer as exigências que achasse convenientes, como era o caso da necessidade da sua delegação ter autonomia para enviar e receber correspondência.

Não temos informação quanto à data certa em que aquele pedido foi atendido, uma vez que o *Jornal Estrella de Caminha* nada refere sobre o assunto, a não ser no ano de 1892, quando noticia, em edição do dia 5 de junho¹²⁹, que o comboio-correio procedente de Lisboa parava no apeadeiro desde o dia 1 daquele mês. No entanto, ficamos sem perceber se aquela era a primeira vez que a paragem acontecia ou se se tratava apenas de um aviso aos banhistas e população local para que soubessem que a partir de junho podiam receber e enviar correspondência com mais facilidade do que no resto do ano.

No que diz respeito a reivindicações aos Caminhos-de-ferro Portugueses é necessário avançarmos no tempo até 1971 para darmos conta de um outro pedido feito pela Junta de Turismo de Moledo à Câmara Municipal de Caminha para que esta o endereçasse à direção dos caminhos-de-ferro. Solicitava-se então que o comboio que realizava a travessia para Vigo e que regressava à noite parasse na estação de Moledo como era apanágio dos veraneantes que lá estanciavam¹³⁰.

Ainda sobre os preços das viagens de comboio a partir ou até Moledo, temos conhecimento de que no ano de 1905 existiam bilhetes de 2ª e 3ª classe e que para além da paragem em Moledo, fazia-se também uma suspensão da marcha no pinhal Camarido, sinal de que apesar de não possuir apeadeiro, aquele pinhal era também um local de entradas e saídas de passageiros.

¹²⁹ *Estrella de Caminha*, 05/06/1892.

¹³⁰ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 16 de abril de 1971.

Das estações e apeadeiros abaixo indicados às da frente e vice-versa	Classes	Vianna																	
Areosa (apeadeiro)	2. ^a	60	Arosa (ap.)																
	3. ^a	40																	
Montedor	2. ^a	80	60	Montedor															
	3. ^a	50	40																
Afffe	2. ^a	120	70	60	Afffe														
	3. ^a	60	40	40															
Gontinhães (paragem)	2. ^a	140	120	80	60	Gontinhães (paragem)													
	3. ^a	80	60	50	40														
Ancora	2. ^a	160	120	80	60	60	Ancora												
	3. ^a	90	70	50	40	40													
Moledo (apeadeiro)	2. ^a	180	160	120	80	60	60	Moledo (ap.)											
	3. ^a	110	90	70	50	40	40												
Camarido (paragem)	2. ^a	200	180	140	120	70	60	60	Camarido (paragem)										
	3. ^a	120	100	70	60	40	40	40											
Caminha	2. ^a	220	180	160	120	80	80	60	60	Caminha									
	3. ^a	130	110	90	70	50	50	40	40										
Coura (paragem)	2. ^a	240	200	180	140	100	80	60	60	60	Coura (paragem)								
	3. ^a	140	120	100	80	60	50	40	40	40									
Seixas	2. ^a	240	220	180	160	120	120	70	60	60	Seixas								
	3. ^a	140	130	110	90	70	60	40	40	40									
Lanhellas	2. ^a	260	240	200	160	140	120	80	70	60	60	Lanhellas							
	3. ^a	150	140	120	90	80	70	50	40	40	40								
Gondarem	2. ^a	300	260	240	200	160	160	120	80	80	60	60	Gondarem						
	3. ^a	170	150	140	120	90	90	70	60	50	50	40							
Cerveira	2. ^a	330	280	240	220	180	180	140	120	100	80	60	60	Cerveira					
	3. ^a	180	160	150	130	110	110	80	70	60	60	50	40						
Campos (apeadeiro)	2. ^a	360	330	300	260	240	220	180	180	160	140	120	120	80	60	Campos (ap.)			
	3. ^a	210	190	170	160	140	130	110	100	90	80	70	70	50	40				
S. Pedro da Torre	2. ^a	390	360	360	300	280	260	240	220	200	180	180	160	120	100	60	S. Pedro da Torre		
	3. ^a	240	220	200	180	160	160	140	130	120	110	100	90	70	60	40			
Valença	2. ^a	430	410	380	360	330	300	280	240	240	220	200	200	160	140	80	60	Valença	
	3. ^a	260	240	220	210	180	180	160	150	140	130	120	120	90	80	50	40		

PREÇOS DOS BILHETES
(INCLUINDO O IMPOSTO DO SELLO)

Quadro 1.4.: Preço dos bilhetes de comboio na linha de Viana do Castelo-Valença em 1905.

Fonte: *Gazeta dos Caminhos-de-ferro*, 24/04/1905.

Esta tabela de preços publicada na edição da *Gazeta dos Caminhos-de-ferro* do dia 24 de abril de 1905 relativa às viagens entre Viana do Castelo e Valença mostra que os preços dos bilhetes até Moledo variavam entre os 280 reis (se a viagem fosse a partir de Valença em 2ª classe) e os 40 reis (se o itinerário começasse em Âncora ou no Camarido em 3ª classe).

Tendo em conta que o salário médio real em 1905 era de 88 reis na agricultura e de 98 reis na indústria¹³¹ facilmente se conclui que o comboio não era um meio de transporte acessível às classes mais baixas, mesmo se tivermos em conta a existência de bilhetes de 3ª classe, o que nos leva também a pensar que a ida a banhos estava restrita a uma elite com possibilidade de andar nos caminhos-de-ferro ou que possuía carro próprio.

Na mesma publicação fazia-se referência às regras de utilização dos bilhetes, sendo que o passageiro que ocupasse um lugar de classe superior à indicada no seu bilhete, tinha de pagar a diferença de preço segundo a tarifa referida acima, assim como quem fosse para além do destino indicado teria de pagar a diferença entre o destino inicial e o destino em que realmente efetuou a sua saída do comboio.

¹³¹ MARTINS, Andrade Conceição (1997), “Trabalho e Condições de vida em Portugal”, *Análise Social*, vol. XXXII (142), 1997 (3ª), p. 524.

Depois da implantação da Primeira República, começaram a existir bilhetes de domingo e feriados com um preço especial para incentivar os trabalhadores a realizarem viagens recreativas.

Destinos	1.ª classe	2.ª classe	3.ª classe
Ancora	3\$45	2\$48	1\$60
Moledo (Minho).....	3\$72	2\$66	1\$72
Caminha	3\$72	2\$66	1\$72
Valença	4\$54	3\$26	2\$12
Monsão	5\$12	3\$67	2\$39
Arêgos	2\$85	2\$02	1\$32
Moledo (Douro).....	3\$49	2\$49	1\$61
Villa Real.....	4\$51	3\$23	2\$11
Pedras Salgadas.....	5\$72	4\$09	2\$67
Vidago	6\$22	4\$45	2\$89

Quadro 2.4.: Preço dos bilhetes de comboio de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe das estações de S. Bento ou Campanhã até várias localidades do Minho, Douro e Trás-os-Montes.

Fonte: *Gazeta dos Caminhos-de-ferro*, 01/02/1917.

A tabela supra revela os preços das viagens de comboio com partida no Porto todos os domingos e feriados entre os meses de julho a outubro do ano de 1917. Estes bilhetes, que podiam ser adquiridos apenas nas estações do São Bento e Campanhã, mostram que de 1905 para 1917 passou a existir 1.ª classe nas carruagens do Alto Minho, e os valores eram mais comportáveis tendo em conta que o salário médio diário em 1917 era de 60 centavos¹³².

4.1.3 - O desenvolvimento urbanístico de Moledo

4.1.3.1. – As reivindicações do final do século XIX

As famílias que frequentavam a praia de Moledo no final do século XIX constituíam uma das razões para que aquele local se fosse desenvolvendo e começasse a oferecer as comodidades necessárias ao seu conforto, ainda que, para grande indignação do jornal local *Estrella de Caminha*, todos os melhoramentos levassem anos a ser concluídos.

Exemplo disso mesmo foi a instalação, em setembro de 1884, de iluminação na «rua estrada d'aquella praia, satisfazendo assim aos desejos das 20 famílias, que ali se acham a passar a epocha balnear¹³³». Mas estescandeeiros só vieram de facto a dar luz um ano depois, quando «(...) a Exma. Câmara mandou uma lata de petróleo para a iluminação da praia, isto é: para que possam acender-se os três lampeões com que ella foi dotada pela munificência municipal, em tempos que já lá vão! É

¹³² FERRAZ, José Manuel (1975), “O desenvolvimento sócioeconómico durante a I República”, *Análise Social*, segunda série, vol. XI, nº 42/43, pp. 454 – 471.

¹³³ *Estrella de Caminha*, 16/09/1884.

caso para se mandarem repicar os sinos! (...)»¹³⁴. Esta ironia final revela que o tempo de espera foi mais do que o estipulado e que, provavelmente, já ninguém acreditava que aqueles candeeiros seriam alguma vez acesos. O espanto e gratidão dos banhistas levou-os mesmo a querer organizar uma comissão para ir à Câmara agradecer aquele melhoramento da praia:

Os banhistas, segundo nos dizem, vão nomear entre eles uma comissão para ir agradecer à excelentíssima a fineza de mandar-lhes iluminar a retirada, já que à entrada se dignou recebê-los às escuras. É justo, e pela minha parte, por intermedio da dita comissão, envio um arrojado abraço ao digno presidente, que se dignou volver a nos os olhos misericordiosos, ouvindo os nossos rogos e supplicas ardentes. Vale mais tarde do que nunca! Obrigados, muito obrigados, srs. Vereadores, pelo petróleo que nos enviam. Já podemos o menos calmar com a suprema satisfação de quem vê um palma deante do nariz: Eureka! Fez-se a luz!¹³⁵

Ao mesmo tempo que servia de alavanca ao desenvolvimento urbanístico, a presença dos banhistas também impunha algumas restrições no que respeitava aos períodos de construção, já que não convinha que as obras se estendessem aos meses de verão, altura do ano em que Moledo recebia mais famílias que almejavam passar os seus dias à beira-mar sem qualquer tipo de constrangimento, o que nem sempre acontecia. Num artigo de jornal, cujo autor assinava por Fi, solicitava-se à Câmara Municipal de Caminha que continuasse o mais rápido possível as obras na rua que ligava a praia à estrada de macadame, uma vez que já se encontravam no mês de junho e os frequentadores de Moledo estavam prestes a chegar:

Esta encantadora praia, que de anno para anno vae progredindo consideravelmente, graças às excelências da paisagem, amenidade do local e comodidades que oferece aos banhistas, deve ser na presente epocha balnear muitíssimo concorrida.

Já aqui se acham a banhos algumas famílias e estão muitas casas alugadas para o próximo mez.

Tudo nos leva a crer que este anno será esta praia uma das mais concorridas do norte do paiz.

E quem não preferirá esta praia a todas as outras? Pois haverá alguma mais saudável e com bezzas campezinhas superiores às que possui Moledo? Onde será a vida do banhista mais económica, mais franca, mais descansada? Parece-nos que Moledo não deixará de ser preferível a outra qualquer praia, por todos aquelles que desejam durante a epocha dos banhos, descansar de pezadas fadigas longe do ruido das povoações numerosas.

À ilustradíssima câmara de Caminha temos hoje a fazer um pedido, certos de que não será em vão que solicitamos, não só pela muita justiça que elle traduz mas também pela economia que elle encerra e ainda pela economia que resultará da deferência da vereação para

¹³⁴ *Estrella de Caminha*, 19/09/1885.

¹³⁵ *Estrella de Caminha*, 19/09/1885.

com o nosso pedido. De ha muito que estão paradas as obras da rua que conduz da estrada à praia de banhos. O tempo vae destruindo tudo quanto estava feito, de modo que dentro em pouco, continuando as chuvas, ver-se-ha forçada a câmara a fazer nova despeza.

Além disso a epocha de maior concorrência para esta praia aproxima-se e seria para lastimar que a Câmara, para então ainda não tivesses concluídas as obras que encetou.

Parece-nos que as obras devem recommençar imediatamente, por assim o exigir o serviço a bem publico e a dignidade da Câmara. Esperamos que não nos seja necessário voltar a este assumpto.

Fi.¹³⁶

Como se pode constatar, os ganhos económicos que os banhistas podiam trazer para os comerciantes e indústria do concelho serviam de argumento para convencer a Câmara Municipal de Caminha a proceder aos melhoramentos necessários àquela estância balnear, o que nos leva a concluir que no final do século XIX, ainda antes da institucionalização pública do turismo ocorrida durante a Primeira República, já havia consciência de que as localidades que servissem de local de veraneio de famílias podiam colher grandes benefícios económicos.

De assinalar ainda um fator de diferenciação da praia de Moledo em relação a muitas outras da zona norte de Portugal mencionado nesta crónica: o sossego e a serenidade, mais difíceis de encontrar em praias como a da Póvoa do Varzim que Ramalho Ortigão no livro *Praias de Portugal Guia do Banhista e do Viajante* dizia ser o «caravansará dos habitantes no Minho em uso de banhos ou de ar do mar. Nenhuma outra praia oferece tão variada concorrência¹³⁷.»

Em artigo assinado por Chefield Junior, de quem não temos mais informações identitárias, no Jornal *Estrella de Caminha* cerca de um mês depois da crónica de Fi, constata-se que as obras da rua que ligava a estrada de macadame à praia ainda não estavam terminadas. E que, para além desse, havia novos melhoramentos exigidos à Câmara Municipal de Caminha, nomeadamente, a instalação de duas torneiras de água na fonte situada junto à praia, para uso tanto de banhistas como da população local:

(...) Lembramos à exma câmara de Caminha que mande collocar duas torneiras na fonte publica desta praia. As que existiam n'outro ponto ninguém sabe d'ellas, causando grave prejuízo esta falta. Esperamos que a exma câmara tratará de remediar este mal, que sendo de pequena despeza é d'altissima vantagem.

Das obras da rua da praia, falaremos na próxima correspondência, lastimando desde já que ainda se não tenham concluído.

Chefield Junior¹³⁸

¹³⁶ *Estrella de Caminha*, 16/06/1885.

¹³⁷ ORTIGÃO, Ramalho (1876), *op.cit.*, p. 49.

¹³⁸ *Estrella de Caminha*, 14/07/1885.

De facto a população e imprensa locais bem se podiam indignar com o atraso da construção da rua da praia, pois esta continuou interrompida até ao ano de 1891, quando o Jornal *Estrella de Caminha* informou que se iam construir algumas casas junto à praia e que era desfavorável ao desenvolvimento daquela estância a rua que ligava à estrada à praia estar ainda por concluir:

(...) e bom será que a câmara municipal d'esta villa mande concluir a estrada-rua há tantos anos começada. É necessário que a câmara se convença que quanto maior for o progresso das praias, maior será a concorrência, e com esta lucrará o cofre municipal. N'este caso a câmara não gasta capital, empresta-o e d'elle aufere um bom juro¹³⁹.

Não sabemos se foi esta conclusão argumentativa que convenceu a Câmara Municipal de Caminha a acabar aquelas obras, o que é certo é que no mês de julho o mesmo jornal informava que iam «(...) muito adiantados os trabalhos da continuação da rua que partindo da estrada-real de Vianna a esta villa se dirige próximo ao local aonde se tomam os banhos na praia de Moledo (...)»¹⁴⁰.

4.1.3.2. – Os planos de urbanização de Moledo do Minho

Como já referimos, a Primeira República marcou a primeira aposta pública na área do turismo. Para além da Administração Geral das Estradas e Turismo, organismo central que substituiu a Repartição de Turismo, foram criadas na década de 20 do século XX, estruturas locais denominadas Comissões de Iniciativa nas estâncias hidrológicas, de praia, de montanha, de repouso e de turismo com o objetivo de melhorar aqueles locais através quer das obras necessárias, quer de atividades e projetos que aumentassem a quantidade de visitantes.

Este foi um exemplo de descentralização que a Primeira República deu e chegou mesmo a ser considerado «(...) o mais significativo processo de descentralização e de autonomização em relação ao poder central levado a efeito em toda a história do turismo e não encontra paralelo em relação a qualquer outra actividade económica¹⁴¹.»

O financiamento das Comissões de Iniciativa era assegurado através da taxa de turismo que era aplicada sobre os valores pagos nos restaurantes, alojamentos hoteleiros e casas para alugar por períodos inferiores a seis meses nos locais classificados como estâncias¹⁴².

Embora Moledo figurasse na lista de estâncias de praia elaborada em 1923¹⁴³ para efeito de instauração da respetiva Comissão de Iniciativa, só em 1929 é que aquele organismo foi criado naquela localidade.

¹³⁹ *Estrella de Caminha*, 05/05/1891.

¹⁴⁰ *Estrella de Caminha*, 21/07/1891.

¹⁴¹ CUNHA, Licínio A. A. (2010), op. cit., p. 134.

¹⁴² Idem, *ibidem*.

No ano da sua fundação, a Comissão de Iniciativa de Moledo encomendou ao arquiteto Carlos Ramos o primeiro plano urbanístico de melhoramento de uma estância balnear, ideia pioneira que veio inaugurar um conjunto de planos gerais de urbanização elaborados nas décadas seguintes¹⁴⁴ e que tiveram em Duarte Pacheco, ministro das obras públicas de 1932 a 1936, o grande impulsionador.

O Plano Geral de Melhoramento de Moledo¹⁴⁵ era marcado pela perpendicularidade, com as ruas a desenharem-se em torno de uma praça central junto à linha de praia e dois polos de infraestruturas nas pontas norte e sul. No pinhal do Camarido, localizado a norte da praia, encontrava-se um parque desportivo com vários campos de jogos. E a sul, em direção a Vila Praia de Âncora, enquadravam-se um hotel, um casino e balneários com vista mar.¹⁴⁶ Estipulava-se que os edifícios para residência fossem todos idênticos e os jardins junto ao areal eram reflexo da preocupação em criar alguns espaços verdes, para além do já frondoso pinhal do Camarido.

A Comissão de Iniciativa de Moledo exerceu funções até 1936, ano em que por decreto-lei nº 27.424 do dia 31 de dezembro¹⁴⁷, que definia um novo código administrativo, aquele órgão foi extinto em todas as estâncias hidrológicas, climatéricas, de praia, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo e substituído pelas Juntas e Comissões Municipais de Turismo instauradas nas agora chamadas zonas de turismo (antigas estâncias hidrológicas e outras).¹⁴⁸

O financiamento das juntas de turismo continuava a ser assegurado pelo imposto de turismo, cujo regulamento de cobrança e fiscalização ficava a cargo das respetivas Juntas de Freguesia ou Câmaras Municipais¹⁴⁹.

Em 1941, Moledo do Minho voltou a ser alvo de um plano urbanístico. Desta vez concebido pelo arquiteto Moreira da Silva no mesmo local do projeto anterior, mas com algumas diferenças.

A praça em formato de U junto à linha de praia com um casino no seu centro e o campo de jogos junto ao pinhal do Camarido (localizado num sítio de fácil acesso à estrada nacional que ligava Viana do Castelo a Caminha) eram os dois eixos a partir dos quais foram idealizadas as ruas da estância balnear. Estavam planeadas também duas passagens de nível para facilitar o atravessamento

¹⁴³ Decreto nº 8.714, de 14 de março de 1923. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/337250>.

¹⁴⁴ LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p.112.

¹⁴⁵ Ver figura 6.3, página 30.

¹⁴⁶ LÔBO, Margarida Souza (1995), *op. cit.*, p.112.

¹⁴⁷ Decreto lei nº.27.424 de 31 de dezembro de 1936. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/331619>.

¹⁴⁸ BRITO, Sérgio Palma (2010), *op. cit.*, pp. 141.

¹⁴⁹ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha, realizada no dia 08 de fevereiro de 1950.

da linha de caminho de ferro, de modo a que esta não constituísse uma barreira difícil de ultrapassar para os veraneantes que estanciassem na parte alta da freguesia.¹⁵⁰

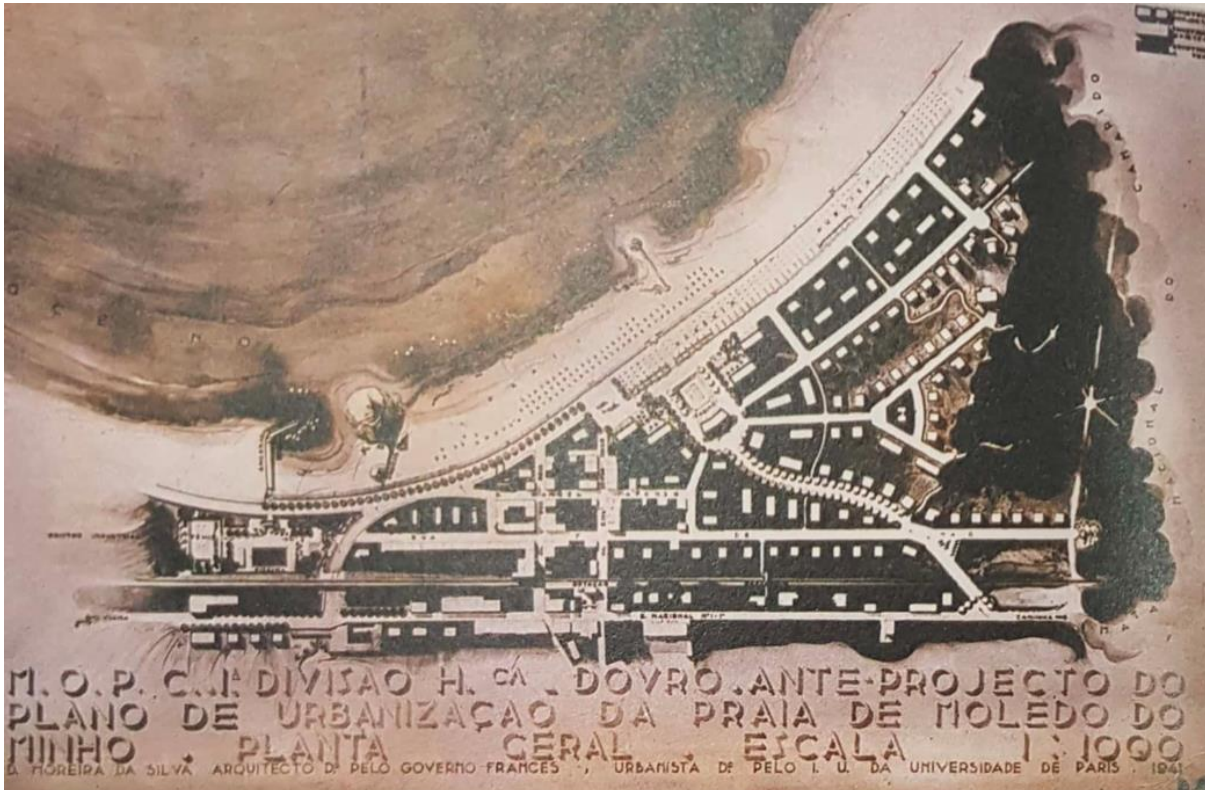


Figura 10.4.: Ante-projecto do plano de Urbanização da Praia de Moledo do Minho da autoria do arquiteto Moreira da Silva. 1941

Fonte: LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p.150

¹⁵⁰ LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p.148.

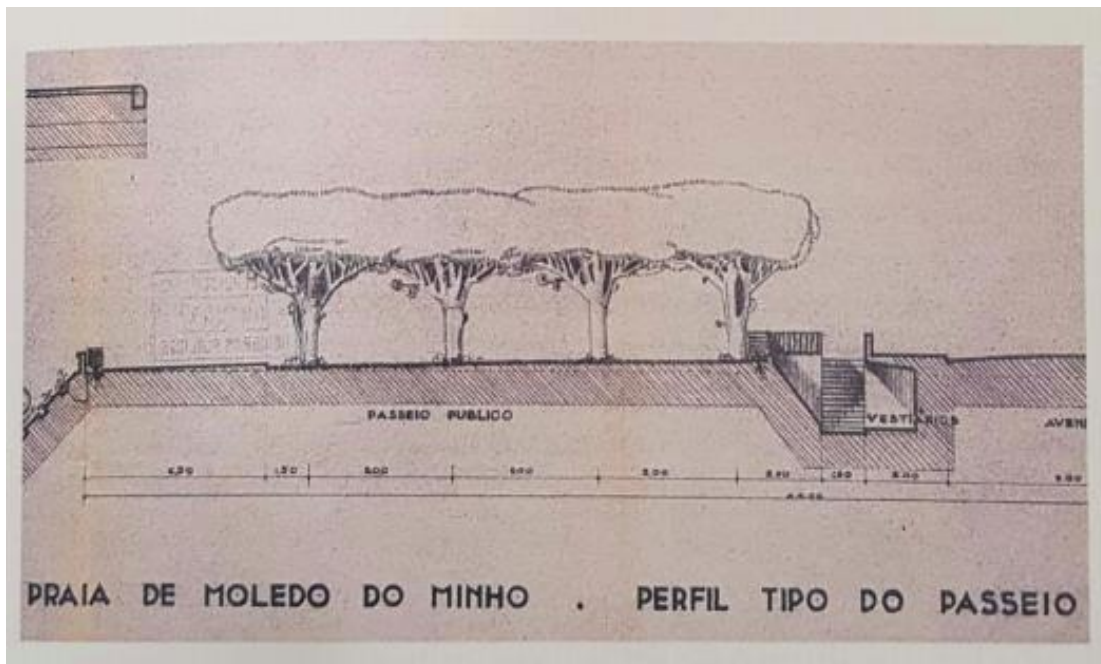


Figura 12.4: Ante-projecto do plano de urbanização da Praia de Moledo do Minho da autoria de Moreira da Silva. Perfil tipo de passeio. 1941

Fonte: LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p.151.

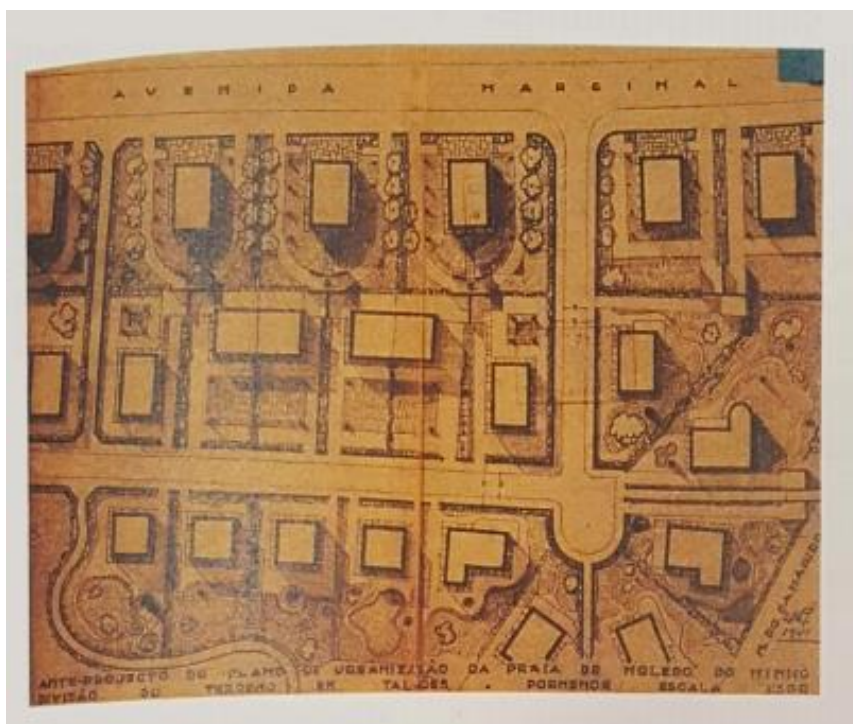


Figura 11.4: Ante-projecto do plano de urbanização da Praia de Moledo do Minho da autoria de Moreira da Silva. 1941.

Fonte: LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, p.151.

Conforme se pode constatar na figura 11.4., os edifícios projetados eram baixos e na sua grande maioria unifamiliares, sendo que os terrenos estavam divididos por talhões que, mais tarde, seriam vendidos em hasta pública como a seguir se contará.

A preocupação com os espaços verdes continuava a estar presente neste projeto de Moreira da Silva, tal qual já havia acontecido em 1929 no plano de Carlos Ramos. Para além das árvores ao longo do passeio público da avenida marginal, as casas não ocupavam todo o talhão, havendo um grande espaço reservado para o jardim. A localização não só dos edifícios residenciais, mas também dos vestiários, projetados em piso subterrâneo¹⁵¹, foi pensada para potencializar o mais possível as vistas para o mar.

Quatro anos depois de Moreira da Silva ter elaborado o ante-projecto do plano de urbanização da praia de Moledo, a Câmara Municipal de Caminha deliberou pedir ao Ministério das Obras Públicas e Comunicações a sua conversão em definitivo, de modo a poder adoptá-lo e proceder então às obras necessárias.¹⁵²

A planta definitiva acabou por ser apresentada pelo Presidente da Câmara Municipal de Caminha em maio de 1946, numa reunião onde também foi decidido unanimemente que aquele organismo contribuiria com 1.000\$00 para auxiliar nas despesas das construções, ficando o resto dos custos a cargo da Junta de Freguesia de Moledo e da Junta de Turismo.¹⁵³

O plano inicial de Moreira da Silva sofreu algumas alterações no decorrer da década de 60 do século XX quando o engenheiro José Luís Blanco, banhista daquela praia, propôs uma revisão do projeto que passava pela supressão de uma das ruas de forma a aumentar o tamanho de uma das fileiras de talhões de terreno para construção.¹⁵⁴ Uma vez que essa rua — que supomos ser a que desembocava mais a oeste na praça de formato em U — estava a ser aberta pela Junta de Turismo que já lá tinha gastado algumas das suas verbas, a aprovação da proposta do engenheiro José Luís Blanco ficou, numa primeira instância, dependente do parecer daquele organismo que concordou com a necessidade de rever a disposição dos talhões, mas opôs-se à supressão do arruamento em causa. Para resolver este impasse, a Câmara Municipal de Caminha enviou a proposta de revisão do anteprojecto do engenheiro José Luís Blanco juntamente com a posição da Junta de Turismo para que a Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização avaliasse o caso.¹⁵⁵

A proposta de revisão acabou por ser aprovada por todas as entidades envolvidas e levou a Câmara Municipal de Caminha a firmar contrato de revisão do antepiano com os arquitetos

¹⁵¹ Ver figura 12.4, página 46.

¹⁵² Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 17 de outubro de 1945.

¹⁵³ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 22 de maio de 1945.

¹⁵⁴ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 14 de novembro de 1959.

¹⁵⁵ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 28 de novembro de 1959.

urbanistas Octávio José Filgueiras e Carlos Alberto Carvalho Dias¹⁵⁶. No dia 12 de Agosto de 1962 foi entregue «(...) a nova planta de trabalho de Revisão do Antepiano de urbanização da praia de Moledo do Minho, para ser de hoje em diante a planta em vigor a consultar para vender os terrenos para construção das moradias de verão nesta praia.»¹⁵⁷

Se se comparar a planta do anteprojecto de 1941 com um mapa atual da zona baixa de Moledo constata-se que apesar do casino e dos vestiários subterrâneos nunca terem sido construídos e embora o campo de jogos esteja quase junto à foz do rio Minho, uns metros mais para sul do que fora idealizado, (não aparecendo no mapa atual que aqui se apresenta), algumas características topográficas como a praça em U e três das quatro ruas que lá desembocavam ou a passagem de nível a ligar a Rua João Baptista da Silva à Avenida de Santana (antiga estrada nacional que ligava Viana do Castelo a Caminha) são vestígios da adoção do plano de Moreira da Silva.

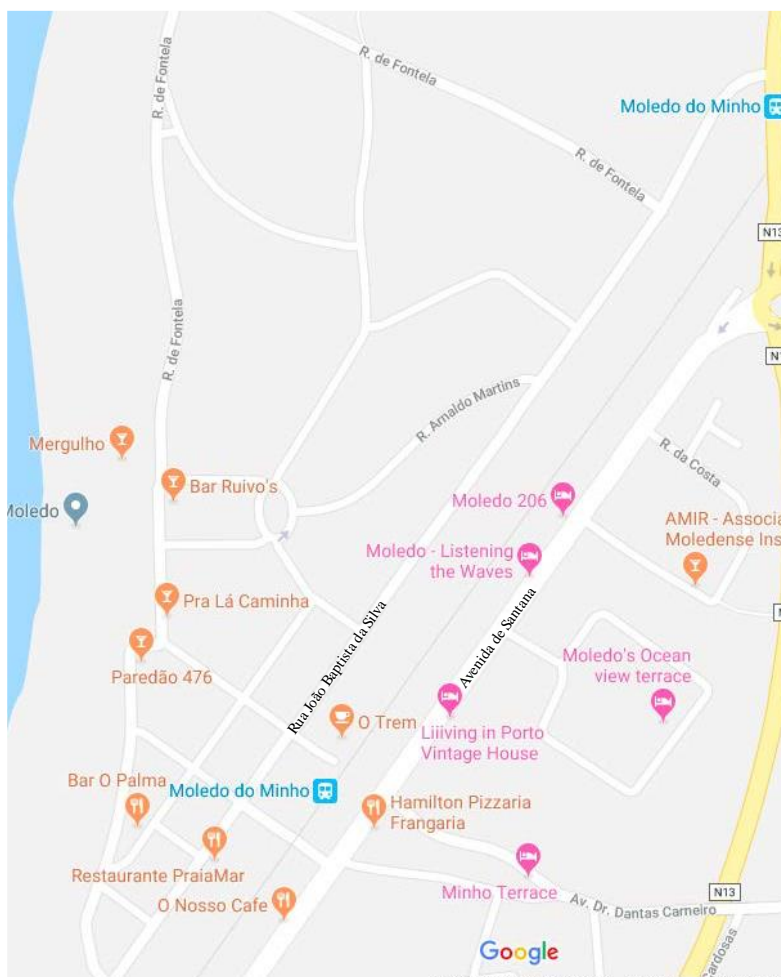


Figura 13.4.: Mapa atual da zona junto à praia de Moledo do Minho.

Fonte: Google Maps, consultado em 02/08/2018.

¹⁵⁶ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 30 de outubro de 1961 e ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha, realizada no dia 04 de abril de 1962.

¹⁵⁷ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 12 de agosto de 1962.

4.1.3.3. – O investimento público no desenvolvimento urbanístico de Moledo do Minho

A expansão urbanística da freguesia de Moledo foi marcada não só por construções privadas na sua maioria unifamiliares, das quais se falará mais adiante, mas também por um investimento público em infraestruturas que melhorassem as condições daquela praia.

Nesse âmbito, as Juntas de Turismo e de Freguesia de Moledo tiveram um papel fundamental pela pressão que exerceram sobre a Câmara Municipal de Caminha para que se pavimentassem ruas¹⁵⁸ ou se construíssem conveniências como um lavadouro junto à praia « (...)de forma a satisfazer as reais e prementes necessidades dos inúmeros banhistas que àquela zona de turismo afluem na época balnear¹⁵⁹.»

Mas também havia casos em que as duas Juntas se desentendiam. Foi o que aconteceu em 1944, quando a Junta de Turismo de Moledo do Minho construiu um campo de jogos, que lhe custou 2.470\$75¹⁶⁰ e o respetivo muro de vedação num terreno que era propriedade da paróquia local e estava sob administração da Junta de Freguesia, levando a que esta pedisse esclarecimentos (infelizmente não se conseguiu obter informação acerca do desfecho desta desavença):

Tendo esta Junta sido informada de uma vedação no campo de jogos de Fontela ser feita sem sua autorização; oficiou ao Senhor Presidente de Turismo de Moledo o seguinte ofício:

Exmo. Sr. Presidente da junta de turismo de Moledo do Minho, Tendo a junta de freguesia da minha presidência, em sua sessão ordinária de hoje, tomado conhecimento de que a junta de turismo da digna presidência de vossa excelência mandou construir um campo de jogos na rua 1 de maio, num terreno que é propriedade paroquial e portanto sob a administração directa da Junta de Freguesia e ainda mandou ultimamente construir um muro de vedação no referido campo de jogos, vedação essa que prolongou em bastantes metros além do recinto que o mesmo campo ali ocupava, resolveu esta junta de freguesia, em presença de tão estranho procedimento, comunicar a vossa excelência o seguinte: Que não tendo esta junta de freguesia alienado a qualquer título, a nenhuma entidade oficial, ou particular, o terreno do referido campo de jogos, nem autorizado a vedação do recinto, que acaba de ser feita e porque deste facto resulta, não só manifesto desprestígio para a junta de Freguesia, única entidade que poderia alienar qualquer parcela de terreno paroquial de harmonia com o que preserva o nº 12 do artigo 255º do código administrativo, mas também e muito principalmente, porque dele resultou graves prejuízos para o interesse do património paroquial e ainda mesmo, porque tal vedação, contraria o fixado na planta de urbanização da praia, rogamos a Vossa Excelência a bem do interesse público e

¹⁵⁸ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 22 de abril de 1953

¹⁵⁹ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 16 de junho de 1956.

¹⁶⁰ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 14 de outubro de 1944.

confiados na justa apreciação e elevado critério de Vossa Excelência se digna informar a esta junta de freguesia do que se lhe vai oferecer sobre tal assunto.¹⁶¹

A construção do parque infantil entre o pinhal do Camarido e a linha de comboio iniciada no dia 10 de março de 1958¹⁶² e o melhoramento de uma rua junto à Igreja de Nossa Senhora de Ao Pé da Cruz em 1956 foram outras das obras públicas realizadas em Moledo do Minho durante a década de 50, esta última com apoios do Estado:

O Senhor Presidente comunicou que foram dados por findos os trabalhos de “Reparação e beneficiação” do Caminho Municipal da Trindade à Igreja de Nossa Senhora de Ao Pé da Cruz, em Moledo, obra que se realizou em regime de comparticipação financeira com o Estado¹⁶³.



Figura 14.4.: Mapa atual da parte alta da freguesia de Moledo.

Fonte: Google Maps, 06/08/2018.

¹⁶¹ Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo realizada no dia 9 de Julho de 1944.

¹⁶² Relatório de visita de fiscalização realizada no dia 17 de março de 1958 pelo Engenheiro José Manuel de Oliveira Valença, Arquivo Distrital de Viana do Castelo, Direcção de Urbanização de Viana do Castelo 1940/1990, Processos de obras 1940/1990, Construção de um Parque Infantil.

¹⁶³ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal realizada no dia 28 de julho de 1956.

Supomos que o caminho municipal mencionado na ata da reunião ordinária da Câmara Municipal do dia 28 de julho de 1956 seja a atual Avenida de Paranhos, uma vez que tanto as Alminhas da Trindade¹⁶⁴ como a Capela da Trindade¹⁶⁵ se localizam muito perto daquela avenida e nenhuma das outras duas ruas que intersectam o largo da capela de Nossa Senhora de Ao Pé da Cruz (a Avenida da Sra. Ao Pé da Cruz e a Rua da Paracoba assinaladas na figura 14.4. com um retângulo preto) segue em direção à zona da Trindade.

Na passagem dos anos 50 para os anos 60, a Junta de Freguesia de Moledo teve de lidar com uma situação complicada por falta de entendimento e comunicação com os Serviços Gerais de Urbanização de Viana do Castelo.

Depois da obra de terraplanagem e regularização de arruamentos na Praia de Moledo ter sido arrematada em 1957 pelo empreiteiro Manuel Martins de Oliveira com um custo estimado de 42.308\$00 escudos pagos pela Junta de Freguesia de Moledo, este resolveu trespassá-la para o construtor civil Carlos José Fernandes em maio do mesmo ano e com o consentimento daquela junta. Os respetivos trabalhos encetaram sob a direção do Engenheiro Diretor de Viana do Castelo e, na altura do seu término, foi apresentada à Junta de Freguesia de Moledo uma conta de 88.433\$30.

Apesar de considerar que não devia arcar com o valor que excedia os 42.308\$00 escudos estipulados no contrato de arrematação, a Junta de Freguesia de Moledo desembolsou mais 33.692\$00 escudos, ficando com os seus cofres quase vazios. O que a levou a endereçar duas cartas¹⁶⁶ para a Direção Geral de Urbanização de Viana do Castelo de modo a que esta a reembolsasse, mas nunca houve resposta às duas missivas. O desentendimento foi resolvido pela Direção Geral dos Serviços de Urbanização de Lisboa para onde aquela Junta também enviou um pedido de ajuda e esclarecimento¹⁶⁷.

Segundo as atas da Câmara Municipal de Caminha e da Junta de Freguesia de Moledo e ainda conforme notícias do *Jornal Caminhense* (a cujas edições só se teve acesso a partir do ano de 1972), até ao 25 de abril de 1974 são de referir três melhoramentos urbanísticos públicos na estância balnear de Moledo: a pavimentação da Avenida Dr. Dantas Carneiro¹⁶⁸ (assinalada com um retângulo vermelho na figura 14.4, página 51), o abastecimento de águas às freguesias de Seixas e Moledo do Minho a partir das captações no Rio Coura¹⁶⁹ e a iluminação do paredão junto à praia e à esplanada com «(...) treze grandes postes com dois braços, que de uma ponta à outra do paredão

¹⁶⁴ http://paroquiamoledo.com/crbst_10.html, consultado em: 07/07/2018.

¹⁶⁵ http://paroquiamoledo.com/crbst_6.html, consultado em: 07/07/2018.

¹⁶⁶ Temos informação de envio de cartas através da leitura das atas da sessão da Junta de Freguesia de Moledo de 9 de julho de 1961 e de 13 de agosto de 1961.

¹⁶⁷ Ata da sessão da Junta de Freguesia do dia 08 de outubro de 1961.

¹⁶⁸ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 29 de maio de 1963.

¹⁶⁹ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 25 de maio de 1969.

iluminação profusamente dentro de breves dias aquela zona da Praia¹⁷⁰.» Esta instalação foi congratulada no *Jornal Caminhense*:

Com grande satisfação dos Moledenses e de todos quantos nesta quadra do ano veraneiam entre nós, foi dado verificar que na noite de 20 de Julho passado, foi posta a funcionar a iluminação da Esplanada da Praia.

Dotada de potentes postes com dois braços em cujas extremidades foram colocadas lâmpadas de mercúrio de excelente projecção luminosa, bem se pode dizer que a partir de agora a noite se torna dia naquela zona da praia, dando-lhe um aspecto nocturno magnífico que visto de longe se torna deslumbrante iluminando profusamente toda a vasta área que lhe dá acesso e bem assim o areal que lhe fica em frente.

(...)

Seria ingrato terminar esta nota, sem endereçar os nossos muito sinceros parabéns à digna Junta de Turismo de Moledo, pela obtenção de tão valioso melhoramento (rogando-lhe para que sem desfalecimentos continue a pugnar pelo engrandecimento da Praia) e um muito obrigado às entidades que a tornaram realidade¹⁷¹.

Dois meses antes do 25 de abril, seriam apresentadas a concurso as construções das ruas G, F, E junto às dunas da praia de Moledo, construção que valeu alguns desacatos entre banhistas e população local, mas disso falar-se-á mais adiante.¹⁷²

4.2. A POPULAÇÃO LOCAL E A SUA RELAÇÃO COM A PRAIA

4.2.1. – Affonso: a figura da praia de Moledo durante o século XIX

Como se pôde constatar nos capítulos anteriores, o desenvolvimento da área de Moledo do Minho junto à praia só se iniciou depois da construção da linha de comboio, que passou também a dividir a freguesia entre a parte alta, onde morava a maior parte da população local e a parte baixa, perto do litoral, com tendência para ser ocupada pelos banhistas. Mas esse desenvolvimento foi acontecendo muito paulatinamente, uma vez que no final do século XIX ainda eram quase inexistentes as construções a oeste da estação de caminho-de-ferro de Moledo do Minho.

Apesar da população local se dedicar maioritariamente à agricultura, o incremento do hábito de ir à praia de Moledo e de estanciar naquele local, motivou os moledenses a dedicarem-se a atividades relacionadas com a época balnear que se constituíam um suplemento para as suas economias como fez, no final do século XIX, Affonso, figura mencionada frequentemente no jornal

¹⁷⁰ *Jornal Caminhense*, 21/05/1972.

¹⁷¹ *Jornal Caminhense*, 05/08/1972.

¹⁷² Ver capítulo 4.5., página 136

Estrella de Caminha pelo seu empreendedorismo e a quem o historiador Paulo Torres Bento dedica uma crónica no livro *História Nossa*¹⁷³.

A primeira alusão a Affonso que encontrámos foi na edição do dia cinco de setembro de 1882 do jornal *Estrella de Caminha*, num artigo sobre Moledo sem autor identificado:

(...) As coisas estavam assim, n'este horrendo estado, até que um dia passou ali um homem.

Este homem olhou para todas as circunstâncias, em que a natureza colocou a praia de Moledo e disse lá de si para si – Ora, esta praia é abrigada dos ventos de terra, quasi toda de areia e com um declive suave; com uma boa estrada de macadame que a põe em fácil comunicação com a vila de Caminha, com uns arredores pitorescos e embalsamados pelo aroma dos pinheiros, utilíssimo em certas doenças!

Esta praia está em condições de vir a ser uma boa praia de banhos.

Mas o peor é não haver pelo menos um bom hotel, ou melhor, quem o faça!

E lá foi com esta idea dormir sobre o caso; conversou com o travesseiro e no dia seguinte

tinha resolvido fazer isto e muito mais.

Agita uma varinha que costuma trazer entre mãos e...zás: salta aqui um hotel com todas as comodidades!

Este homem já o devem ter conhecido.

Se o não conhecem, vou dar-lhe alguns signaes.

É alto, grosso, com uns olhos pequeninos e vivos. Quando está em algum agrupamento é logo notado pela vivacidade e mobilidade da cabeça, olha para todos os lados, cumprimenta todos, vae, vem e torna a ir. Se alguém se vê atrapalhado vae ter com elle e difficilmente ficará o problema sem solução.

Para não estar com mais aquellas:

Se fosse na América era a estas horas titular milionário!

O próprio senhor de Lesseps, que trata de fazer cidades, unir mares, etc. Se soubesse da existência d'este homem associava-se a elle e fazia tudo melhor e mais depressa.

Pois ainda não adivinharam?

É o Affonso!!!

Mas eu não disse tudo o que há a dizer do homem!

Fica para outra vez.¹⁷⁴

¹⁷³ BENTO, Paulo Torres (2015), *História Nossa – Crónicas de tempos Passados por Terras de Caminha e Âncora*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000, pp. 51-53.

¹⁷⁴ *Estrella de Caminha*, 05/09/1882.



Figura 15.4: Anúncio de arrendamento do café «Estrella» em Moledo, 1883.

Fonte: *Estrella de Caminha*, 03/07/1883.

Pelo registo laudatório percebe-se que havia uma grande admiração local por Affonso, considerado um visionário comparável ao «(...) senhor de Lesseps (...)», diplomata e empresário francês conhecido por ter sido um dos principais impulsionadores da construção dos canais de Suez e do Panamá.

Responsável pela abertura do primeiro hotel em Moledo, Affonso posicionava-se como o grande potenciador das qualidades orgânicas daquela praia e a quem todos recorriam em caso de necessidade.

Segundo o mesmo jornal, também era a António Affonso que se devia dirigir quem quisesse arrendar o café “Estrella” durante a época balnear¹⁷⁵. Affonso assegurava ainda, gratuitamente, o serviço postal em Moledo e tinha sido, nos quatro anos anteriores, quem fazia a condução de malas igualmente sem cobrar nenhum valor. Perante isto, o jornal *Estrella de Caminha* publicou um artigo em alertava para a necessidade de renumeração daqueles serviços, de modo a que não só pudessem ser melhorados, como também fosse possível compensar os gastos de Affonso:

¹⁷⁵ Ver figura 15.4.

O serviço postal, à excepção da condução das malas é feito pelo promotor dos melhoramentos d'aquella praia, o sr. Antonio Affonso, e nem mesmo a condução de malas é paga senão ha um ou dois mezes, que tanto ha foi arrematada; antes, era feita gratuitamente tambem por aquelle cavalheiro, há uns quatro anos.

Em vista, porem, do desenvolvimento postal, crêmos que seria de toda a justiça a remuneração d'aquelle serviço, ou pelo menos que fosse concedido ao sr. Antonio Affonso uma compensação dos prejuízos que sofre com a venda de selos e formulas postaes. Submettemos este acto de justiça à apreciação de s. ex^a o sr. Director geral.¹⁷⁶

Parece-nos que o mesmo Antonio Affonso esteve ligado à construção do teatro local juntando-se a outros indivíduos na empreitada, com o objetivo de dotar aquella freguesia de um espaço de distração durante a época balnear. Apesar da notícia que revela o início da obra não mencionar António Affonso, uma edição posterior do mesmo jornal identifica o teatro da freguesia como «(...) teatro Affonso (...)»¹⁷⁷:

Consta-nos que diversos indivíduos da freguezia de Moledo se associaram com o fim de mandarem construir na mesma freguezia na rua de Sant'Anna próximo à estrada uma casa própria para teatro, tendo já a sociedade requerido para o dito fim, aonde na temporada dos banhos poderá qualquer companhia dar algumas recitas, sendo isto um melhoramento, que deve atrahir áquella formosa praia, maior numero de banhistas, os quaes durante a referida temporada, passarão algumas noutes agradáveis.

E bonito ver como a mocidade d'aquella freguezia é apaixonada pela arte dramática.¹⁷⁸

Até que enfim sempre se realizou ante-hontem, 28, a primeira recita de curiosos no novo e elegante teatro Affonso. Como devem imaginar, este facto foi um acontecimento para a praia.

Vieram aqui assistir à recita muitos forasteiros. O novo teatro tem um feitio agradável e está construído com gosto. O Affonso – nome popular e histórico d'esta praia – não se tem poupado aos mais ásperos sacrificios para proporcionar aos banhistas de Moledo, ainda n'esta epocha, a distracção teatral. Foi pois no domingo um dia de verdadeira festa, festa distincta pela inauguração do teatro Affonso.¹⁷⁹

De facto, aquela personalidade assumia-se como alavanca de muitas das atividades recreativas ocorridas em Moledo no final do século XIX para garantir a animação dos banhistas. Como aconteceu em setembro de 1883 ao organizar uma tarde de animação na praia de Moledo que

¹⁷⁶ *Estrella de Caminha*, 03/10/1882.

¹⁷⁷ *Estrella de Caminha*, 30/09/1884.

¹⁷⁸ *Estrella de Caminha*, 20/02/1883.

¹⁷⁹ *Estrella de Caminha*, 30/09/1884.

prometia «(...) iluminação, música, subidas ao mastro de cocagne¹⁸⁰ e até corrida de jericos!!»¹⁸¹ (a mesma notícia dava conta da intenção de se construir uma praça e do número de hóspedes que Affonso tinha em sua casa, que supomos ser o hotel supra mencionado):

Projecta-se, segundo nos informam, para domingo 23 n'esta praia de Moledo uma diversão interessantíssima e que aqui deve chamar grande concorrência.

Não faltará iluminação, música, subidas ao mastro de cocagne e até corrida de jericos!!

O Affonso é incontestavelmente o homem das empresas arrojadas; admira que ainda se não lembrasse de arranjar com que os banhistas pudessem tomar o banho na cama, sem se incomodarem a ir pede calcante pela areia, o que não é das cousas mais agradáveis.

Agora anda elle todo orgulhoso; das rubras faces irradia lhe a alegria intima de quem viu dar já o primeiro passo para a realização do seu sonho dourado: a construção da praça, para a qual, se fizeram já as primeiras expropriações.

A festa anunciada para domingo é o prelúdio da que alli se fará quando principiarem os trabalhos; então sim, que temos festa d'arromba. O Affonso já vai fazendo os seus cálculos... e temos surpresa, oh se temos! O que elle quer é fazer passar alegremente o tempo aos frequentadores da sua querida praia, que já não são poucos este anno a mais do que nos anos anteriores, pela nota que temos aqui ao lado, pois que além de 12 hospedes que vivem na casa do Affonso estão aqui os seguintes cavalheiros (...).¹⁸²

Aquele que pensamos ser o seu filho, António Affonso Júnior, seguiu as pegadas de seu pai ao mandar construir cinco casas junto à estrada que ligava Caminha a Viana do Castelo:

Vae tomando bastante incremento esta pitoresca praia, situada a 3 kilometros ao sul d'esta villa.

O Sr. António Affonso Junior, procurando seguir a rotina de seu pae em promover o desenvolvimento d'esta aprazível praia, onde fixaram há anos a sua residência, mandou alli construir cinco magníficas moradas de casas do lado do nascente e junto à estrada real, as quaes são destinadas para banhistas. O local onde ficam situadas é dos melhores d'aquella praia e informam-nos que estão sendo construídas com a máxima solidez e com as mais confortáveis e melhores comodidades.

Louvamos o interesse e os esforço do sr. Affonso em promover o desenvolvimento da praia de Moledo.¹⁸³

¹⁸⁰ entretenimento que consiste na subida a um mastro de madeira muito alto untado com sebo animal para arrecadar o presente que se encontra no seu topo.

¹⁸¹ *Estrella de Caminha*, 11/09/1883.

¹⁸² *Estrella de Caminha*, 11/09/1883.

¹⁸³ *Estrella de Caminha*, 05/05/1891.

4.2.2 – Atividades comerciais em Moledo

Mas nem só de Affonso vivia a praia de Moledo, eram vários os proprietários que punham as suas casas a arrendar ou até mesmo à venda¹⁸⁴, aproveitando o grande afluxo de veraneantes durante a época balnear. Hábito aliás que, segundo o entrevistado Jorge Fão, de 76 anos, nadador salvador na praia de Moledo de 1970 a 1995 e ex-proprietário de um bar de praia, atualmente reformado, se foi mantendo até ao século XX:

Antes havia muitas pessoas que, no verão, saíam das suas casas para irem morar em barracas. Alugavam-se as casas durante 4 meses. Eram uns anexos e sujeitavam-se. Os meus falecidos pais também alugavam assim...tinham aqui uma casa junto à linha férrea e chegaram a alugar. Naquela altura alugava-se mais tempo¹⁸⁵.

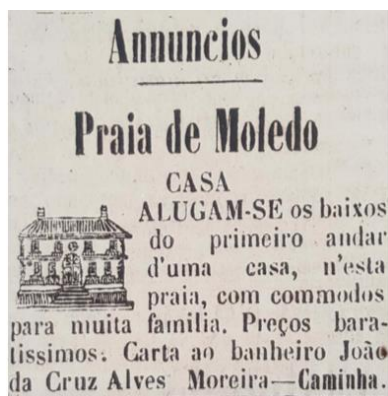


Figura 16.4: Anúncio de aluguer de casa em Moledo.

Fonte: *Estrella de Caminha*, 14/07/1885.



Figura 17.4: Anúncio de venda de casa em Moledo.

Fonte: *Estrella de Caminha*, 23/09/1889.

Desconhecemos se as casas mencionadas nestes anúncios de jornal pertencem a quem estava incumbido de tratar do negócio ou se era apenas entregue aos padres e banheiro a responsabilidade de tratar dos alugueres e vendas, recebendo uma quantia pela diligência. De qualquer das formas,

¹⁸⁴ Ver figuras 16.4 e 17.4, página 57.

¹⁸⁵ Entrevista a Jorge Puga, 07-06-2018, Moledo do Minho.

pode-se referir que, no final do século XIX, as figuras ligadas à igreja ou com atividades públicas como a de banheiro tinham grande protagonismo na freguesia de Moledo.

Outra das personalidades que foi ganhando relevância naquela localidade, por ser detentora da maior pensão que lá existiu durante o século XX, era D. Flora Moreira, uma senhora espanhola que se estabeleceu em Moledo e abriu a pensão Ideal em 1933¹⁸⁶.



Figura 18.4: Hotel Moledo do Minho que mais tarde passaria a denominar-se Pensão Ideal, 1933.

Fonte: https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045. Consultado em: 23/06/2018.

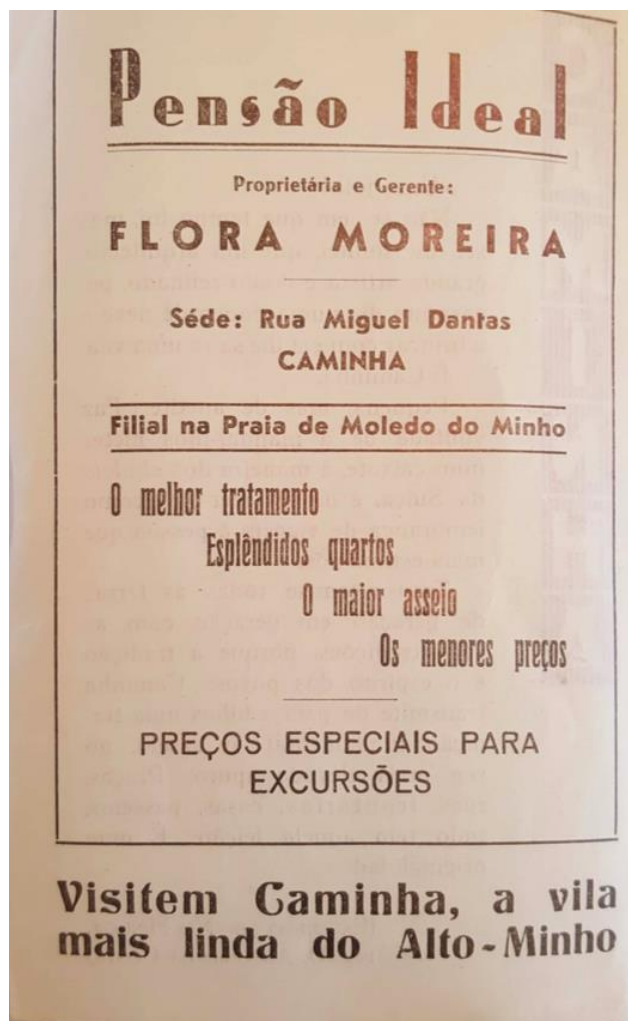


Figura 19.4: Flyer de promoção da Pensão Ideal, 1939.

Fonte: Arquivo Junta de Freguesia de Moledo do Minho.

¹⁸⁶ <https://sicnoticias.sapo.pt/programas/perdidoseachados/2014-07-05-da-praia-do-moledo-de-outrora-ate-aos-dias-de-hoje>, consultado em: 17/07/2018.



Figura 20.4: Pensão Ideal, s. a.

Fonte: https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045. Consultado em: 28/08/2018.

Localizado junto à estação de caminho-de-ferro, este estabelecimento dava emprego a algumas moledenses, principalmente durante a época balnear (quando a pensão se enchia e havia que reforçar o número de empregadas.)

Tinha muita gente lá a trabalhar. O pessoal daqui que não tinha trabalho, ia para ali trabalhar no verão. Umhas para lavar que não havia máquinas de lavar, outras para as cozinhas, outras para limpar os quartos, para passar a ferro, para tratar do jardim que ela tinha sempre ali um jardim maravilhoso à frente. Era de maio a junho¹⁸⁷.

A minha mulher andava a trabalhar para a Dona Flora e ganhava-se 5 escudos por meio-dia. Ela tinha uma quinta aqui em baixo onde cultivavam as coisas e a minha mulher ia todos os meios dias (ou muitos) trabalhar para a Dona Flora. As outras empregadas eram de Moledo e Vila Praia de Âncora. Tinha cozinheiras de Vila Praia de Âncora...

Era uma boa senhora, mas explorava muito as pessoas. Ela não pagava o que devia pagar, mas a necessidade era tanta que as pessoas sujeitavam-se.¹⁸⁸

A pensão era uma pensão única aqui, que tinha um trato muito bom segundo dizem. Eu almocei lá algumas vezes, mas frequentemente não. E tinha muito bom trato, era muito gabada.

¹⁸⁷ Entrevista a Maria Afonso, 09/06/2018, Moledo do Minho.

¹⁸⁸ Entrevista a Jorge Puga, 07/06/2018, Moledo do Minho.

Ela era muito gabada. Havia muitas empregadas¹⁸⁹.

Na década de 50, a Pensão Ideal foi alvo de alguns melhoramentos. Segundo as atas da Câmara Municipal de Caminha, remodelou-se a cozinha¹⁹⁰ e construiu-se um coberto junto ao muro de ligação com a via pública e um colector de águas¹⁹¹. Mas poucos meses antes do 25 de abril de 1974, a D. Flora Moreira acabou por vender a Pensão Ideal, por já não reunir as condições de saúde necessárias para manter o negócio e ser cada vez mais difícil arranjar pessoas para lá trabalharem:

Após uma longa e brilhante gerência de 41 anos à frente da sua muito querida “Pensão Ideal” a sr.^a D. Flora Moreira, acaba de vender (por motivos de saúde e idade, aliados à actual grande dificuldade de recrutar pessoal competente), ao sr. Albino Lopes conceituado industrial e comerciante em Paredes de Coura, o seu estabelecimento hoteleiro nesta Praia.

O Jornal “O Caminhense” que tem o prazer de contar entre os seus estimados assinantes nesta localidade a Sr.^a D. Flora Moreira, não pode deixar passar o acontecimento sem enaltecer e salientar o valioso contributo dado para a valorização e propaganda da Praia de Moledo por aquela senhora ao longo destas quatro décadas em que serviu sempre de forma elogiosa, bem acompanhada há bastantes anos também por sua dedicada nora sr.^a D. Natividade, sucessivas gerações de veraneantes, formulando sinceros votos para que o seu novo proprietário possa continuar a bem servir, colhendo muitos êxitos também¹⁹².

Quanto ao comércio existente naquela localidade possui-se pouca informação. Em crónica de 8 de agosto de 1882 publicada no jornal *Estrella de Caminha* referia-se a existência de dois estabelecimentos, um que vendia mercearia e mercadoria de várias espécies e uma padaria, mas ambos estavam extremamente dependentes da época de banhos:

Há aqui duas lojas de víveres e outras mercadorias de primeira necessidade e uma fabrica de pão que me ocuparei quando tratar da industrias. Esses dois estabelecimentos também só vivem vida própria na epocha de banhos; no resto do anno pode-se lhes chamar – boticas d’aldeia – o commercio, pois, é limitadíssimo. Nasceu com os banhos, morre com os banhos.¹⁹³

No livro *Moledo do Minho* de Manuel Busquets de Aguilar voltou-se a descobrir mais informações sobre as lojas existentes em Moledo, desta vez no ano de 1941. Contavam-se então três

¹⁸⁹ Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

¹⁹⁰ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 11 de março de 1954.

¹⁹¹ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha realizada no dia 29 de janeiro de 1955.

¹⁹² *Caminhense*, 05/01/1974.

¹⁹³ *Estrella de Caminha*, 08/08/1882.

alfaiatarias, três mercearias, duas carpintarias, uma modista, uma padaria, uma sapataria, uma serralharia e a pensão Ideal¹⁹⁴.

Segundo o autor, uma das alfaiatarias e das mercearias serviam de local de convívio. No primeiro estabelecimento reuniam-se moledenses e banhistas durante a época balnear, em tardes que se estendiam noite dentro para discutirem política nacional e internacional com o alfaiate Américo José Rocha, que já tinha estado emigrado no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Já a mercearia, era palco de encontros entre membros da população local nas tardes de inverno, onde jogavam às cartas e conversavam¹⁹⁵.

Na primeira metade do século XX, Moledo era já uma freguesia com algumas comodidades, muito longe daquele lugar do século XIX conhecido por “pia dos burros”, onde só existiam casas e nenhuma delas próxima da linha do mar.

Também no ano de 1941 existia já a empresa das Águas do Real, uma sociedade comercial com o fim de transportar a água da nascente do real, situada no monte de Moledo, para a povoação através da fonte da Trindade e do depósito em Cardosas, ambos em funcionamento desde 1922¹⁹⁶.

Apesar do relativo desenvolvimento comercial verificado na década de 40, em 1971 o jornal local ainda relatava as carências gritantes de Moledo, não só a falta de farmácia, talho e restaurante mas principalmente a necessidade de construção de algumas infraestruturas consideradas essenciais como um restaurante, um snack-bar e mais pensões ou hotéis. Falava-se ainda da necessidade de haver uma missa onde os banhistas pudessem ir sem terem de subir até à aldeia:

Agora que já reina de novo a quietude entre nós, que o alegre bulício de mais um verão se foi, que um misto de saudade (pelo que terminou) e de esperança (pelo que virá) nos invade, aproveitemos esta transição para meditar um pouco sobre alguns velhos problemas com que esta Praia se debate.

Esta terra, que a natureza tão prodigamente dotou, rincão tão privilegiado e enaltecido deste Minho encantador, bem precisa que os homens se interessem um pouco por ela, resolvendo-lhe (pelo menos alguns) dos seus justos anseios, já que a natureza por mais que a bafejasse, não lhos podia fazer.

Descrevê-los mais ou menos de harmonia com a grandeza da sua falta, é tentação a que não resistimos: água, instalações sanitárias e iluminação da Esplanada da praia, talho e farmácia, pavimentação de arruamentos, restaurante e Missa dominical.

É certo que temos muitas e boas esperanças, certezas até (como no caso da água) de ver dentro de relativamente pouco tempo, resolvidas algumas destas necessidades, insistir porém pela sua concretização, parece-nos ser de focar.

¹⁹⁴ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *Moledo do Minho*, Lisboa: Edição de Autor, p. 77.

¹⁹⁵ idem, ibidem.

¹⁹⁶ Idem, p. 78.

Sabemos também que a Junta de Turismo de Modelo tem diligenciado imenso no sentido de dotar a esplanada da praia com iluminação adequada e cremos estar na sua mente a construção de instalações sanitárias nessa zona, necessidade premente, que dificuldades de vária ordem, infelizmente ainda não permitiram realizar.

Talho (que já houve) e farmácia, faltas tão notadas em Moledo, mas de difícil resolução, por motivos de ordem rentável, não se pode ignorar que são praticamente só dois meses de afluência de veraneio, ou talvez nem tanto.

A pavimentação dos arruamentos que servem algumas moradias construídas ultimamente, é assunto a ter em conta, a fim de que os seus moradores disponham de acesso capaz.

Existindo é certo uma boa pensão e outra razoável, não é menos verdade que isso é muito pouco para as exigências da época, principalmente em Agosto essa falta é gritante e não raros são os que aqui querem passar alguns dias nessa altura, ou simplesmente aos domingos e tem de desistir!

A construção de um restaurante ou mesmo a existência de uma casa com serviço de snack-bar seria a solução desejada; se nos lembrarmos que existem tantas terras sem as condições naturais da nossa, que tiveram a sorte de encontrar homens com iniciativa, que nos desculpem, mas como as invejamos!

Finalmente (e só por mera casualidade o focámos em último lugar, pois julgamo-lo até dos principais), o caso da Missa dominical. Em nosso modesto da freguesia, aos domingos, deveria ser celebrada para a colónia balnear.

Sabe-se bem, que os nossos veraneantes se aqui se deslocam, é para aproveitarem ao máximo as horas de praia, de pinhal, de repouso e de distracção; logo, a missa para eles teria de ser a uma hora própria, para que pudessem conciliar todos os seus justos desejos.

Será isso difícil de por em pratica? Talvez não. Sinceramente não o sabemos; o que sabemos e nos contrista, é ver aos domingos de verão, aí pelas sete da tarde, dirigindo-se a Caminha a fim de cumprir o seu preceito, a maior parte da nossa colónia balnear.¹⁹⁷

Em 1973, a fábrica de pão de Moledo, junto à estação de correios, encerrou. Mantendo-se a respectiva padaria em funcionamento, mas sem fabrico próprio, o que levou o jornal *O Caminhense* a condoer-se com aquele desfecho, ao mesmo tempo que congratulou a família Sobreiro por tantos anos de excelentíssimo pão:

Mercê de exploração com a Sociedade Panificadora Ideal Caminhense, deixa de ser fabricado na padaria desta localidade o alimento que nos é indispensável, passando somente a mesma a funcionar como um depósito de venda de pão. A onda crescente das grandes industrias, aliada à precária saúde do seu proprietário, causaram esta modificação que agora vai iniciar-se.

¹⁹⁷ *Caminhense*, 21/10/1971.

E com bem vincada saudade que redigimos estas linhas, pois a padaria estava ligada a uma tradição de fama e proveito de fabrico de pão de excelente qualidade, do melhor destas redondezas, como o atestam tantos consumidores que dele havia, quer de Moledo, quer de outras localidades.

Desde perto de cinquenta anos que laborava a Padaria Moledense, a primeira que houve aqui e que o saudoso e bondoso António Martins Sobreiro construiu para o fabrico do precioso alimento e que seus filhos, os nossos estimados assinantes srs. António e José Baptista Martins Sobreiro (actuais proprietários), foram dignos continuadores.

Nesta hora que marca a viragem da sua história, aqui deixamos um voto para que a nova Sociedade se esmere no sentido de poder apresentar para consumo o produto a que estamos acostumados e um abraço de profundo recolhimento à Família Sobreiro por tantos anos de maravilhoso pão!¹⁹⁸

4.2.3.- A apanha de sargaço

A vida económica da população de Moledo estava muito dependente da época balnear mas também da agricultura, uma vez que os solos eram férteis (principalmente para a cultura do milho) e extremamente divididos, fazendo com que a maior parte das famílias possuísse um terreno (o que mesmo assim não evitava que muitos moledenses tivessem de optar pela emigração para países da América do Sul.)¹⁹⁹

Os agricultores de Moledo aproveitavam o sargaço²⁰⁰ existente no mar que banhava a sua praia para adubarem as terras e venderem o que sobrasse, não só a outros agricultores, como a empresas químicas. Assim, quem se dedicava à agricultura era também sargaceiro durante os meses de verão. Esta atividade estava sujeita a pagamento de uma licença que permitia que se fizesse a apanha e que se pusesse o sargaço (ou argaço, designação utilizada pelos sargaceiros moledenses) a secar numa parcela do areal da praia²⁰¹.

Maria Angélica Carvalho Mendonça, ex-sargaceira de 84 anos, confirmou isso mesmo:

Para aí desde os 12 anos que era o argaço o nosso trabalho para as leiras e para vender, que a gente fazia umas coroas! Mas tinha-se que pedir licença para obter o espaço na praia para secar. (...) Quem pagasse o terreno podia secar. Eles marcavam, vinham todos marcar com uma estaca. Naquele tempo, faziam um bom dinheiro os da Capitania. Eles traziam o metro e era medido aos pedacinhos pela Capitania e vinham pelo menos dois ou três.²⁰²

¹⁹⁸ *Caminhense*, 21/07/1973.

¹⁹⁹ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *op. cit.*, p. 75.

²⁰⁰ Algas marinhas da família das fucáceas que boiam nas águas. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sarga%C3%A7o>, consultado em: 27/07/2018.

²⁰¹ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *op. cit.*, p. 76.

²⁰² Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho.

A última informação que se possui sobre o preço a pagar ao empregado da Capitania local pela medição da área utilizada para «secagem de algas nas costas (...) nos locais que as capitánias indicarem (...)»²⁰³ remonta a 1926, quando se pagavam 5\$00 por aquele serviço e 15\$00 pela licença «para apanha de algas e outras plantas marinhas flutuantes ou arroladas, na área de jurisdição marítima (na costa, nos portos, nos rios, rias e lagoas) (...)»²⁰⁴.

Conseguiu-se também obter a cédula de inscrição marítima emitida pela Capitania de Caminha, documento obrigatório para a apanha de sargaço, de Maria dos Anjos Rocha, uma lavradeira nascida em 1904 que entre os anos de 1921 e 1924 adquiriu a licença para apanhar e secar sargaço através da compra de um selo que lhe custava entre 10 a 20 centavos.

Passados 49 anos, a mesma lavradeira voltava a adquirir uma cédula que lhe permitia apanhar sargaço. Mas o documento, que caducava ao fim de 4 anos, passou a chamar-se cédula de apanhador e era fornecido pela Casa dos Pescadores de Caminha. Entre 1970 e 1974, Maria dos Anjos pagou 10\$00 pelo selo da licença.



Figura 21.4.: Cédula de apanhadora de Maria dos Anjos Rocha, 1970

Acervo Pessoal de Joaquim Guardão.

²⁰³ Decreto número 12.822 de 15 de dezembro de 1926. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/142877>.

²⁰⁴ Idem.

Modelo n.º 5

Distrito marítimo do 

Capitania do porto de

E. n.º 79 - Alvará de 1871 - 1890 ca.

CÉDULA DE INSCRIÇÃO MARÍTIMA

N.º A

do

Maria dos Anjos Rocha

3011 - INSCRIÇÃO

Nome Maria dos Anjos Rocha
 filha de Manuel da Rocha
 e de Maria Rosa Fernandes Fico
 natural da freguesia de Alodido
 concelho de Caminha
 distrito de Viana do Castelo
 Nasceu em 7 de Março de 1904
 Ocupação antes da inscrição Lavadeira
Utala - Viltina

Documentos apresentados para a sua inscrição
do pai.

Habilitações literárias

Capitania do porto de Caminha
 O Capitão do porto,
Maria Rosa Fico

Sinais característicos

Altura 1,55
 Bóca regular
 Barba —
 Cabelos castanhos
 Cór natural
 Nariz regular
 Olhos castanhos
 Sinais particulares:


 (Assinatura do marítimo)

Atividade de idade e comendante

16 de Abril de 1921
 O Escrivão,
Crubiquete

Dia	Data		Carimbo	Assinatura do capitão do porto
	Mês	Ano		
16	Março	1921		<u>Maria Rosa Fico</u>
11	Março	1922		<u>Maria Rosa Fico</u>
3	Março	1923		<u>Maria Rosa Fico</u>
18	Março	1924		<u>Maria Rosa Fico</u>

Figura 22.4.: Cédula de inscrição marítima de Maria dos Anjos Rocha, 1921.

Fonte: Acervo pessoal de Joaquim Guardão.



Figura 23.4: Sargaceiros em Moledo, s.a.

Fonte: https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045. Consultado em: 28/08/2018

Mesmo com estes emolumentos associados, a apanha do sargaço, realizada durante os meses mais quentes do ano era uma atividade relativamente rentável:

Começava-se em maio e ia quase até agosto, que depois no Inverno dava-nos cabo dos ossos. Às vezes a gente ia com a água pelo pescoço e carregados com o redelho²⁰⁵ cheio. (...) ²⁰⁶

Nós vendíamos ao quilo. Por exemplo, tínhamos cinco quilos e eles [os compradores] tiravam mais dois, que eram para eles. As camionetes traziam as balanças para pesar. As minhas colegas misturavam muita areia para pesar mais! E eu uma vez disse que aquela não prestava e eles não a compraram!

Esses homens vinham da Póvoa e de mais longe, que era para botarem nas terras e aos daqui também vendíamos a quem pagasse. Primeiro para nós, sempre nós e depois vendíamos. Eram aquelas coroas!!! Naquele tempo era um escudo ou que fossem 4 escudos cada quilo!!! Havia vezes que estava muito calor e ele estava todo quente e não enrolava bem e era lixado! Para nós já era mau! Eles [os compradores] eram muito finos, eram lixados, mas também quem compra quer uma coisa em termos!

O crespelho²⁰⁷ esse rendia mais. Eram umas algas pequenas que davam para remédios e tecidos. Vendíamos daquilo também e o homem também tirava que a gente também tinha olhos para ver. ²⁰⁸

²⁰⁵ Peçaço pequeno de rede. Rede para apanhar camarão ou argaço. Definição disponível em: <http://www.estraviz.org/REDELHO>, consultado em: 28/07/2018.

²⁰⁶ Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho.

O melhor para as terras era o sargaço. O povo vivia praticamente do sargaço. Tirava-se o sargaço, punha-se nos armazéns aí e depois vinham os da Póvoa e de A-Ver-o-Mar comprar o sargaço e as pessoas faziam muito dinheiro²⁰⁹.

Quando Maria Angélica Carvalho Mendonça menciona “eles” refere-se aos compradores de sargaço ou argaço que, segundo a entrevistada, eram grandes agricultores da Póvoa e de Braga, que estacionavam os seus veículos em Moledo e pesavam o sargaço apanhado pagando uma determinada quantia por cada quilo. Por vezes, os sargaceiros eram enganados pois os compradores tiravam uma série de sargaço para si antes de o pesar. Outras vezes, eram os primeiros a tentar ludibriar os compradores ao juntarem areia ao sargaço, de modo a que este ficasse mais pesado e, assim, mais caro.

Importa ainda explicar como era o processo de apanha daquela alga. Os sargaceiros entravam no mar com o redelho (uma espécie de cana com uma rede numa das extremidades) na mão e depois daquele instrumento estar cheio de sargaço arrastavam-no até à praia. De seguida, o sargaço era transportado com a padiola para os talhões (ou sortes), onde o sargaço era amontoado e estendido para secagem com a ajuda dos ancinhos. Depois de seco, era guardado nas casas do sargaço ou cobertos, pequenos armazéns onde se guardavam o sargaço e os utensílios da sua apanha²¹⁰.

Nós entrávamos pelo mar dentro, entrávamos, entrávamos para ir buscar crespelho, que era uma alga que eu nunca mais vi! Íamos com água pelo pescoço e depois vendia-se a um senhor que ainda nos tirava alguns quilos. (...)

Apanhava-se e depois estendia-se. Eram os redelhos, os ancinhos para juntar tudo. Cada qual tinha o seu bocado para deitar. Deitava-se a secar e quando estivesse sequinho ia-se buscar. (...)

Os talhões em que cada sargaceiro deixava o seu sargaço a secar eram sorteados pelos funcionários da Capitania que levavam consigo um saco do qual cada apanhador de sargaço tirava a sua «sorte», ou seja, o talhão respectivo:

Eu escolhia sempre um pedaço com menos areia. Esses bocados de cada um eram sempre os mesmos até acabar a época. O meu bocado era escolhido à sorte todos os anos e aquilo era

²⁰⁷ <http://jornalc.pt/apanha-argaco-uma-cultura-com-seculos-historia/crespelho/?v=35357b9c8fe4>, consultado em: 27/07/2018..

²⁰⁸ Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho.

²⁰⁹ Entrevista a Jorge Puga, 07/06/2018, Moledo do Minho.

²¹⁰ <http://www.sargassum.acer-pt.org/sobre.html>, consultado em: 27/07/2018..

medido em pés. Era uma saca onde se metia a mão e o número que saísse era onde nós metíamos o sargaço. (...)

Primeiro juntava-se o sargaço e depois é que o trazíamos à padiola cá para cima. Começava em maio... agosto já não se podia muito ir que começava o mar a quebrar os ossos à gente! Aquilo era custoso, era lixado!²¹¹



Figura 24.4: Sargaceiros em Moledo, 1947.

Fonte: <http://lugardoreal.com/imaxe/sargaceiros-em-moledo-1>. Consultado em 27/08/2018.

Quanto à qualidade do sargaço, não convinha que secasse em demasia, o que impossibilitava o seu enrolamento, mas também não era adequado que estivesse muito molhado, pois assim o seu peso era mais elevado:

E bem seco senão não se vendia. Porque se estivesse molhado pesava mais também. Se o tempo estivesse bom virava agora²¹² e amanhã à noite estava bom. Se [o sargaço] não estivesse bom, ficava crespo. Se estivesse bom eram uns rolinhos. (...)

A chuva era terrível, deixava o sargaço estragado. Os gajos eram lixados, carregavam, carregavam e diziam que era não sei quantos quilos [menos quilos queo peso real do sargaço], que a gente não é nenhuma tola²¹³.

Sobre as pessoas que costumavam apanhar sargaço, Maria Angélica Carvalho Mendonça realçou que não havia idade e género homogéneos:

²¹¹ Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho.

²¹² A entrevista realizou-se por volta das 16h00.

²¹³ Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho.

Eram mulheres, homens, moços. Ia tudo! Alguns iam para a paródia, era conforme! (...)

Era impossível haver barcos com tanto povo que havia no mar. Às vezes apanhávamos cada solha, às vezes vinham presas no sargaço. Agora já nem há peixe. E nós ficávamos com as solhas. A gente ainda se ria às vezes, outras vezes cantávamos. Era conforme estava o tempo. Juntava-se a gente aos magotes à espera que vazasse para ficar mais pouca água. E depois toca a cada qual carregar e botar no seu pedacinho!²¹⁴

A apanha do sargaço era relativamente transversal a toda a população de Moledo. Joaquim Guardão, atual presidente daquela Junta de Freguesia e Jorge Fão, ex- administrativo do posto de correios de Moledo com 80 anos de idade, também trabalharam na apanha do sargaço:

Havia um sorteio feito pela capitania de Caminha e, às vezes, havia guerras entre os sargaceiros, porque calhava mais perto ou mais longe, conforme o que era sorteado... e pagavam uma licença e tinha de se ter cartão de apanhador de sargaço. Quanto mais longe fosse a sorte que lhe calhava, tinha de se limitar o terreno de cada um. Havia aqui alguma luta entre sargaceiros. Eu cheguei... mais uma tia minha solteirona, às vezes íamos para a praia logo de manhã e tirávamos sargaço! Tirávamos, tirávamos até não poder mais e depois vínhamos à padiola para a zona de secagem.

Enquanto eu alisava o terreno, ela estendia e chegávamos a deitar 400 “padioladas”. A gente era miúda e ela dizia: “Ao fim vais tomar banho”. Ao fim, eram 9 da noite e a gente só queria comer, estava frio.²¹⁵

Olhe andei muito no sargaço, trabalhei muito com a minha mãe. Eu fui muito escravo! Os principais compradores do sargaço eram lavradores da zona da Póvoa, da Apúlia, daquelas zonas todas que agora não me lembro. Aquela zona entre a Póvoa e Esposende eram uns grandes compradores. Vinham com umas camionetas e levavam tudo. Era tal a manta de sargaço, que a gente tinha que andar assim com o pé (levantou os pés) para passar. No meu tempo, era com o redelho que se metia na água e tirava-se. Íamos às 6 da manhã quando o farol da Ínsua se metia é que havia permissão da guarda para ir para o sargaço, era com água pelo pescoço. Agora não! Havia muita miséria. A vida era muito dura e normalmente as pessoas daqui trabalhavam no verão para comer no inverno.²¹⁶

A relação entre os banhistas e os sargaceiros era pacífica, uma vez que os dois ocupavam espaços diferentes da praia. O contacto era estabelecido quando os veraneantes resolviam dar um passeio à beira mar e se cruzavam com os sargaceiros, fazendo-lhes perguntas sobre a sua atividade:

²¹⁴ Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho.

²¹⁵ Entrevista com Joaquim Guardão, 20/4/2018, Moledo do Minho.

²¹⁶ Entrevista com Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

(...) eles só vinham para mim. Ide para os outros! Deixai uma pessoa andar. Enquanto que eu estava a falar para uma senhora, estava a outra a trabalhar. Estavam ali a ver para que era aquilo, para quem era, sabes que esta gente de longe não sabe nada do que é...

E depois passavam ali e começavam a perguntar: “Para que é isto? Para que é isto?” Eles iam lá a andar e muitos só falavam comigo e eu: “Ide para os outros, carai! Deixai-me trabalhar, home!”²¹⁷

Outra das entrevistadas, Maria Afonso de 64 anos, natural de Moledo, relatou também a curiosidade dos banhistas:

Eles depois queriam saber como é que se fazia, para que era e para que dava. Para que servia o argaço. Vocês dizem sargaço, mas nós é argaço. Para que servia... e a minha mãe e o meu pai muitas vezes a falar com eles a explicar para o que dava. Que dava para fazer medicamentos, para a agricultura. Eles ficavam todos contentes!

E quando andávamos às lapas, eles perguntavam se era cru, cozido ou frito. E o meu pai dizia: Eu já comi de várias maneiras! Cozidos são ótimos, grelhados são ótimos! E eles: Eh pá! Isso será mesmo bom? Então o meu pai fazia uma fogueira e fazia para eles. Era, era!

Houve uma vez que o meu pai estava a tirar argaço com o redelho e um senhor pediu para experimentar. Ia ele e o redelho lá para baixo! E ele experimentou, mas aquilo vem carregado de água! E depois tem que se fazer esforço com os pés para que a água saia, que nós não podemos ir com a água! E depois deixar que a água venha arrastar-nos ao máximo e escorrer, conforme ela vai para baixo para que só fique o sargaço.²¹⁸

²¹⁷ Entrevista com Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

²¹⁸ Entrevista a Maria Afonso, 09/06/2018, Moledo do Minho.



Figura 25.4: Maria Angélica Mendonça à porta do seu coberto com o redenho com que apanhava sargaço, Moledo do Minho, 29/04/2018.

Fotografia de Teresa Osório.



Figura 26.4: Padiola da sargaceira Maria Angélica Mendonça, Moledo do Minho, 29/04/2018.

Fotografia de Teresa Osório.



Figura 27.4: Ancinho da sargaceira Maria Angélica Mendonça, 29/04/2018.

Fonte: Fotografia de Teresa Osório.

Mas não era só o sargaço que os moledenses iam buscar à praia para equilibrarem as suas economias, também a pedra consistia material resgatado da beira-mar para servir de meio de subsistência:

Também se dedicavam muito a partir pedra aqui nas rochas e depois vendiam, faziam os tais paralelos e cubos que faziam os pavimentos das estradas. A vida era muito difícil! A maior parte das pessoas andava descalças! Sapatos era ao domingo e nas festas!²¹⁹

Eu passava muito tempo na praia com o meu pai. O meu pai tirava a pedra na vazante e tínhamos que transportar as pedras para cima para fazer pedras, cubos, paralelos. Os esteios que

²¹⁹ Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

eram para as vinhas! Tanto os fazia pequeninos, como com dois metros e fazia uns pedaços de pedra para construir casas. E também faziam o cascalho. (...)

Na altura do meu pai havia o meu pai, o meu tio, o outro meu tio, o tio zé... eram sete pessoas. Eram sete pedreiros e cada um trabalhava para si. Não tinham que pedir licença à Capitania. Cada qual lançava-se... eu vou cortar aqui, tu vais cortar ali! Porque normalmente era tudo família: cunhados, sobrinhos, irmãos²²⁰.

4.2.4.- O papel dos banheiros na praia de Moledo

A par de algumas moledenses que, esporadicamente, trabalhavam para as famílias que passavam a época balnear em Moledo, os banheiros eram quem tinha mais contacto com as pessoas que vinham de fora durante os meses de verão.

No final do século XIX, quando os banhos de mar começaram a ser terapêutica médica, atraindo cada vez mais população às praias, os banheiros assumiram-se como a ponte entre as ondas do oceano e as pessoas que se queriam banhar, mas que ainda não possuíam a vontade suficiente para fazê-lo sozinhas. Segundo Helena Machado esta ligação estabelecida pelo banheiro simbolizava a fusão entre a civilização (os banhistas) e a natureza (o mar).²²¹

Em Moledo, tal como noutras praias do país²²², os banheiros tinham não só a função de auxiliar as imersões na água, mas também a de montar as barracas para resguardo dos banhistas.

Uma crónica de autor desconhecido publicada em 1882 e já transcrita por Paulo Torres Bento no livro *História Nossa*²²³, já relatava essa incumbência:

E pela manhã, la se vae caminho do banho, chega-se a um sitio em que uma rampa dá descida; pára o carro; aparece o Francisco com uns paus, em forma de sentinela que descansou arma, e uma trouxa debaixo do braço.

São os paus e a lona, para armar a barraca.

Oh! O Francisco!

Que recordações!

O Francisco era o banheiro.²²⁴

O hábito de montar barracas na praia estendeu-se até ao século XX, havendo um decreto-lei de 15 de dezembro de 1926²²⁵ que fixava o preço a pagar para montar barracas por cada época

²²⁰ Entrevista a Maria Afonso, 09/06/2018, Moledo do Minho.

²²¹ MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), op.cit., pp. 42-43.

²²² Segundo MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, p. 108 também na Costa da Caparica e na Ericeira os banheiros tinham a função de montar as barracas da praia.

²²³ BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit.,p. 49.

²²⁴ *Estrella de Caminha*, 05/09/1882.

banhar e por cada metro ocupado. Sendo que os valores eram diferentes consoante a classificação da praia em questão: se a praia fosse de primeira ordem, pagavam-se 2\$00, se fosse de segunda ordem, 1\$00 e, por fim, 0.\$50, caso se tratasse de uma praia de 3ª ordem.

A praia de Moledo era considerada em 1926 de 3ª ordem²²⁶, por conseguinte a verba que se tinha de pagar por época banhar e por cada metro quadrado ocupado pela barraca era apenas de 0.\$50, a que se juntava o valor de 3\$00 para o funcionário da Capitania que fosse fazer a medição a quem pretendia armar «barracas de lona para sombra de banhistas ou para banhos de sol²²⁷» ou toldos de zinco ou lona.

Apenas em 1948, 22 anos depois da publicação do decreto-lei nº 12.822, Moledo viu a sua praia ser reclassificada como de 2ª ordem, através da publicação de novo decreto-lei:

Verificando-se que algumas praias do continente se desenvolveram consideravelmente depois da publicação do decreto nº 12.822 de 1 de Novembro de 1926;

Convindo, por isso actualizar a classificação estabelecida nesse decreto;

Usando da faculdade conferida pela 1ª parte do nº 2 do artigo 109º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo único. A classificação estabelecida ao nº 11 das observações gerais à tabela geral aprovada e mandada pôr em vigor pelo decreto nº 12:822, de 1 de Novembro de 1926, passa a ser a seguinte:

1ª ordem – Ofir (Fão), Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Castelo do Queijo, Foz do Douro, Granja, Espinho, Figueira da Foz, Cascais, Estoris (excepto S. Pedro), Praia da Rocha e Monte Gordo.

2ª ordem – Moledo, Ancora, Leça da Palmeira, Matosinhos, Miramar, Buarcos, Nazaré, S. Martinho do Porto, Ericeira, Praia das Maças, S. Pedro do Estoril, Parede, Carcavelos, Santo Amaro de Oeiras, Paço de Arcos, Cruz Quebrada, Trafaria, Costa da Caparica, Setúbal, Sines e Albufeira.

3ª ordem – Todas as outras.²²⁸

²²⁵ Decreto-lei nº 12.822 de dia 15 de dezembro de 1926. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/142877>.

²²⁶ Segundo o decreto lei nº 12.822 de dia 15 de dezembro de 1926, a classificação das praias era a seguinte: 1ª ordem – Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Granja, Espinho, Figueira da Foz, Cascais, Estoris e Praia da Rocha. 2ª ordem: Ancora, Leça da Palmeira, Matosinhos, Foz do Douro, Nazaré, S. Martinho do Porto, Ericeira, Praia das Maças, Parede, Paço de Arcos, Cruz Quebrada, Trafaria e Monte Gordo. 3ª ordem – Todas as outras.

²²⁷ Decreto-lei nº 12.822 de dia 15 de dezembro de 1926. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/142877>.

²²⁸ Decreto-lei nº 36.725 de dia 12 de janeiro de 1948. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/241995>.

Como se pode constatar, só o item da classificação das praias sofreu alteração, o que indica que os valores a pagar por quem pretendesse armar toldo ou barraca continuariam os mesmos.

Segundo Margarida Tudela, frequentadora da praia de Moledo entre 1932 e 1946, havia quem alugasse tanto toldo como barraca:

Depois começou a haver mais umas barracas fora do sítio. Porque era assim as barracas eram postas em fila, todas abertas para sul, mas coladas umas às outras, coladinhas e seguidas. Nós tínhamos as nossas barracas e ele [o banheiro] guardava todos os anos, os apetrechos todos, as barracas, os panos, as boias. Ele é que armava as barracas e guardava-as depois durante o ano... as destas pessoas certas, certas. Depois às outras alugaria... devia ter mais para alugar! Nós além de termos a barraca, tínhamos o toldo que aquilo era muito ventoso e frio.²²⁹

E era o Benigno que tratava das barracas, porque as barracas de Moledo era assim:

Chegava-se e dizia-se: “Oh Senhor Benigno, eu quero a barraca aqui!” E ele montava os paus, porque as barracas daqui não tinham aquele aspeto da Póvoa e do Porto, que são pegadas umas às outras, em fila.

Não era assim, aquilo era mais ou menos onde calhava, porque havia uns que queriam mais para o lado da ínsua, outro mais para o lado sul! As barracas eram grandes e largas.

Depois é que começaram a ficar mais pequenas, por uma questão de espaço porque agora aluga-se as barracas, não é? As pessoas compravam nessa altura, quando eu era miúdo, compravam a estrutura da barraca que eram uns paus que se espetavam na areia e depois tinham uma espécie de cúpula. As barracas eram das pessoas, os banheiros é que as montavam e ganhavam por isso. E era ele que guardava os paus e os panos.²³⁰

No que diz respeito à disposição das barracas na praia, ficou-se sem perceber se normalmente eram colocadas em fila ou dispersas pelo areal.

Nos momentos de fome que precediam os mergulhos e nos minutos de frio que os sucediam, os banhistas tinham também grande preponderância:

O Francisco era o banheiro. Chamavam-lhe por alcunha o francisco da galega. era um bom homem, pontal, diligente.

logo que luzia o buraco, levantava-se, descia à praia, e no seu posto de observação, esperava os freguezes.

Que alegria avistar o Francisco!

Corríamos logo para elle e abraço e mais abraço.

O Francisco tirava do bolso uns peros doces, umas nozes e toca a repartir pela rapaziada.

Era assim todos os dias.

²²⁹ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

²³⁰ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

Depois lá ia na frente para armar a barraca e dar tempo que Às ocultas do papa e mama se desse uma dentada na maçã ou se quebrasse a noz.

Era um modo especial de quebrar o jejum- matar o bicho.

N'esse tempo ia-se para o banho em jejum com o estômago vazio, mesmo com lazeira!

Hoje as coisas mudaram e os snrs. Médicos dizem que algumas pessoas não podem tomar banhos em jejum, que é preciso ter forças para a reacção do banho.

Muito obrigado pela descoberta!

Não ganham as alviçaras²³¹.

Nós já muito antes tínhamos descoberto, que a primeira condição para a vida era comer e não tomar banhos e portanto bem hajas tu, oh Francisquinho!

E nunca nos fez mal, não senhor; sabia... a pouco.

Depois da barraca armada toca a vestir o fato do banho e arrefecer.

Mas que paciência a do Francisco!

Com as cuecas já molhadas, tinha de esperar até que a rapaziada se resolvesse a entrar na água.

Oh sr. Francisco deize-me arrefecer.

Era a desculpa; ganhava-se tempo.

E depois os pactos: então só três ondas, sim, Sr Francisco?

Depois de tomado o banho toca a levantar a tenda e a voltar para o carro. Mas vinha a gente fria, arrepiada e com fome!

Oh! A fome!

O ar do amar e os banhos fazem fome; mas é aguentar até Caminha.

N'esse tempo não morava ali ninguém.

E quando chovia?!

E quando trovejava!?

Isso então é que era!

E se por desgraça vinha uma pontada!?

Nem uma pouca de água ardente camphorada, para esfregar no sítio da dor!!!

Que ermo era aquilo! (...) ²³²

Também uma das entrevistadas narrou a mesma prática de banho em jejum exercida na juventude da sua mãe em Moledo:

Por exemplo, a minha mãe, quando era pequena, ia para Moledo, mas aquilo era um sistema muito diferente. De manhã, de madrugada, ou seja, muito cedo, em jejum, o banheiro pegava neles ao colo e deitava-os à água gelada. Portanto, ela só me dizia: “A coisa que eu gostava era quando acabava o banho e ia para dentro da barraca tomar o pequeno-almoço!” Devia ser uma tortura! Era uma violência! Depois vinham cedo para casa, lá para as 10 e tal

²³¹ Prémio que se dá a quem traz boas novas ou entrega algo que se tinha perdido.

²³² *Estrella de Caminha*, 05/09/1882.

vinham-se embora de carro de cavalos que havia poucos carros. Aquilo era terapêutico. Eram aquelas coisas que se faziam antigamente. E ia pouca gente para a praia. Ela nasceu em 1917, portanto isso devia ser para aí nos anos 30.²³³

Desconhece-se se era prática comum as pessoas escolherem a praia a frequentar consoante o banheiro que a servia, mas o que é facto é que o Jornal *Estrella de Caminha* fazia das qualidades do banheiro Isidro um dos atrativos da praia de Moledo:

(...) Aproveitamos esta ocasião para anunciarmos e recomendarmos aos srs. Banhistas que frequentarem esta praia o banheiro Isidro, muito conhecedor e pratico da praia e que apresenta um abarracamento de gosto moderno, bem feito e com as comodidades previstas e bem assim um magnífico salva-vidas, justas razões pelas quaes o anunciamos e recommendamos aos snrs. Banhistas.²³⁴

Nas entrevistas que se realizaram com frequentadores da praia de Moledo durante a primeira metade do século XX, o banheiro mais mencionado foi sempre o Sr. Benigno que, com o seu físico imponente («era um velhote forte²³⁵» ou «era uma torre²³⁶») ,dava banho às crianças ou servia-lhes de apoio durante os mergulhos.

António Pita Guerreiro de 80 anos começou a ir para a praia por volta dos 7 anos de idade, portanto o seu testemunho refere-se à década de 40 do século XX, tal como o de António Brito e Cunha, de 84 anos. Margarida Tudela, de 94 anos, revelou que a primeira vez que a levaram para Moledo também tinha 7 anos, passando lá todos os meses de verão até casar, em 1946.

O senhor Benigno era um velhote forte e eu lembro-me que nós éramos miúdos e ele pegava em nós e tal e vinha uma onda e ploc!²³⁷

O Benigno foi quem me deu os primeiros banhos. Os banheiros antigamente pegavam nos miúdos e quando vinha uma ondinha mergulhavam-nos e a malta gritava muito! Não foi quem me ensinou a nadar, que eu aprendi com o meu pai e outras pessoas, mas o Benigno era o banheiro. Era a pedra de toque! Era um velhote já! Houve vários, mas o Benigno foi o que ficou na memória de todas as pessoas que frequentavam Moledo. Quando eu nasci ele já era banheiro e quando ele morreu eu já tinha uns 20.²³⁸

²³³ Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

²³⁴ *Estrella de Caminha*, 22/07/1890.

²³⁵ Entrevista a Pita Guerreiro, 13/03/2018, Moledo do Minho.

²³⁶ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/201, Porto.

²³⁷ Entrevista a Pita Guerreiro, 13/03/2018, Moledo do Minho

²³⁸ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

O Benigno... que foi desde que eu... desde sempre! Aquilo era uma torre, era fantástico! Só depois, bastantes anos depois, é que ele arranjou um rapaz mais novo, talvez porque começasse a ser obrigatório haver um conhecedor... apareceu assim um rapaz até para o ajudar porque começou a vir mais gente do Porto, porque no princípio éramos só nós daquelas casas, sempre os mesmos.²³⁹

Também houve quem apontasse ao Sr. Benigno a faculdade de prestidigitação da temperatura que fazia na praia:

Lembro-me do Sr. Benigno. Ele sabia sempre o tempo, qual o boletim meteorológico. Na segunda-feira está assim, na terça está assim. Era impressionante!²⁴⁰



Figura 28.4.: Banhistas em Moledo tomando banho com a supervisão de um banheiro, s.a.

Fonte: https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045. Consultado em 28/08/2018.

Porém, entre os moledenses a figura do banheiro não era apreciada, pois ele não permitia que a população local fosse a banhos ou se aproximasse do areal onde os veraneantes estendiam as suas toalhas. Segundo Jorge Puga, nadador-salvador na praia de Moledo de 1975 até 1995:

²³⁹ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/201, Porto.

²⁴⁰ Entrevista a António Vitorino d'Almeida, 18/04/2018, Lisboa.

As barracas eram só para os ricos! A gente nem podia tomar banho na zona de banhos, nem podíamos andar de baloiço! Tínhamos que ir para longe daqui! Os banheiros corriam-nos! Os ricos faziam tudo! Agora a praia é de todos!

Os banheiros não nos deixavam tomar banho na zona de banhos, marcavam uma zona... tinham em cima umas placas e nós tínhamos que ir tomar banho para outras zonas... uma vez quase morríamos afogados aqui em cima... numa zona à beira da Ínsua. Nós tínhamos medo aos banheiros, eles davam-nos cada corrida e nós tínhamos que fugir... eles pegavam num pau da barraca... antigamente era assim...²⁴¹.

Jorge Fão, ex-administrativo do posto de correios de Moledo, fez o mesmo relato:

As pessoas que vinham para aqui eram chamados de fidalgos. O povo da terra não se misturava com eles, porque os banheiros não consentiam. Para a zona norte e para a zona sul é que ia o pessoal aqui da terra, os banhistas ficavam no meio²⁴².

O poder central começou a regular a profissão de banheiro a partir de 1956, quando se iniciou a formação de nadadores-salvadores para dotar os profissionais que vigiavam as praias de mais e melhores competências²⁴³. Mais tarde, o Instituto de Socorro a Náufragos tornou-se um organismo público e a profissão de nadador-salvador passou a ser acessível a cada vez mais pessoas.²⁴⁴

Em maio de 1959, o Governo publicou um decreto-lei²⁴⁵ que estipulava a obrigatoriedade de todos os concessionários terem serviços de assistência aos banhistas. No mês seguinte, foi publicado em Diário da República o Regulamento de Assistência ao Banhista²⁴⁶ que estabelecia que a época balnear começava oficialmente a 1 de julho e terminava a 15 de outubro²⁴⁷. Com a publicação deste Regulamento, os nadadores-salvadores passaram a ter práticas de conduta que tinham de respeitar independentemente da classe social do banhista.

²⁴¹ Entrevista a Jorge Puga, 07/06/2018, Moledo do Minho.

²⁴² Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

²⁴³ MARTINS, Pedro (2011), op. cit., p. 55.

²⁴⁴ SEVERO, Carlos Manuel de Oliveira (2011), *A cultura balnear na Costa do Sol: para um museu da praia*, dissertação de mestrado em Museologia e Museografia, Lisboa, Universidade de Lisboa – Faculdade de Belas Artes em MARTINS, Pedro (2011), op. cit., p. 55.

²⁴⁵ Decreto-lei nº 42.286 do dia 26 de maio de 1959. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/432793>;

²⁴⁶ Decreto-lei nº 42.305, do dia 5 de junho de 1959. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/432635>.

²⁴⁷ Artigo nº 13 das disposições gerais do Decreto-lei nº 42.305, do dia 5 de junho de 1959. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/432635>.

4.3.- A PRAIA DE MOLEDO DURANTE A ÉPOCA BALNEAR

4.3.1.- Os banhistas

O primeiro relato a que tivemos acesso sobre a chegada dos banhistas à praia de Moledo durante o verão remonta ao ano de 1885. O jornal *Estrella de Caminha* descrevia o panorama das ruas de Moledo e comparava-as às da vizinha Vila Praia de Âncora, realçando a calmaria única de Moledo. Também era habitual²⁴⁸ nestas notícias da época balnear enumerar-se o nome e a proveniência das famílias que se iam estabelecendo na estância, uma espécie de anúncio à sociedade para que todos soubessem quem ali permanecia:

Estramos de vez na epocha em que a flanela e as alpercatas principiam a ter consumo. As famílias, receiosas dos rigores da estação, deseram para as praias, ou preparam as malas para fugirem para a solidão dos campos.

Em Moledo já se vae sentindo uma nova vida, e pela estrada não há muitos dias quasi deseta vaem-se por estas tardes deliciosas, bandos alegres de banhistas, com os toiletts simples e frescos. Verdade seja que a nossa vizinha Ancora, ainda não tem banhistas, emquanto que Moledo já conta umas oito famílias, algumas das quaes nunca vieram para aqui. Esta é uma das provas mais evidentes do quanto esta praia vae progredindo de anno para anno, endo proferida a tantas outras que para ahi ha, onde o rigor do luxo, as demasias das distracções as tornam insuportáveis e inconvenientes.

Chegaram nos últimos dias as famílias dos srs. Dr. Roma, de Monsão e Ilidio Dias, de Valença, devendo chegar brevemente muitas outras.

Esteve hontem entre nós o sr. Dr. Couto e sua exma esposa, de Vila Nova de Cerveira, que vieram visitar o sr. Daniel Rocha Pereira, de Soppo, que aqui se acha a banhos, com sua exma família.²⁴⁹

De realçar que todos os veraneantes mencionados viviam no Alto Minho, como acontecia com as famílias de Maria Helena Guerreiro e de Fátima Barbosa:

²⁴⁸ Em edição de dia 22 de julho de 1890 do jornal *Estrella de Caminha* dava-se conta da chegada das seguintes famílias: «Recebedores das comarcas de Monsão e de Melgaço, e as dos snrs. João Manoel Gonçalves Roma, digno escrivão de direito da comarca de Monsão e Ilidio Dias, da cidade do Porto, sendo esperadas brevemente outras famílias.» E na edição de dia 11 de setembro de 1883 do mesmo jornal fez-se uma lista anda maior dos veraneantes: «Dr. Juiz de direito, de Melgaço; dr. Delegado de Canaveses; Dr. Dias, de Caminha; Dr. Brandão, de Cerveira; dr. Adelino Soares, de Valença; engenheiro Moreira, José A. Faria Machado, Adriano Cibrão e família Monteiro, de Monsão; D. Antonia Marinho, de Ponte; Claudino Gonçalves, de Cerveira; viúva Braga, de Valença; Luiz Gonçalves, idem; Casoneuve, de Caminha; Castro, de Caminha; João d’Azevedo, de Venade; Mattos, de Vizella; Figueiredo, do Porto; Marinhas, de Villar de Mouros».

²⁴⁹ *Estrella de Caminha*, 14/07/1885.

Eu nasci em Caminha, era mesmo ali. Portanto o meu pai era médico, lá em cima, em Caminha. E, por isso, eu desde que nasci que vou para a praia em Moledo.

Naquele tempo morava-se em Caminha, mas alugava-se casa em Moledo (risos) para passar as férias. As pessoas moravam ali perto, mas alugavam casa!...Por causa dos transportes! Eu em pequena, muito pequena, vivia em Moledo na altura das férias. E as férias eram de junho (e o mês de junho era muito bom, porque era o mais calmo...pouca gente ia de férias). Mas as férias eram de junho até ao fim de setembro. Nós, por exemplo, só ficávamos a morar em Moledo, mesmo, um mês. E nos outros [meses] íamos e vínhamos. Isto nos anos 45 a 55.²⁵⁰

Mas também de de outras que moravam em grandes centros urbanos como a de Margarida Tudela ou a de António Brito e Cunha, com 84 anos de idade e frequentador da praia de Moledo desde que nasceu:

Portanto o ir... fui levada, vá digamos! Mas o pai e a mãe velha foram porque viviam em Lisboa e sabe é curioso que a coisa de Moledo começou com as pessoas de Lisboa, depois é que a partir dos terrenos do Ínsua... quando os terrenos foram divididos começaram a aparecer as famílias ricas do Porto.²⁵¹

Nasci em Lisboa, a minha mãe era lisboeta. A minha mãe já tinha vindo para cá em solteira e desde que nasci vim para cá todos os anos. Vim para cá no ano de 1934 e nunca interrompi.²⁵²

Nas entrevistas que se realizaram a banhistas da praia de Moledo foi muito frequente haver referências ao ambiente íntimo que existia entre as famílias que estanciavam naquela freguesia:

O que acontece é que nós éramos uma família. Dávamo-nos todos lindamente uns com os outros e não havia ninguém que interferisse.

Primeiro havia a Pensão Ideal. Era a Dona Flora e éramos como família. Vinham algumas pessoas de fora e ficavam na pensão, porque não tinham casa aqui. Mas toda a gente se dava, era uma praia familiar. Completamente familiar.²⁵³

Todos sabiam a proveniência e os apelidos uns dos outros:

Havia quatro famílias nucleares. Os Fezas Vital, o António Brito e Cunha e os pais, então a mãe deles era um centro espantoso... era uma mulher muito interessante! Tinha imensas

²⁵⁰ Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

²⁵¹ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

²⁵² Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

²⁵³ Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho.

histórias, teve uma educação muito para a frente! Portanto ali era um núcleo em que as pessoas depois do almoço iam tricotar e conversar. Não se fazia praia de tarde, era impensável! Nem pensar! Íamos para o Camarido por causa do pinhal e aquela história toda...

Portanto os Lopes Moreira também. Os Blancos, o engenheiro Costa Reis. Outra família muito importante, os Carvalho Maia. Eles vinham para aqui principalmente com a filha que era a Delfina que reunia assim muita gente à volta dela. Não tinha filhos, era uma pessoa divertida.

E o António Pedro também era uma pessoa daqui que tutelava as famílias. Era assim...! Havia também o engenheiro Couto dos Santos e havia o Romeu Costa Pinto que era o marido da tia Delfina que tinham casa aqui.²⁵⁴

Além de nós, eram o Rui Carvalho Maia, o Romeu da Costa Pinto, o José Blanco Nogueira, o Dr. Luís Figueiredo, que era um oftalmologista de Lisboa que também vinha para cá. O Dom Carlos Muñoz. Os Barbosa de Famalicão, de Joane que eram têxteis. O Malheiro Dias que construiu depois casa e a família tem continuado a vir para cá.²⁵⁵

Os Brito e Cunha, Blanco, Romeu Costa Pinto (...). E havia um senhor que andava sempre vestido na praia que era o Trifaldino. Depois era a quinta de São Luís que era dos Couto dos Santos.²⁵⁶

Era o conselheiro Torres. O Couto Santos, que era diretor dos Correios que ia lá a casa. O Dom Carlos Muñoz, que era um senhor que tinha uma fábrica em Valença. Depois há os Mourões. Depois o Chalet Silva, aquilo era a casa onde despejavam a família toda que era de Braga ou ali daquelas zonas assim. Dr. António Busquets de Aguilar, muitíssimo bem vestido, de fraque, sempre de camisa. Para nós era o Trifaldino. Havia o Engenheiro Luís Blanco que era do Porto. Depois havia o Romeu da Costa Pinto e o Dr. Carvalho Maia.²⁵⁷

A necessidade de todas estas pessoas possuírem um sítio suficientemente grande para conviverem levou à criação do Clube Ínsua em 1946, quando os terrenos junto ao areal, divididos em talhões, começaram a ser leiloados pela Junta de Freguesia.

Segundo o que conseguimos apurar, antes do Clube Ínsua existir, as famílias juntavam-se nas casas umas das outras:

²⁵⁴ Entrevista Maria Helena Magalhães Carneiro, 08/06/2018, Lisboa.

²⁵⁵ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

²⁵⁶ Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

²⁵⁷ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

À noite houve uma época em que acima da nossa casa ainda havia pinhal, agora já não há. E nesse pinhal havia um armazém, não era bem, mas era uma casa quase como um armazém, não sei a quem pertencia! Então à noite as pessoas reuniam-se aí, dançava-se, cantava-se.²⁵⁸

A constituição do clube deve-se ao aumento de pessoas que passavam a vir para Moledo e que já não se podiam reunir na sala de estar da casa dos meus avós e, portanto, tinha de se arranjar um sítio mesmo e, portanto, foi esse motivo que levou os sócios fundadores a construir um espaço. O clube era um sítio para as pessoas se encontrarem.²⁵⁹

Houve necessidade de ter. As casas das pessoas de Moledo eram muito pequeninas e então quando estava a chover ou quando estava muito nevoeiro e não se podia ir para a praia e passear, etc, havia necessidade de arranjar um sítio onde todos estivéssemos.²⁶⁰

4.3.2.- Os terrenos junto ao areal: novas casas e um clube

A decisão de arrematação em hasta pública dos talhões de terreno «(...) sítos na Praia de Moledo e indicados no plano de urbanização²⁶¹ (...)» pelo preço mínimo de 6\$00 por metro quadrado marcou o início do desenvolvimento urbanístico da área junto à praia de Moledo entre os anos 40 e 60 do século XX. Os leilões seriam realizados na Junta de Freguesia, que tinha o direito de não adjudicar os terrenos quando achasse que os interesses locais não estavam a ser defendidos. E qualquer requerente do talhão deveria acompanhar a sua proposta com uma planta do edifício que pretendia construir, de modo a que a Junta de Freguesia de Moledo sobre ele se manifestasse, uma vez que «(...) todas as construções tinham de obedecer ao plano harmónico com o plano de urbanização já elaborado²⁶²», plano esse que se supõe ser o do arquiteto Moreira da Silva.

Através da leitura da mesma ata constata-se que, segundo informação do Presidente da Junta de Freguesia já havia pessoas «(...) de elevada posição social e que habitualmente costumam visitar a praia de Moledo (...)»²⁶³ interessadas em adquirir alguns dos lotes em questão e, por isso, a necessidade de se arrematarem os terrenos o quanto antes.

Onze anos depois a Junta de Freguesia de Moledo decidiu que o preço por metro quadrado dos talhões a sudeste da praia, junto ao pinhal do Camarido, sofreria uma redução para 3\$50 por metro quadrado no início da licitação, uma vez que convinha «(...) interessar na compra desses terrenos o maior número de pessoas para valorização da praia (...)»²⁶⁴.

²⁵⁸ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

²⁵⁹ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

²⁶⁰ Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho.

²⁶¹ Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo realizada em 27 de agosto de 1944.

²⁶² Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo realizada em 27 de agosto de 1944.

²⁶³ Idem.

²⁶⁴ Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo realizada em 08 de maio de 1955.

Em setembro de 1945, Frederico Cunha, pai do nosso entrevistado António Brito e Cunha, e veraneante em Moledo, declarou à Junta de Freguesia estar interessado na compra dos terrenos números 1 ao 8 e do talhão C, propondo à mesma entidade tomar « (...) a seu cargo a regularização dos terrenos dos talhões na mesma planta designados pelas letras A e B, desde o momento que lhe fosse permitido o seu aproveitamento para jogos, em proveito da Colónia Balnear, e para um prazo nunca inferior a dez anos²⁶⁵.»

Perante a demonstração deste interesse, a Junta de Freguesia de Moledo deliberou que os terrenos 1 a 8 seriam arrematados pelo preço afixado em ata do dia 27 de agosto de 1944, mas o preço mínimo de metro quadrado do talhão C foi alterado para 5 centavos, uma vez que se destinava à construção do Clube Ínsua. Já os talhões A e B foram cedidos « (...) à entidade representada pelo senhor Frederico Cunha, por dez anos, para campo de jogos mas com a condição de todas as benfeitorias feitas não poderem ser levantadas sem haver direito a indemnização.²⁶⁶»

Assim, à semelhança do que já havia acontecido noutras estâncias balneares como Cascais²⁶⁷, Figueira da Foz²⁶⁸ ou Granja²⁶⁹, também em Moledo se fundou um clube chamado Ínsua e oficialmente criado em 1946, por um grupo de banhistas, ao que se sabe liderado por Frederico Brito e Cunha:

Foi o Frederico Brito e Cunha. Ele teve um sonho, uma ideia, um devaneio de juntar os terrenos todos. Os terrenos eram baldios, eram baratíssimos, não havia assim interesse em comprar terrenos ali. Ele comprou lá o primeiro e começou a falar desta conversa a um e a outro e os outros: “Olha, de facto, é boa ideia!”²⁷⁰

O meu pai combinou com vários amigos... o Rui Carvalho Maia, o Romeu Costa Pinto, etc. Combinaram fazer um clube e (...) começaram a construir uma casa, mas depois aquilo começou a sair muito do bolso deles e o meu pai disse que não podia ser. E então constituíram uma sociedade em 46.²⁷¹

A partir do nascimento deste espaço de convívio, os banhistas tinham mais um motivo para frequentarem a estância balnear de Moledo, pois lá podiam sociabilizar e usufruir de um um club onde podiam conversar e encontrar aquelas pessoas que todos os anos se deslocavam àquela praia. À medida que os espaços recreativos ligados à civilização e às zonas urbanas invadiam as praias, as

²⁶⁵ Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo realizada em 23 de setembro de 1945.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ MARTINS, Pedro (2011), op.cit., pp.150 e 151.

²⁶⁸ ORTIGÃO, Ramalho (1876), op. cit., pp. 105-108.

²⁶⁹ Idem, pp. 63-69.

²⁷⁰ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

²⁷¹ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

motivações terapêuticas deixavam paulatinamente de ser invocadas como a única razão para se estanciar²⁷². Isto é, a participação na vida social do clube começava a ser tão rotina como o frequentar o areal propriamente dito e tomar banhos de mar:

Antigamente era um clube onde as pessoas se encontravam, jogavam às cartas e tal. E às quintas e sábados (acho que era quintas, de certeza) a gente nova dançava, pronto.²⁷³

O clube era um sítio para as pessoas se encontrarem. Havia umas festas emblemáticas que eram na mata do Rego, onde agora existe um empreendimento de tijolo. Fazia-se lá uma espécie de verbena, havia barracas que vendiam chá, havia quem lesse as sinas... mas eram os sócios que faziam, havia barraquinhas de tiros! Era um arraial minhoto com diversas atividades! Lembro-me perfeitamente da minha tia que gostava muito de festa e se vestia à minhota. E fazia pataniscas de bacalhau e caldo verde para depois servia!²⁷⁴

Para além das noites de dança e música, o clube organizava eventos desportivos como o 1º meeting internacional de motonáutica no Rio Minho em parceria com o Clube Sporting de Caminha.²⁷⁵

Tal como apontamos acima, os talhões A e B foram cedidos ao clube Ínsua durante 10 anos. Portanto em 1956 havia que decidir se aquela entidade continuava a usufruir daqueles terrenos e em que circunstâncias.

Em reunião ordinária da Junta de Freguesia de Moledo ficou decidido que o Clube Ínsua continuaria a usar aquele espaço mediante uma renda anual de 100 escudos uma vez que, segundo o presidente da Junta de Freguesia, «havia todo o interesse em proporcionar aos veraneantes certas regalias que constituiriam outros tantos atrativos e seriam como que um chamariz para novos veraneantes. Que esta circunstância não é de desprezar, pois é indiscutível que quer o comércio quer a própria lavoura da freguesia muito aproveitou com a vinda e estadia de veraneantes e banhistas (...).»²⁷⁶O arrendamento renovava-se anualmente consoante o entendimento da junta sobre quem era merecedor da respetiva concessão.

O problema da habitação em Moledo durante a época balnear era já abordado no século XIX:

O que há é falta de habitações, e estas são causa primária da falta de maior concorrência.²⁷⁷

²⁷² MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), op. cit., p. 47.

²⁷³ Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

²⁷⁴ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

²⁷⁵ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha do dia 24 de julho de 1963.

²⁷⁶ Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo de dia 12 de Agosto de 1956.

²⁷⁷ *Estrella de Caminha*, 11/09/1883.

E foi sendo colmatado ao longo da primeira metade do século XX através dos quartos existentes na Pensão Ideal e do cada vez mais frequente arrendamento das casas pessoais dos moledenses, que as abandonavam durante a época balnear para irem viver para anexos, aumentando assim as suas economias durante o verão:

Algumas das pessoas que alugavam as casas viviam ali durante o ano e depois alugavam-nas durante o verão e iam para uns anexos. Os Brito e Cunha, Blanco, Romeu Costa Pinto eram pessoas que primeiro alugaram e depois acabaram por comprar.²⁷⁸

As pessoas [banhistas] dirigiam-se às pessoas locais que alugavam as casas e às vezes alugavam-nas de um ano para o outro. Mas as casas eram péssimas! Não tinham casa de banho, noutras as casas de banho ficavam fora, não tem nada a ver com as casas atuais.²⁷⁹

Portanto... a primeira casa é do Romeu, já na nova fase! A minha fase daquelas casas primeiras, esse período já acabou. Há agora um novo período... a casa do Romeu que foi o meu marido que fez o projeto. A seguir era a casa do Luís Blanco e a seguir era a casa, que até faz esquina, do Frederico Brito e Cunha.

Então o Romeu fez casa, o cunhado, Carvalho Maia, nunca fez casa. Primeiro iam para a Flora, clientes. Depois a Flora tinha poucos quartos, então ela fez um aumento. Fez uns anexos, umas coisas, para onde eles iam todos os anos.²⁸⁰

Quem vinha para Moledo e se radicou cá, vinha para a pensão Flora. O Rui Carvalho Maia e o Dr. Romeu Costa Pinto vinham para a pensão Flora e só depois é que se decidiram alugar e fazer casas.²⁸¹

Ficávamos numa pensão que era a pensão Ideal que existia na altura. Onde me lembro perfeitamente de ficar, onde tomávamos as refeições, etc. E depois os meus pais, um pouco mais tarde, nos finais dos anos 60, construíram uma casa em Moledo.²⁸²

A “nova fase” a que Margarida Tudela se refere tem a ver com este período de construção junto à praia que vem contrastar com aquele em que se alugavam casas na parte alta da freguesia ou junto à estrada que ligava Caminha a Viana do Castelo. De destacar que Dona Flora era uma figura de tal modo notada na freguesia que o nome da pensão era confundido com o seu próprio nome.

²⁷⁸ Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

²⁷⁹ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

²⁸⁰ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

²⁸¹ Entrevista a Maria da Saúde Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

²⁸² Entrevista a Tozé Brito, 17/04/2018, Lisboa.

A partir do ano de 1949 foram vários os talhões comprados junto ao areal de Moledo quer por pessoas residentes no concelho como foi o caso de Viriato Alves²⁸³ morador em Caminha, quer por pessoas de outras cidades portuguesas como Edmundo Ferreira de Almeida, residente em Lisboa.²⁸⁴ Também membros das famílias Malheiro Dias, Carneiro Pacheco, Carvalho Maia, Alves Costa, Costa Reis²⁸⁵, Valença²⁸⁶, Perkins²⁸⁷, Pinto Ribeiro, Castro Feijó, Rocha Melo²⁸⁸ e Magalhães Carneiro²⁸⁹ compraram terrenos nesta altura para construírem casas unifamiliares.

Apesar deste crescimento de habitações em Moledo, na década de 70 ainda se falava nos jornais locais sobre o problema do alojamento naquela estância balnear:

Embora ainda longe, vai se aproximando a época balnear, a quadra mais movimentada do ano, aquela que até nós traz tantas famílias (nacionais e até estrangeiras), que de perto ou de longe aqui querem permanecer algum tempo, retemperando as energias abaladas por mais um ano de fadigas e canseiras nas labutas do dia-a-dia e pelo ar viciado das cidades, mergulhando no Oceano que nos beija a Praia e estirando-se na areia fina a apanhar banhos de sol, enchendo os pulmões de ar puro no Camarido, passeando pelos caminhos da aldeia ou distraíndo-se no club; enfim, ocupando o tempo de férias como melhor lhe apraz.

Por tal motivo, vão já aparecendo algumas pessoas, a procurar casas para a época, mas como vem sendo hábito de uns anos a esta parte, têm poucas probabilidades de o conseguir, visto que na sua esmagadora maioria, as habitações, ou quase toas, ficam já alugadas de uma época para outra.

À semelhança das casas, o mesmo sucede com as pensões, cujos hóspedes deixam já de um ano para o outro os seus aposentos garantidos. Desta forma ainda com vários meses de distância da época balnear, poucas possibilidades pode haver (nomeadamente em Agosto, o mês preferido pela maioria), de se conseguir uma habitação ou um quarto nas pensões.

Resta a possibilidade de recorrer a quartos alugados em casos particulares (com o inconveniente das pessoas terem de se deslocar às pensões para as refeições) ou a algumas moradias mais modestas, que são sempre as menos preferidas.

Enquanto não aparecer alguém com iniciativa, que dê corpo a uma tão necessária aspiração de Moledo, nomeadamente com a construção de um bom hotel, o problema subsistirá. A praia tem todas as condições para um êxito assegurado; outras de bem menor valia têm tido a sorte de, com filhos seus ou com forasteiros, resolverem o seu problema e ainda não consta que se tenham arrependido!

Tenhamos fé, que alguma vez será!²⁹⁰

²⁸³ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 10 de dezembro de 1949.

²⁸⁴ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 1 de outubro de 1954.

²⁸⁵ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 14 de outubro de 1956.

²⁸⁶ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 13 de janeiro de 1957.

²⁸⁷ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 14 de julho de 1957.

²⁸⁸ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 14 de outubro de 1962.

²⁸⁹ Ata da sessão da Junta de Freguesia realizada a 9 de dezembro de 1962.

²⁹⁰ *Caminhense*, 05/02/1972.

4.3.3.- Hábitos e sociabilidades durante a época balnear

A praia quando frequentada durante a manhã era considerada um espaço para fins terapêuticos por ser a altura do dia de menor calor e quando a água estava mais fria. Já a praia lúdica era associada à sua ocupação durante a tarde e nas horas de maior calor, por estarem condições mais favoráveis ao convívio e se permanecer mais tempo no areal, desenvolvendo-se outras atividades para além do banho de mar.²⁹¹

Porém, em Moledo o hábito de ir à praia sempre foi confinado às manhãs, mesmo quando o areal deixou de ser um sítio de passagem para passar a ser um local de permanência, onde se estabeleciam relações sociais ou se praticava desporto.

São vários os motivos apontados pelos entrevistados para justificar esta tendência. Alguns referem o vento de norte, apelidado comumente de nortada, (característica aliás sublinhada no livro *Moledo do Minho*, de Manuel Busquets de Aguilar²⁹²) que aparecia mais amiúde durante a tarde, outros o facto de haver variados espaços naturais nas redondezas com o mesmo nível de atratividade que a praia, como o pinhal do Camarido e as cascatas de Vilar de Mouros.

O certo é que as rotinas dos dias da época balnear estavam bastante estabelecidas. As manhãs eram então passadas na praia e as tardes divididas entre idas ao pinhal do Camarido, a quedas de água do rio Coura e, por vezes, a Espanha:

O lugar de convívio era a praia de manhã, a norma. De manhã, praia. Tomávamos o pequeno-almoço e íamos para a praia! E, às 11 horas, o Benigno (o banheiro) mandava tomar banho e toda a gente ia tomar banho. Às vezes a essa hora, umas vezes mais cedo.

Havia o convívio na praia, depois as pessoas iam almoçar. E depois havia a sesta, logo a seguir ao almoço não se via ninguém. E a seguir começava às quatro horas... começavam a aparecer assim ali na estrada, assim ali por aquele sítio, começava a aparecer um, começava a aparecer outro e então ia tudo a caminho do pinhal [do Camarido]! E no pinhal havia jogos, brincadeira, outras faziam crochet ou conversávamos uns com os outros.

Mas a tarde era para ali para as brincadeiras e depois era o que acontecia! Depois punha-se um cordão para se jogar à bola e, de repente, vinha um carro e dizia-se: “lá vem um, lá vem um” E lá se tinha de tirar o cordão. Às vezes resolvíamos fazer uma excursão que era atravessar ali o Camarido. Para nós era uma aventura atravessar o mato, porque aquilo era densíssimo. Depois uns escondiam-se, aquelas brincadeiras na altura! Mas íamos com a autorização dos pais. Outras vezes resolvíamos ir para a aldeia, entrar por um lado e sair pelo outro, mas isso era muito raro.

Às vezes os pais iam a Espanha. Mas nós não íamos, só muito mais tarde é que eu fui a Espanha. Houve uma vez que eu e a Nana [uma amiga] alugámos um barco no rio Minho e

²⁹¹ MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), op. cit., p. 102.

²⁹² AGUILAR, Manuel Busquets (1941), op. cit., pp. 11 e 12.

atravessámos. Cheguei a Espanha, pus o pé lá e viemos embora. “Já pus o pé, vamos embora!”²⁹³

Margarida Tudela frequentou Moledo de 1932 até 1946, portanto o seu relato corresponde aos hábitos dos banhistas da primeira metade do século XX. Tal como acontece com as descrições de António Brito e Cunha e Maria Helena Guerreiro, já que o primeiro passa os seus verões em Moledo desde 1934/1935 e a segunda ia a banhos em Moledo desde 1940:

Quando estava mau tempo íamos para o pinhal. De manhã ia-se para a praia, depois do almoço os meninos faziam a sesta e depois as mães e os filhos...ia tudo para o pinhal. E nós levávamos bicicletas, patins, fazíamos cabanas, era este o programa. Quando chovia ficávamos insuportáveis. Quando estava vento na praia, as mães pegavam nos filhos e iam para o Camarido. As senhoras faziam tricot e nós andávamos de patins. De repente dizia-se: “Meninos, vem aí um carro!” e passava um carro de 5 em 5 horas.

A partir dos meus 25 anos toda a gente ia muito para Vilar de Mouros quando havia vento, que é uma zona muito abrigada. Quem tinha carro ia de carro, quem tinha bicicleta, ia de bicicleta. Antigamente o rio Coura tinha mais água e, portanto, havia um lago muito maior. Era isso que fazíamos quando estava vento.

Na altura em que começaram a haver mais carros ia-se bastante para Espanha. Nós íamos muitas vezes quando eramos miúdos clandestinamente, arranjavamos um barco. Até uma vez fui a nado, fizemos uns estudos. Aproveitávamos a maré estar vazia e ainda estar a encher e fomos umas vezes e passávamos lá as tardes.²⁹⁴

Porque nós quando estávamos na praia íamos tomar banho ao meio dia, a água era gelada. Completamente gelada e quando se entrava doíam os ossos. Uma pessoa voltava para trás, tornava a entrar, tornava a sair... Então andávamos pelas barracas uns dos outros para irmos tomar banho em grupos, senão ninguém tinha coragem!

E depois de tomar banho, aparecia uma senhora que era a Felicidade com uma lata assim grande cheia de bolos e andava a vender bolos pelas barracas! Era de uma pastelaria de Âncora e depois do meio-dia começava a vender bolos! Quando toda a gente saía do banho ia comer um bolo à Felicidade, ela ia pelas barracas todas.

Quando era pequena, assim muito pequena à tarde íamos para o pinhal brincar. Quando estava mau tempo, íamos para a casa uns dos outros brincar e tal... pronto!

Quando era mais velha, aí treze, catorze anos, íamos para Vilar de Mouros para a levada e etc. E à noite, pelo menos às quintas-feiras e sábados, dançávamos no Clube [Ínsua] e nos

²⁹³ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

²⁹⁴ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

outros dias estávamos em Caminha, andávamos a passear pelo Minho. Fazia-se muito a vida de andar pela casa uns dos outros.²⁹⁵

Pita Guerreiro, residente em Seixas e frequentador de Moledo durante o Verão recorda-se igualmente da Dona Felicidade:

Em Moledo existia muito pouco, a não ser a praia e o paredão não havia nada! Havia a mulherzinha a trazer os bolos na caixinha. Era uma senhora que trazia uns bolos muito bons! Não havia pastelarias, nada disso.²⁹⁶

Também o conhecido maestro português, António Vitorino d'Almeida começou a ir para Moledo na década de 1940:

O Minho apareceu, de repente, quando eu tinha um ano ou dois, porque o meu avô paterno era funcionário das finanças e foi destacado para Caminha e gostou de lá estar. Eu comecei a ir para lá desde que nasci.²⁹⁷

E o relato que faz da sua rotina diária assemelha-se bastante ao dos restantes entrevistados que passaram os verões da sua infância e início de adolescência em Moledo durante a primeira metade do século XX:

Quando era miúdo ia para a praia de manhã. Depois cresci e gostava muito de ir à praia à noite. Mas havia um programa típico que era ir a Vilar de Mouros quando estava vento em Moledo. Íamos de bicicleta²⁹⁸.

Fátima Barbosa, apesar de ter nascido um pouco mais tarde e dos seus primeiros anos de vida terem ocorrido já durante a segunda metade do século XX, retratou um quotidiano balnear análogo:

Íamos de manhã para praia. Saímos da praia género à uma/duas da tarde, íamos para casa, dormíamos a sesta e depois íamos de bicicleta para Vilar de Mouros, Serra de Arga, Sacho, levávamos picnics e íamos de bicicleta todos. A maioria não tinha carro.

Íamos à pesca, íamos andar de bicicleta, íamos subir os montes, íamos para o pinhal do Camarido fazer cabanas. Nós tínhamos interesses muito mais alargados do que os miúdos atuais.

²⁹⁵ Entrevista Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

²⁹⁶ Entrevista a Pita Guerreiro, 13/03/2018, Moledo do Minho.

²⁹⁷ Entrevista a António Vitorino d'Almeida, 16/04/2018, Lisboa.

²⁹⁸ Idem.

Tínhamos um rali e uma gincana no clube [Ínsua] para nós. E uma tarde por semana, tenho impressão que era à quarta, em que tínhamos música até às 22 horas e depois íamos dormir, que era preciso ir para a praia de manhã.²⁹⁹

Uma vez que era hábito para muitos veraneantes a deslocação até Espanha nos dias de maior calor, a Junta de Turismo de Moledo resolveu pedir à Câmara Municipal de Caminha que interferisse junto dos Caminhos-de-ferro Portugueses para que o comboio que ia diariamente para Vigo, com regresso a Portugal à noite, parasse em Moledo.³⁰⁰

Passados quase dois anos, a Câmara Municipal de Caminha recebeu finalmente a resposta dos Caminhos-De-Ferro Portugueses rejeitando o pedido da Junta de Turismo de Moledo do Minho.³⁰¹

Todos os testemunhos que se conseguiram recolher acerca do dia-a-dia dos veraneantes de Moledo possuem um ponto em comum, que é a estreita ligação entre a praia e os espaços verdes circundantes como o pinhal do Camarido ou a levada de Vilar de Mouros.

Já no século XIX esta simbiose entre o verde do pinhal e o azul do mar era mencionada no jornal local *Estrella de Caminha* como uma das mais-valias da praia de Moledo, que conseguia oferecer aos seus frequentadores o melhor dos areais e dos pinhais (condições impossíveis de igualar quer em Vila Praia de Âncora, quer em Caminha):

Em eguaes circunstâncias está a praia de Moledo, onde há meia dúzia de anos se tem formado um núcleo de povoação e actualmente está tomando lisonjeiro aspecto, devendo prosperar muitíssimo com os melhoramentos que vae tendo.

Aqui, a praia de banhos é melhor. Um extensíssimo areal, onde as ondas do oceano vem bater, sem furor mas com a vida necessária para o banho, convida a todos, desde o mais tímido ao mais afouto a ir brincar para a água.

No ponto intermedio, entre a Largateira e Caminha, esta praia usuffreas a ambas, aproveitando de cada uma o que melhor lhe apraz. Não inveja o pinhal da Matança co'as suas frescas sombras da tarde, porque também tem o Camarido; não inveja os campos de Âncora e Gontinhães com as suas sympathicas Rosinhas, porque também se espelha nos extensos campos de Moledo e Cristello e vê n'elle passearem, como as lavandiscas suas companheiras, não menos encantadoras filhas do campo; e se ainda houvesse medo de ficar mal, poderia jactar-se do excelente areal, passeio favorito dos banhistas, que ao por do sol vão para junto do mar respirar as frescas brisas da tarde e misturar os seus cantos alegres com os gemidos da onda que se desfaz.³⁰²

²⁹⁹ Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho.

³⁰⁰ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha do dia 16 de abril de 1971.

³⁰¹ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha do dia 12 de janeiro de 1973.

³⁰² *Estrella de Caminha*, 08/08/1882.

Com a passagem do tempo esse elogio continuou a ser feito, mas em vez de ser num jornal, era na memória descritiva de uma obra a realizar-se em Moledo:

Compreendendo a orla marítima que se destaca entre a Freguesia de Vila Praia de Âncora e a Vila de Caminha, Moledo pode ufanar-se de ter sido bafejada pela natureza, dada a sua situação privilegiada e os encantos que oferece.

A sua praia, com extenso e fino areal é considerada uma das melhores do Norte e o crescente aumento das pessoas que anualmente a procuram justificam plenamente o bom nome de que disfruta.

A categoria dos frequentadores de Moledo, durante o período estival, dá-lhe um certo cunho aristocrático e os seus naturais, verificando o movimento crescente da sua terra, pretendem dota-la dum certo número de melhoramentos para, deste modo, a verem cada vez mais engrandecida.

Mas não é só a praia que, com as suas condições excepcionais, tornam esta religião tão atreita a prender quem pela primeira vez a demanda.

Atravessada pela E-N- 13, ao longo da qual se situa o seu maior aglomerado habitacional possui Moledo, o frondoso “Pinhal do Camarido”. Maciço de arvoredos tão denso, onde com dificuldade penetram os raios solares, os seus recantos diversos são frequentadíssimos em dias de canícula, ou quando o vento torna incomoda a estadia na Praia (...) ³⁰³

À semelhança do que acontecia com outras praias do país, como a de Vieira de Leiria, era inevitável falar-se da praia de Moledo sem haver uma referência ao pinhal do Camarido. Nicolau Pais, filho do encenador Ricardo Pais, veraneante em Moledo já nas décadas de 80/90 do século XX, considera Moledo como « (...) uma zona de pinhal e serra com uma praia e não uma praia com um pinhal. ³⁰⁴»

Para além das manhãs e tardes divididas entre praia e pinhal, havia quem andasse de bicicleta por Moledo e pelas localidades circundantes:

Andávamos imenso de bicicleta e andávamos todas! E eram tudo programas bons. O que atraí em Moledo é essa grande variedade. E conhecíamos-nos todos. ³⁰⁵

Outras vezes de tarde fazia-se excursões, íamos a Viana todos de bicicleta. Quase toda a gente tinha, se não tinha havia lá um sítio onde se alugava bicicletas, não eram caras! Havia uma lojinha só para as alugar e arranjar. Íamos só para comer um sidónio ³⁰⁶. ³⁰⁷

³⁰³ Memória descritiva do parque infantil de Moledo elaborada pela Direcção de Urbanização do Distrito de Viana do Castelo, 01/06/1955.

³⁰⁴ Entrevista a Nicolau Pais, 12/03/2018, Viana do Castelo.

³⁰⁵ Entrevista a Maria da Saúde Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

Bicicletas, corridas de bicicletas, essa conversa assim... Encontros de futebol num campo ali em baixo.³⁰⁸

Porém, este hábito por vezes constituía um atentado à boa e segura circulação na freguesia de Moledo como noticiava o jornal *O Caminhense*:

Todos os anos logo que a época balnear começa surgem na Esplanada da Praia, nas ruas que lhe ficam próximas e até nos passeios que as circundam! Um considerável número de bicicletas e motorizadas que animadas de altas velocidades por condutores que não têm o mínimo respeito pelas regras do trânsito nem pela vida ao seu semelhante, colocam em sério risco a integridade física dos peões naqueles locais se encontram ou por eles transitam.

São verdadeiras provas de velocidade disputadas por adolescentes e adultos, que a não serem pronta e energicamente rejeitadas pela autoridade policial competente, irão dar origem a acidentes que podem ter graves consequências.³⁰⁹

Ao longo do século XIX foram vários os artigos publicados a elogiar a beleza natural de Moledo e a descrever os hábitos dos veraneantes que naquele tempo só eram vistos ao amanhecer ou ao pôr-do-sol. Durante o dia eram as empregadas domésticas que ocupavam os espaços da freguesia:

Até que enfim, aqui nos achamos, descansando das ásperas fadigas da vida. O nosso amigo gigante – o mar, elle ahi está altivo e turbulento como sempre, luctando continuamente contra os rochedos firmes das praias.

Hoje conserva-se d’uma inquietação febril, virulenta. Cada vaga que desprende do seu enorme flanco é como o estampido ensurdecente dos canhões Krupp, quando enviam a qualquer parte os seus terríveis projectis, No entanto o céu é azul e límpido e o sol ilumina, com os seus raios rutilantes as grimpas penhascosas das montanhas. Ouvem-se os chilros das avesinhas mansas que revoam pela amplidão com as suas azinhas delicadas.

A natureza oferece as mil distrações diversas, que parecem estar pedindo cada uma de per si, um poema homérico, que cante todas as suas belezas, todos os seus atractivos resplandecentes, todas as suas deslumbrantes maravilhas. Moledo como os leitores sabem é uma pequena povoação “à beira mar plantada” convertida, durante a época balnear, n’uma praia de banhos; praia “bijou”, onde o “touristte” encontra muita simplicidade nos costumes, muitas belezas nas paisagens e muitas comodidades recomendáveis.

³⁰⁶ Bolos em homenagem a Sidónio Pais, em formato de caixão, feitos de amêndoa, açúcar e ovos.

³⁰⁷ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

³⁰⁸ Entrevista a Maria Helena Magalhães Carneiro, 08/06/2018, Moledo do Minho.

³⁰⁹ *Caminhense*, 05/08/1972.

O Minho, que é o jardim de Portugal, tem algumas praias agradáveis e formosas, que se engastam n'esta província como as estrelas no firmamento azul ou os sorrisos dulcíssimos d'amor, a uns lábios rubros de donzela. Moledo é entre todas estas praias, talvez a mais pequena, mas nem por isso deixa de ser uma das mais convenientes, e a mais bem situada. Se não possui magníficos chalets, chateaux, e cottages, que a adornem, tem em compensação umas casinhas modestas bem arejadas, pinhaes vastíssimos, horizontes límpidos, montes pitorescos, passeios encantadores, e, sobre tudo, uma excelente praia para banhos. Este anno as casas estão repletas, e a concorrência é superior à dos anos anteriores.

No entanto não se vê ninguém de dia. A hora do banho é de madrugada, quando o sol ainda repousa tranquilo no seu somno reparador. Durante o dia apenas se veem creadas todas atarefadas, correndo para a fonte ou para as lojas, de resto... nada mais. Muito depois que a lua faz os seus cumprimentos, e nos envia um shac hands galante, principia então a aparecer o fashion da praia, embrenhando-se pelo Camarido ou seguindo pela estrada real. E d'este modo, só nos é dado contemplar os banhistas de Moledo, ou antes do sol, ou depois do sol!!

É extraordinário este modo de proceder, mas, segundo me afirmam é tradicional.

De noite... nada! Minto. Depois do passeio noctívago, cada qual recolhe a casa onde toma o chá obrigatório, e joga em família o boston, o whiste, a sueca ou a bisca caseira. É esta a vida de Moledo, pacata como um bom burguez endinheirado, e simples como uma contradança francesa, "arranhada" ao piano por qualquer Julieta, fina como as agulhas de Leeds, e romântica como os antigos trovadores medievais.

Vive-se em completa união com a natureza, entre tudo o que ella possui de mais adorável e mais sublime. (...)

Frei Petropolis³¹⁰

Assinado pelo cronista Frei Petropolis, cuja identidade se desconhece, este artigo possui uma linguagem típica do romantismo com o uso de estrangeirismos a cada frase, estilo aliás muito frequente no século XIX e que dá ao relato um tom ligeiramente exagerado. Importa esclarecer que os canhões krupp referidos no primeiro parágrafo trata-se dos canhões que fizeram com que a Prússia derrotasse a Áustria em 1866 durante a guerra austro-prussiana e a França em 1870, aquando da guerra franco-prussiana que destituiu Napoleão III.

Quanto às empregadas domésticas, únicos vultos que frequentavam as ruas de Moledo durante as horas de sol num atarefado rodopio, certamente com o objetivo de satisfazer todas as solicitudes dos seus patrões, não existem informações que permitam saber se as pessoas que trabalhavam nas casas dos banhistas no século XIX eram as mesmas que trabalhavam nas suas casas de primeira residência durante o resto do ano ou se eram moledenses.

Mas conseguiu-se obter alguns esclarecimentos sobre o que acontecia em relação ao mesmo assunto no século XX através das entrevistas que se realizaram.

³¹⁰ *Estrella de Caminha*, 09/09/1884.

Na maior parte dos casos a que se teve acesso, as empregadas domésticas deslocavam-se com as famílias para o local que estas escolhiam para estanciarem. Eram, portanto, empregadas que já vinham do local de residência dos banhistas. Porém, havia famílias que sentiam necessidade de contratar moledenses para exercer determinadas funções, como a de António Brito e Cunha, descrita pela sua mulher (Maria da Saúde Brito e Cunha):

A minha sogra tinha um jardineiro, uma cozinheira e uma criada.

A minha sogra contratava a cozinheira que vivia do outro lado da rua e cozinhava muito bem. As pessoas aqui da aldeia não trabalhavam muito nem a dias, nem a nada porque tinham o sargaço, as suas terras. E nunca gostaram muito dos veraneantes.³¹¹

Margarida Tudela, por seu lado, não se recorda de alguma vez ter moledenses a trabalhar na casa de família durante o verão:

Comer nós comíamos o que comíamos em casa porque levávamos as criadas. O pai velho e a mãe velha levavam a cozinheira deles, depois eles morreram. E depois a Tita levava a cozinheira e depois a Muñoz levava também a empregada e a minha mãe também levava. E o tio Nuno também tinha a baba [ama] do seu filho.³¹²

Assim como Fátima Barbosa, cuja família era de Joane, uma localidade entre Guimarães e Vila Nova de Famalicão:

Vínhamos de carro e demorávamos para aí três horas, três horas e meia. A meio parava-se e ia tudo beber água, fazer chichi e tomar café. E tínhamos uma empregada muito antiga e vinha o chauffeur com as empregadas noutra carro, que punham imensos jornais no peito e limões nos bolsos dos aventais que era para não enjoarem. As empregadas vinham todas de lá. As empregadas nessa altura ficavam sempre em casa. Outras vinham-nos trazer, quando estava bom tempo, o almoço à praia. Mas as empregadas não iam à praia.³¹³

Já os moledenses a quem se realizaram entrevistas referiram alguns dos trabalhos que ocuparam os seus pais durante a época balnear e que estavam diretamente ligados com os banhistas da praia de Moledo:

³¹¹ Entrevista a Maria da Saúde Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

³¹² Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

³¹³ Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho.

Normalmente eram contratadas senhoras para servir, para ir ao mercado, para ir buscar águas às fontes, porque naquele tempo não havia água encanada. A minha mãe foi muito. Elas iam à fonte de Barbanços, ali entre Moledo e Cristelo. Médicos normalmente queriam aquela água.³¹⁴

O meu falecido pai era madeireiro, cortava madeira e no verão fornecia lenha, porque não havia gás. Havia fogões de lenha. Os meus pais faziam uns molhos de lenha e no verão vendiam para cozinhar.

Havia aqui pessoas com quatro e três criadas! Agora onde é que se vê isso! Os banhistas não tinham grandes comunicações com as pessoas de Moledo. Falavam muito aos banheiros porque precisavam deles, mas de resto, não...

Havia mulheres de Moledo a fazer limpeza nos banhistas, mas era a pior limpeza! A melhor limpeza era para as criadas de casa!³¹⁵

Elas diziam que trabalhavam para os fidalgos. Os que vinham para cá passar férias eram chamados de fidalgos. Então as pessoas que cultivavam e que trabalhavam em casa, nos meses de verão, arranjavam sempre umas horinhas para passar a ferro ou para limpar... iam aos fidalgos. Agora chamamos os veraneantes ou os que vêm para passar férias. Mas antes eram os fidalgos, porque eles eram os ricos e nós os pobres, os que os serviam.³¹⁶

Quanto à alcunha “fidalgos” inventada pelos moledenses para apelar os veraneantes, outros entrevistados corroboraram a informação supra citada:

Lembro-me de ser miúdo e os habitantes da aldeia chamarem aos veraneantes: os fidalgos.³¹⁷

As pessoas que vinham para aqui eram chamadas de fidalgos. O povo da terra não se misturava com eles, porque os banheiros não consentiam. Para a zona norte e para a zona sul d areal é que ia o pessoal aqui da terra. O meio era para os fidalgos.³¹⁸

Pouco sabemos acerca do dia-a-dia das empregadas domésticas que se deslocavam com os seus patrões para Moledo e se estabeleciam relações com as empregadas das diferentes casas ou com os moledenses. Sobre esse assunto, apenas a entrevistada Maria Afonso, moledense nascida em 1954, nos contou uma história de namoro entre um familiar seu e uma empregada dos “fidalgos”:

³¹⁴ Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

³¹⁵ Entrevista a Jorge Puga, 07/06/2018, Moledo do Minho.

³¹⁶ Entrevista a Maria Afonso, 09/06/2018, Moledo do Minho.

³¹⁷ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

³¹⁸ Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

Os banhistas traziam sempre empregadas e então a mocidade de rapazes aqui da zona era: “Onde ides?” “Vamos às sopeiras!”

Então iam para o paredão e era o ponto de encontro deles com as sopeiras. Eu lembro-me perfeitamente de um irmão meu, que tinha uma sopeira e o combinado deles era: ela arrumava a cozinha de porta aberta, quando a porta estivesse fechada era sinal que ela vinha. Mas o meu irmão esperou muito tempo, porque o patrão foi e fechou-lhe a porta antes de tempo. O meu irmão dizia: “Ela nunca mais vem!” E depois ela encontrou-o mais tarde e pediu-lhe desculpa que tinha sido o patrão a fechar a porta por causa dos mosquitos. Isto para aí nos anos 60/70.³¹⁹

4.4 – OS ILUSTRES DA PRAIA DE MOLEDO

4.4.1. – O refúgio de António Pedro

Logo no primeiro ano em que chegou às bancas, a *Revista Panorama* (um publicação sobre arte e turismo editada entre 1941 e 1974) fez um apelo aos seus leitores para que enviassem para a redação documentação sobre lugares, arte ou tradições populares que achassem relevantes e dignas de reportagem, alertando também para o facto de existirem várias praias, entre elas a de Moledo, que nunca tinham sido alvo dos fotógrafos:

(...) Uma coisa vem a propósito: estender aos particulares um pedido endereçado, no nosso primeiro número, aos organismos oficiais: - que nos enviem a maior quantidade possível de elementos (principalmente documentação fotográfica) que nos permitam revelar ou divulgar aspectos menos conhecidos – e nem por isso menos belos – da nossa paisagem, dos nossos costumes, da nossa arte culta e popular.

Quantos trechos magníficos existem na nossa beira-mar, de que ainda não se logrou obter reproduções publicáveis! Quantas praias de primeira ordem, tão pitorescas e fotogénicas, aguardam as objectivas de bons fotógrafos!

- Moledo do Minho, São Pedro de Muel, Miramar, Aguda, Costa Nova do Prado, Torreira, Pedrogão, Sines, Vila Nova de Mil Fontes, Monte Gordo... quantas!³²⁰

Foi necessário esperar até aos números 15 e 16 daquela revista para Moledo do Minho aparecer nas suas páginas através das palavras do artista António Pedro:

Na praia do Moledo é onde começa Portugal a encontrar-se com o mar. O namoro começa aí.

Na Galiza não há praias. As que há são uma nesga de areia que lá consegue esgueirar-se entre rochedos e onde o mar, de apertado, nem tem espaço para rolar uma onda com jeito. O resto é rocha, a pique, empinando-se recortada a todo o longo da costa, e que às vezes parece, do melindre, espuma que se lêis preta de velha, ali parada a impedir a brincadeira do mar, às vezes; em

³¹⁹ Idem.

³²⁰ Revista *Panorama* (1941, setembro), nº4, volume 1, p. 4.

moles lisas, sobrepostas e imensas, faz supor que os montes se arrependeram tarde de entrar por ele dentro, e acomodaram a sua beleza, desajeitada e tamanhona, a um contraste que os esfria.

É claro que isto é literatura, e da má, mas aquilo pede literatura. Dizem que parece os fiords. Do que eu conheço, não se parece com nada.

Depois há o Minho, que é um assombro, mas um assombro suave. Creio que é no rio Minho que se fabrica aquela cor doirada da luz do céu, por estas paragens, mais subtil que nenhuma. A luz entra pelo meio das galhas dos pinheiros e lubrifica-as de sonho, pousa sobre a mala do Camarido e alfombra-lhe os reflexos, entremeia-se nos milhos, desenha as casinhas brancas de Cristelo, na encosta do monte, respira-a a gente, e tudo resulta leve como uma suspeita de alegria.

Sei lá se isto é assim! Sei que não há terra bonita no mundo mais bonita que de quilómetros, até aos rochedos de Sto. Isidoro, uma areia fina, acolhedora e sensível que parece feita para brincar.

Tudo em Moledo é de propósito para ser lindo! A concha da praia, que é enorme, fecha-a pelo Nascente a corda dos montes, que vêm da Serra de Arga, e ali se ajeitam, proporcionados. Ao Norte, a Galiza acaba por um cone de pedra e árvores, como se quisesse ter fechado a fronteira com um monumento natural. É Sta. Tecla. Na desembocadura do rio há uma ilha que foi poiso de monges militares, a Ínsua, fortaleza maneirinha plantada no meio do mar como num cenário. E o mar é verde, azul, espantoso como sempre, até a um horizonte nítido. Moledo é assim. Não precisa de nenhum pitoresco de almanaque folclórico.

Chega-lhe o mar, a terra e o céu para não ter inveja de ninguém.

Monte maninho para subir quem quiser desenferujar as pernas em alpinismo barato, ou de escopeta, para os coelhos e perdizes, na falda do monte, uma aldeia rural com igreja, capela de devoção, cruzeiro de pedra, lindo, as parreiras do “verde” a ensombrar os caminhos pedregosos onde há “alminhas” em nichos, junto às dunas da praia, ao longo da estrada nacional, umas dúzias de casas, as dos banhistas, e cêrca de uma delas, uma capelinha linda do século XVII, que foi para ali amorosamente transplantada de uns dez quilómetros de distância, uma mata admirável de pinheiros e acácias, o Camarido, para abrigar da nortada ou ir dormir a sesta, numa rede, a encher os pulmões de saúde, a praia como nenhuma, e, se o mar traz sargaço, a faina de colhê-lo, com redanos e ancinhos, os homens e as mulheres vestidos de oleado, os boisinhos minhotos, piscos e galegos, a ajudarem o arraste, o cheiro forte do iodo, o treme-treme do ar com a evaporação das algas, o guincho do eixo dos carros carregados pela praia fora, a azáfama da gente, é um espectáculo inesquecível num cenário inesquecível.

Ah, é verdade! Aqui as mulheres andam vestidas à moda do Minho. À moda de Moledo do Minho. Não se parece nada com o Carnaval...³²¹

Se no século XIX, Affonso foi a figura mais evidenciada na praia de Moledo pelo incremento que deu ao seu desenvolvimento como estância balnear, no século XX António Pedro,

³²¹ PEDRO, António (julho, 1943), Moledo do Minho, *Revista Panorama*, números 15 e 16, volume 3, pp. 22 a 24.

encenador, ator, poeta, pintor e artista plástico afirmou-se como o grande vulto de Moledo, contribuindo para o seu progresso não só através do seu dinamismo cultural, mas também como elemento agregador entre os banhistas e a população local.

Na crónica que aqui transcrevemos, António Pedro fez quase que uma ode a Moledo, conseguindo, numa linguagem poética, descrever tudo o que em Moledo valia a pena ser apreciado: as rochas da praia, o rio Minho, o pinhal do Camarido, as casinhas de Cristelo (freguesia vizinha de Moledo), a Serra de Arga, o monte de Santa Tecla já em território espanhol e a fortaleza da Ínsua. Havendo ainda espaço para descrever a atividade das sargaceiras e o hábito do refúgio no pinhal do Camarido em dias de nortada ou simplesmente para dormir uma sesta.

Nascido em 1909 na Cidade da Praia, em Cabo Verde, António Pedro começou a sua carreira de artista em 1926 como poeta «(...) de pendor simbolista e nacionalista (...)»³²². Mas rapidamente trocou a poesia pelas artes plásticas e em 1932 abriu a Galeria UP, a primeira galeria de arte moderna do país.

Depois de trabalhar vários anos como colaborador das secções de arte e cultura de vários jornais e revistas (*A Bandeira, Acção Nacional, Revolução, Diário Popular, Variante, Diário de Lisboa, O Comércio do Porto, Horizonte* e *Jornal das Artes*³²³), e como correspondente da BBC entre 1944 e 1945, criou com outros artistas o Grupo Surrealista de Lisboa em 1947.

Em 1951 mudou a sua residência para Moledo do Minho³²⁴, onde se dedicou principalmente à cerâmica e à encenação teatral. Foi naquela freguesia que acabou por falecer em 1966.

Desde sempre ligado ao Alto Minho por o seu pai descender de uma família daquela zona de Portugal e por ter realizado os estudos liceais no Instituto Nuno Álvares, da Companhia de Jesus, em La Guardia, na Galiza³²⁵ (a povoação espanhola que pode ser observada da praia de Moledo do Minho e o Instituto onde também foi aluno o cineasta Manoel Oliveira de 1919 a 1922³²⁶), era frequente António Pedro deslocar-se a Moledo para casa da família localizada na Avenida de Santana.

³²²ÁVILA, Maria Jesus e LAPA, Pedro (2009), *António Pedro : exposição comemorativa do centenário do nascimento*, Caminha: Câmara Municipal.

³²³ÁVILA, Maria Jesus e LAPA, Pedro (2009), *António Pedro : exposição comemorativa do centenário do nascimento*, Caminha: Câmara Municipal.

³²⁴ OLIVEIRA, António Brás de (coord.)(1981), *António Pedro – Teatro Completo*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda e Biblioteca Nacional, p. 33.

³²⁵ Companhia de Dança de Lisboa (2011), *António Pedro – 1909/1966 – Presente!*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHLgNRvKehA>, consultado em: 30/07/2018.

³²⁶ BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit.,p. 159.

Supomos que tenha sido uma dessas estadias a servir de inspiração para o quadro “Da minha janela”, datado de 1940, cujos esboços foram apresentados numa exposição do pintor realizada em 1982 na Biblioteca Nacional, sob o título *Desenhos e Manuscritos*³²⁷:



Figura 29.4.: *Da minha Janela*, António Pedro (1940)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-afDS0n5Zzo>. Consultado em: 01/06/2018

Num artigo sobre a vida e obra de António Pedro, José Augusto França descreveu a pintura *Da Minha Janela* como o sítio « (...) de donde o pintor vê os areais da sua casa em Moledo do Minho, o monte de Santa Tecla e uma ilha a meio do mar, e, sobre toda a paisagem, uma figura de mulher nua adejando e apontado, como uma ameaça, para um casal de figuras minúsculas jogando nas dunas, onde, à sombra de uma árvore, ainda um pequeno nu emboca uma trombeta.»³²⁸

³²⁷ António Pedro – *Desenhos e Manuscritos Exposição* (1982), Lisboa: Biblioteca Nacional.

³²⁸ FRANÇA, José-Augusto (2014) *António Pedro pintor, Portuguese Cultural Studies*: Vol. 5: Iss. 1, Article 2. Disponível em: <https://scholarworks.umass.edu/p/vol5/iss1/2>, consultado em: 01/08/2018.



Figura 30.4.: *Tríptico Solto de Moledo*, António Pedro (1943).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=DKw8SzLO0NQ>. Consultado em: 03/06/2018.



Figura 31.4.: *Tríptico Solto de Moledo*, António Pedro (1943).

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/pedrosimoes7/35612221082>.
Consultado em: 09/06/2018.



Figura 32.4: *Tríptico Solto de Moledo*, António Pedro (1943).

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/pedrosimoes7/35591910462/in/photostream>. Consultado em. 09/06/2018.

Este conjunto de três pinturas datado de 1943 foi exposto na 1ª Exposição Geral de Artes Plásticas em Portugal, organizada anonimamente em 1946 pela Subcomissão dos Artistas Plásticos da Comissão dos Jornalistas, Escritores e Artistas do Movimento de Unidade Democrática.³²⁹

José-Augusto França também discorreu sobre o *Tríptico de Moledo* no livro *A arte em Portugal no século XX*, considerando um desenvolvimento da pintura *Da Minha Janela*:

Em 43, « Tríptico Solto de Moledo» é uma variação lírica sobre a paisagem familiar já vista «da sua janela» - e o insólito evita o sentimento fazendo crescer um seio de mulher num tronco de árvore. É uma pintura de paz (...).»³³⁰

Durante os anos de residência em Moledo do Minho, António Pedro foi-se afirmando como figura tutelar da localidade, contribuindo como podia para o desenvolvimento dos espaços culturais dos moledenses.

³²⁹ OLIVEIRA, António Brás de (coord.)(1981), *António Pedro – Teatro Completo*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda e Biblioteca Nacional, p. 33.

³³⁰ FRANÇA, José-Augusto (1985), *A Arte em Portugal no Século XX*, Lisboa: Livraria Bertrand, p. 342.

Logo em 1952, cerca de um ano depois da sua instalação definitiva em Moledo, o artista resolveu comprar uns talhões de terreno junto à praia para servirem de sede da AMIR (Associação Moledense de Instrução e Recreio):

Seguidamente foi apresentado um requerimento do senhor presidente da AMIR António Pedro da Costa, proprietário, casado, residente nesta freguesia, dizendo-se comprador de parte do terreno do talhão número 30 da planta da praia para nele ser edificada a sede da mesma associação.³³¹

Este espaço recreativo e cultural havia sido fundado em 1933 por João Afonso Rodrigues da Costa que se reuniu com outros moledenses para formar a direção definitiva composta por presidente, tesoureiro e secretário.³³² O objetivo principal da AMIR era realizar representações dramáticas e bailes.³³³ O que, segundo Jorge Fão, foi um propósito cumprido, uma vez que ainda se recorda de ter ido às festas da AMIR:

Havia aqui uma associação que era a Associação Moledense de Instrução e Recreio! Havia aqui uns bailes! Eu gostei sempre de bailes e de dançar, havia aqui uns bailes... não eram todos os domingos, mas eram assim uma vez por mês pelo menos. Para aí à volta de 1948, 1950. E a minha falecida mãe dava-me cinco coroas, que eram 2 escudos e meio. E sabe para quanto me dava aquele dinheiro? Para comer um bolo e beber uma taça de vinho branco.³³⁴

Mas António Pedro não se ficou por aqui, para além de ter feito parte da direção daquela associação, desenvolveu relações com alguns locais que proporcionaram verdadeiras sinergias artísticas. Manuel Guardão, moledense e tio do entrevistado Joaquim Guardão (atual presidente da Junta de Freguesia de Moledo), foi um dos parceiros de António Pedro na construção de cenários das peças que este encenou no Teatro Experimental do Porto e noutros³³⁵:

Trabalhei com ele no Teatro Experimental do Porto na montagem de todo o palco dos primeiros cenários que foram feitos para lá. Para a *Antígona*, para o *Macbeth*, para outras peças mais que agora não me recordo. E, portanto, andei ainda em tournée com ele em Coimbra, em Vila do Conde, em Lisboa. Tive o maior desgosto da minha vida quando ele morreu. Foi uma vivência extraordinária porque o fundo dele profundamente humanista, os conselhos que ele dava e o

³³¹ Ata da sessão da Junta de Freguesia de Moledo realizada no dia 10 de fevereiro de 1952.

³³² AGUILAR, Manuel Busquets (1941), op. cit., p. 111.

³³³ Idem, ibidem.

³³⁴ Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho.

³³⁵ <http://visao.sapo.pt/actualidade/caravanaviso/altominho/uma-questao-de-respeito=f605452>.

relacionamento que ele proporcionava e as horas que ele passava na minha oficina de carpintaria a ver-me trabalhar, a mim e aos meus operários, era para nós um motivo de orgulho. Não só por ser uma pessoa culta como era, como também uma pessoa que nos ensinava muita coisa daquilo que sabia.³³⁶

Também o maestro António Vitorino d’Almeida, outro dos ilustres que é, desde criança, veraneante em Moledo recordou António Pedro durante a entrevista que concedida:

O meu avô reformou-se lá, fazia revistas para o teatro de Caminha com o António Pedro. O António Pedro fazia os cenários.

Havia uma atração muito grande de muitos daqueles miúdos quando eu tinha 17, 18 pelo António Pedro. Era bestial, bestial, uma figura!³³⁷

Já António Brito e Cunha revelou a relação que António Pedro criou com os banhistas que frequentavam a estância balnear de Moledo do Minho, quer quando ainda só passava por Moledo para estadias curta, quer depois de 1951 quando se fixou naquela estância balnear:

Era o António Pedro a pessoa mais conhecida e famosa.

Havia uma distinção social porque o António Pedro, o tal pintor, aquilo era de uma esquerda moderada da qual fazia parte o meu pai e várias pessoas... Reuniam-se porque nessa altura, até aos meus 15 anos não havia clube. Alugava-se uma sala que havia aí, onde se punha um gira-discos e se chamava um homem que era o Pajeira que tocava piano, bateria e acordeão para se dançar ali! Mas não havia clube. O António Pedro, o meu pai Frederico, o Rui Carvalho Maia e o Romeu Costa Pinto às vezes também se juntavam na casa do meu avô (Simão Carvalho Mourão). As pessoas davam-se com os moledenses, mas havia um pouco de divisão.³³⁸

Tozé Brito, músico e frequentador de Moledo durante a década de 60 do século XX, lembra-se de António Pedro ser uma figura que atraía artistas a Moledo do Minho devido aos contactos que tinha realizado ao longo da sua vida como pintor, poeta, redator, ceramista e diretor do Teatro Experimental do Porto:

No [Clube] Ínsua, assisti a um espetáculo do Zeca Afonso, isto já nos finais dos anos 60, à porta fechada. Fechavam-se as portas e ele cantava para os amigos. E esses amigos tinham muito a ver com esse núcleo do António Pedro e do Teatro Experimental do Porto (TEP).³³⁹

³³⁶ Documentário *António Pedro – Presente* (2011). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4q2KYELVcPY>, 03’15 até 04’31, consultado em: 07/08/2018.

³³⁷ Entrevista a António Vitorino d’Almeida, 18/04/2018, Lisboa.

³³⁸ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

³³⁹ Entrevista a Tozé Brito, 17/04/2018, Lisboa.

Se conseguiu obter mais informações sobre a vinda de Zeca Afonso ao Ínsua Clube, mas sabe-se que houve outros artistas a visitarem António Pedro em Moledo:

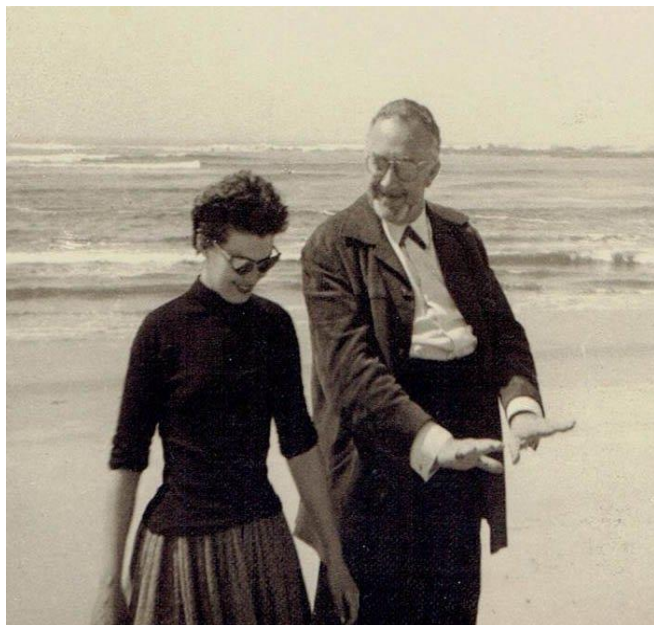


Figura 33.4.: A atriz brasileira Maria della Costa com António Pedro na praia de Moledo, 1950.

Fonte: <https://observador.pt/especiais/antonio-pedro-o-gigante-esquecido/>. Consultado em: 20/06/2018.



Figura 34.4.: *Nevoeiro de Moledo*, Fernando Lemos, (1949).

Fonte: https://gulbenkian.pt/museu/en/works_cam/nevoeiro-de-moledo-mist-of-moledo-150157/. Consultado em: 22/06/2018.



Figura 35.4.: *António Pedro*, Fernando Lemos, (1949).

Fonte: https://gulbenkian.pt/museu/en/works_cam/antonio-pedro-149945/. Consultado em: 22/06/2018.



Figura 36.4.: *Moledo do Minho*, Fernando Lemos, (1949).

Fonte:

https://gulbenkian.pt/museu/en/works_cam/moledo-do-minho-150211/. Consultado em: 22/06/2018.



Figura 37.4.: *Moledo do Minho*, Fernando Lemos, (1949).

Fonte:

https://gulbenkian.pt/museu/en/works_cam/moledo-do-minho-150233/. Consultado em: 22/06/2018.

Fernando Lemos, fotógrafo modernista radicado no Brasil desde 1953, conhecido pelos retratos que fotografou de Sophia de Mello Breyner, Jorge de Sena, Alexandre O'Neill, José Cardoso Pires e Helena Vieira da Silva,³⁴⁰ fez as quatro fotografias supra quando visitou António Pedro em Moledo para se despedir antes de se mudar para o Brasil:

Essa fotografia [figura 37.4.] eu já fiz quando eu fui lá despedir-me dele antes de ir para o Brasil. Fui a uma festa lá com o [Fernando] Azevedo, o [Marcelino] Vespereira, e tal. E a gente ficou chorando e tal... porque eu já estava indo sabendo que não ia voltar mais. E a gente tinha feito ali umas sessões anti-salazaristas no Pinhal do Camarido que era o único lugar em silêncio onde a gente podia cantar e gritar! E a serra d'Arga, aquela coisa toda.. ir para a romaria! E aí o António Pedro a certa altura diz: "Tu vais para o Brasil, eu vou para a serra d'Arga. E meteu-se pela Azinhaga e caminhou! Eu fiz essa fotografia, fiz o texto para isso. E eu dou-lhe muita importância como fotografia porque é o exemplo do olho do fotógrafo! É que todos os elementos dessa fotografia não podem ser retirados e nenhum foi posto."³⁴¹

³⁴⁰ Jorge Silva Melo (2017), *Fernando Lemos – Como, Não é retrato?*. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4642/fernando-lemos-como-nao-e-retrato>, consultado em: 07/08/2018.

³⁴¹ Jorge Silva Melo (2017), *Fernando Lemos – Como, Não é retrato*, 27'52 a 29'00. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4642/fernando-lemos-como-nao-e-retrato>, consultado em: 07/08/2018.

Este testemunho refere-se à fotografia supra com o título “António Pedro” e as outras três, ao que tudo indica, foram tiradas na mesma altura, uma vez que são do mesmo ano e local, duas delas retratando a atividade da apanha do sargaço e os seus utensílios, com destaque para o redelho.

Num memorial de António Pedro publicado no jornal *O Comércio do Porto* do dia 12 de setembro de 1967, Fernando Lemos analisou assim a mudança de residência de António Pedro para Moledo do Minho:

Ali o Gigante foi-se aninhando num exílio demorado. O homem das sete léguas, avejão lírico que não cabia dentro de si nem na medida dos outros, ali foi engendrando a sua base e o seu ponto final. Andou no Brasil como pintor, na África como jornalista, pelas várias Europas como intelectual, sempre insatisfeito, curtindo a mágoa de ser gigante.³⁴²

Ainda acerca da influência de António Pedro na comunidade balnear, importa referir o testemunho de Fátima Barbosa que revelou o papel formador que o artista tentava desempenhar junto dos veraneantes mais novos:

Entretanto eu lembro-me do [Pedro] Homem de Melo, foi ele que nos ensinou a dançar o vira. O António Pedro ensinava-nos teatro, portanto tínhamos algumas atividades que os mais velhos tinham interesse e nos passavam.³⁴³

4.4.2.- Um repouso para intelectuais

Uma crónica do final do século XIX publicada no jornal *Estrella de Caminha* da autoria de Frei Petropolis caracterizava Moledo do Minho como uma estância balnear ideal para pensadores que precisassem de sossego e beleza na mesma proporção:

Excelente praia para os pensadores, que anelam a estricte concentração, e bem dizem os espetáculos maravilhosos da natureza.

Não é frequentada pela mundo «V'lan» da capital, nem pela enfatuada «gomme» das terras provincianas, tão ridícula e estapafúrdia: tem uma colonia composta de famílias modestas, todas entregues aos seus trabalhos de «menagére».

Passa-se admiravelmente, e apenas tenho notado que os ventos são continuados, não nos deixando dizer como o poeta antigo:

Os furiosos ventos que repousam
Pelas covas escuras peregrinas.

³⁴² “Em sua memória”, *Comércio do Porto*, 12 de Setembro de 1967 citado em <https://observador.pt/especiais/antonio-pedro-o-gigante-esquecido/>.

³⁴³ Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho.

Pelo contrário. Em vez de repousarem fustigam-nos impertinente de dia e noite, parecendo que já estão enfasiados das covas escuras!

Até breve.

Frei Petropolis³⁴⁴

Frei Petropolis descrevia os frequentadores da praia como despreziosos e dedicados aos afazeres domésticos, o que dava a Moledo o ambiente perfeito para a atividade intelectual, na medida em que não existiam muitas distrações. O vento, por seu lado, era já apontado como um elemento perturbador, tal qual o classificaram mais tarde os veraneantes do século XX (ver capítulo 4.3.3. – Hábitos e sociabilidades durante a época balnear).

Para além dos juizes, engenheiros³⁴⁵, recebedores e escrivães de comarcas locais como a de Melgaço ou de Monção³⁴⁶ e demais famílias ilustres cuja estadia em Moledo durante o século XIX era anunciada no jornal *Estrella de Caminha*, outras figuras reconhecidas a nível nacional frequentaram Moledo durante o final do século XIX e a primeira metade do século XX.

A primeira personalidade cujo círculo de influência se estendia por todo o território nacional e que se tem conhecimento que frequentou Moledo, foi o pedagogo Adolpho Coelho, um dos que mais contribuiu para a divulgação das tradições e costumes portugueses, compilando contos, festas, costumes e crenças tradicionais portuguesas em vários livros e artigos científicos.

Desconhece-se se foi com o intuito de recolher algum desse conteúdo que passou uns dias em Moledo ou se apenas se tratou de um período de descanso. O facto é que no livro *Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires (1882-1904)* existe uma missiva escrita por Adolpho Coelho em 1888 a partir de Moledo do Minho onde pede o favor ao etnógrafo de Elvas António Tomás Pires de lhe enviar um mapa dos caminhos-de-ferro de Espanha:

Moledo do Minho, 19 de Agosto de 1888

Meu amigo,

Há muito lhe devia ter escripto com relação ao seu projecto anunciado por carta d'abanonar o folk-lore (111). Ficaré isso ainda para outra ocasião. Este serve para lhe pedir mais um obsequio para juntar aos tão numerosos que lhe devo. Rogava-lhe me enviasse um guia dos caminhos de ferro de Hespanha em vigor.

Escrevo-lhe da pequena praia de Moledo, entre Âncora e Caminha, onde vim passar uns dias e d'onde volto amanhã para o Porto. Peço-lhe se dirija a mim para essa cidade, ao cuiado do Dr. Urbino de Freitas, Rua de Cedofeita, 117 (112). Vou alguma coisa melhor.

Sempre seu,

³⁴⁴ *Estrella de Caminha*, 09/09/1884.

³⁴⁵ *Estrella de Caminha*, 11/09/1883.

³⁴⁶ *Estrella de Caminha*, 22/07/1890.

Bernardino Machado era também um veraneante frequente de Moledo, onde tinha uma casa particular junto à estação de caminhos-de-ferro local.

Pensa-se que a razão pela qual o ex-presidente da República possuía uma casa naquela freguesia prende-se com o facto da sua mulher, Elisa Dantas Gonçalves, descender de uma família de Paredes de Coura e a praia de Moledo ser a mais próxima daquela localidade.

O registo mais antigo que possuímos da ligação da família Machado a Moledo do Minho remonta a 1897 e trata-se de uma conta de serviços do carpinteiro Manuel José Fernandes Fão feitos no prédio de Bernardino Machado.³⁴⁸

Sabemos ainda que em junho de 1907 Bernardino Machado enviou uma carta ao seu filho António que se encontrava em Coimbra, informando-o que tencionava ir para Moledo naquele ano.³⁴⁹

Segundo uma entrevista dada por um dos seus filhos ao jornal *Caminhense* no dia 5 de novembro de 1988 citada no livro *Da Monarquia à República no concelho de Caminha* de Paulo Torres Bento, Bernardino Machado foi informado da revolução organizada pelo Partido Republicano Português durante uma das suas estadias em Moledo:

Mal recebeu a notícia de ter estalado a revolução na capital, meu pai, que se encontrava na sua residência de Moledo do Minho, tomou o primeiro comboio para o Porto e dali para Lisboa, a fim de assumir o seu posto de honra – Ministro dos Negócios Estrangeiros no Governo Provisório de Teófilo Braga.³⁵⁰

Cerca de um ano depois, no dia 3 de outubro de 1911, Bernardino Machado enviou uma carta à sua mulher, que se encontrava em Moledo com alguns dos seus filhos, contando que o Governo Provisório não havia sido convidado para as comemorações do primeiro aniversário da revolução.³⁵¹

³⁴⁷ COELHO, Adolfo e PIRES, António Tomás (1969), *Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires (1882-1904)*, Coimbra: Universidade de Coimbra.

³⁴⁸ <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=06747.055>. Consultado em: 30/06/2018.

³⁴⁹ <https://manuel-bernardinomachado.blogspot.com/search?q=moledo&updated-max=2016-05-19T22:16:00%2B01:00&max-results=20&start=3&by-date=false>. Consultado em: 30/06/2018.

³⁵⁰ BENTO, Paulo Torres (2010), *Da Monarquia à República no concelho de Caminha : crónica política (1906-1913)*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000, p.46.

³⁵¹ <http://manuel-bernardinomachado.blogspot.com/search?updated-max=2013-10-26T00:00:00%2B01:00&max-results=20&reverse-paginate=true>, consultado em: 27/08/2018.

Todas estas referências nos levam a concluir que era com alguma regularidade que a família Machado se deslocava à sua casa daquela praia do Alto Minho.



Figura 38.4.: Casa de Bernardino Machado em Moledo, s. a.

Fonte: <http://manuel-bernardinomachado.blogspot.com/2011/06/recordando-as-ofertas-de-fernando.html>.
Consultado em: 30/06/2018.



Figura 39.4.: «Grupo de Senhoras tirado na Praia de Moledo do Minho entre as quaes figuram as filhas do sr. dr. Bernardino Machado: No 1º plano, em pé, D. Helena Ramos, D. Jerónima Machado; no 2º plano, em pé, Mademoiselle Sofia Machado, menino Inácio Oom do Vale, D. Maria Castel-Branco, Mademoiselles Helena Guimarães e Fernanda Castel-Branco. Sentadas: Mademoiselles Joana Machado, Alda Ramos e Fernanda Ramos.»

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 18/11/1915.

José de Almada Negreiros foi outra das personalidades que passou por Moledo do Minho³⁵², ao que tudo indica também por influência da sua cónjuge, a pintora Sarah Affonso, que era natural de Viana do Castelo.

Segundo o livro *Conversas com Sarah Affonso* de Maria José Almada Negreiros, nora da pintora, o casal passou os verões em Moledo nos primeiros quatro anos de casados, ou seja entre 1934 e 1938:

Nos primeiros anos de casados fomos para Moledo nos dias de Agosto. Sempre detestei o mês de Agosto e sempre me trouxe azar. Chegava Agosto e eu tinha de ir embora de Lisboa. Durante quatro anos tivemos casa em Moledo. A casa era muito bonita tinha uma varanda minhota, uma galeria que fazia de casa de jantar, a sala, um quarto para nós e outro para o Zé [filho] com a criada. No último ano arranjei uma cozinheira e uma criada para tomar conta do Zé [filho]. Tinha telas, tinha tempo e férias... e à espera do José [Marido], que tinha ficado em Lisboa, e que era para chegar todos os dias e não chegava. Por fim, lá apareceu, esteve uma semana, e ao

³⁵² Ver BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit., pp. 62-65.

fim de uma semana recebe um telegrama a dizer que tinha de voltar rapidamente por causa do trabalho.³⁵³

Data de 1934 a obra *O Naufrágio da Ínsua* de Almada Negreiros, um conjunto de 64 desenhos feitos em papel de seda com o objetivo de serem iluminados por trás, lembrando uma película de cinema. Esta peça de arte foi exibida pela primeira vez em 2017, depois de 83 anos guardada na casa de uma família que também veraneava em Moledo.³⁵⁴

³⁵³ NEGREIROS, Maria José Almada (1985), *Conversas com Sarah Affonso*, Lisboa: Edições «O Jornal», p. 79.

³⁵⁴ <https://expresso.sapo.pt/cultura/2017-02-11-O-regresso-de-Almada#gs.dczcH98>, consultado em: 07/08/2018.



"O naufragio
da Insua"
grande drama
em forma de pic-nic
com marés vivas
vinho verde
salva-vidas
foguetão
e tudo.



Personagens :

- Os organizadores titulares do naufragio
- Os convidados para o dito
- O faroleiro que deita foguetões
- A comissaria geral das subsistencias

- Dois que levam farnel domestico
- O patrão do salva-vidas que pergunta quem paga a conta
- O Teatro Nacional faz-se representar no naufragio

Dois medicos a bordo
e
Mirónes em terra.

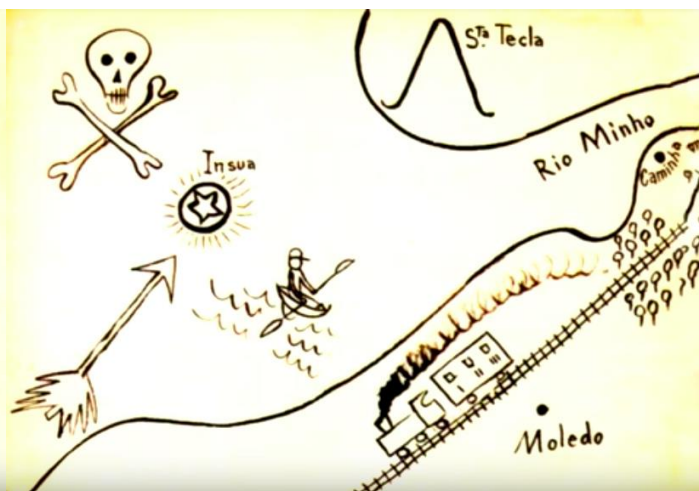
Em Moledo na epocha
balnear de 1934

Figura 40.4.: *O Naufrágio da Insua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 1 a 6)

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.

1ª parte

Moledo e arredores



A Insua,
famosa pelos seus
excelentes naufragios



Vistas da
praia



Figura 41.4.: *O Naufrágio da Insua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 7 a 12).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.



Figura 42.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 13 a 18).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.



Figura 43.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 19 a 24).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.

2^a parte

Em viagem para a
Ínsua



Figura 44.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 25 a 30).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.

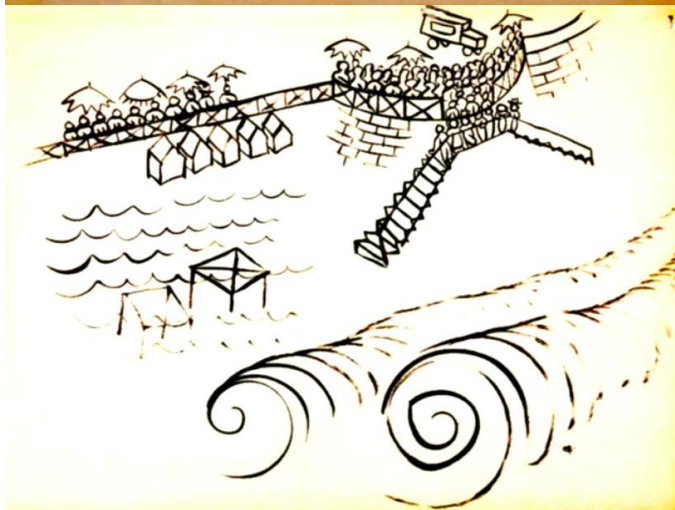


Figura 45.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 31 a 36).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.



inquietação
na
praia



aparição
do
salva-vidas



como se
supõe que seja
um
faroleiro

Figura 46.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 37 a 42).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.



Figura 47.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 43 a 48).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.

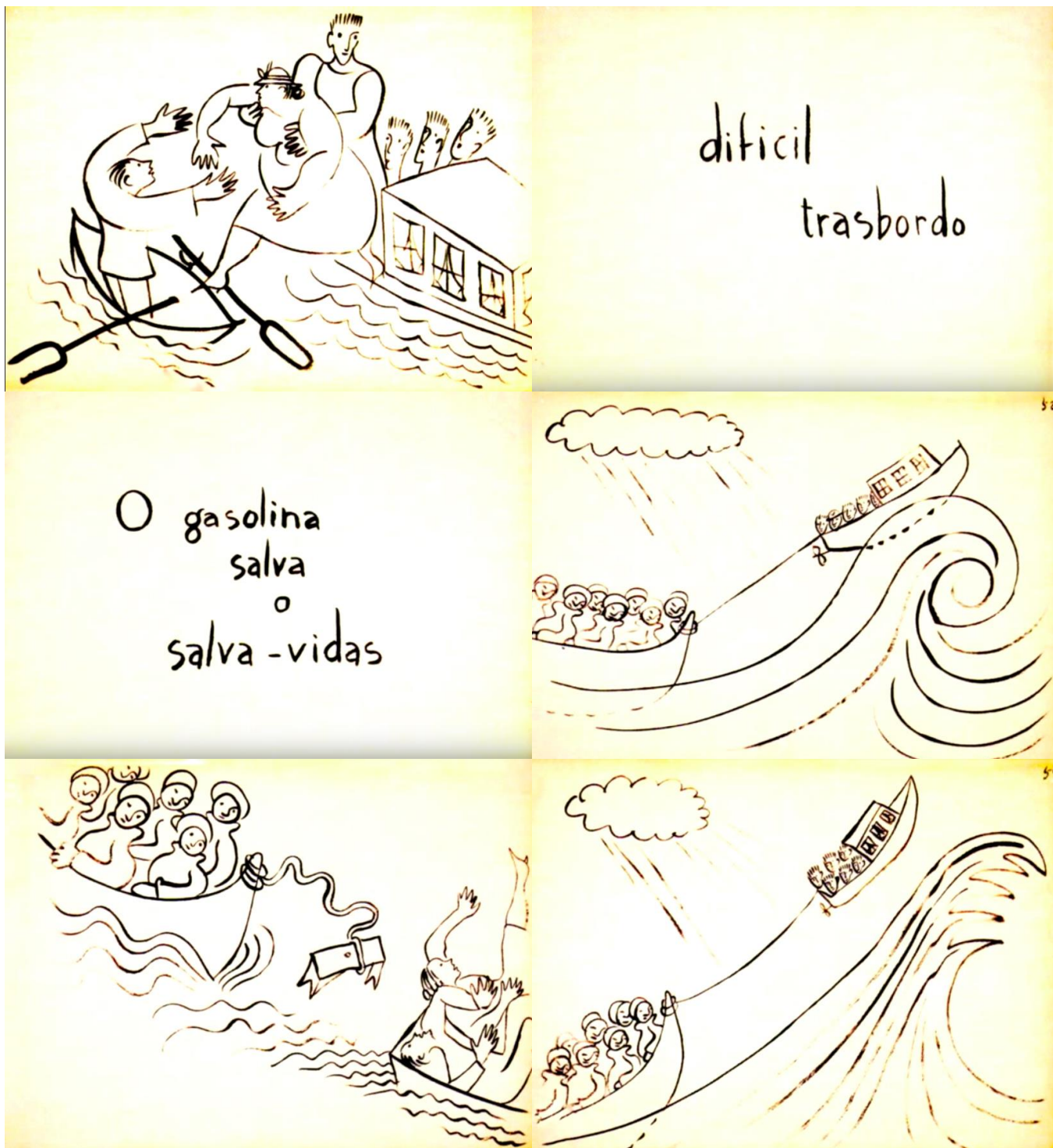
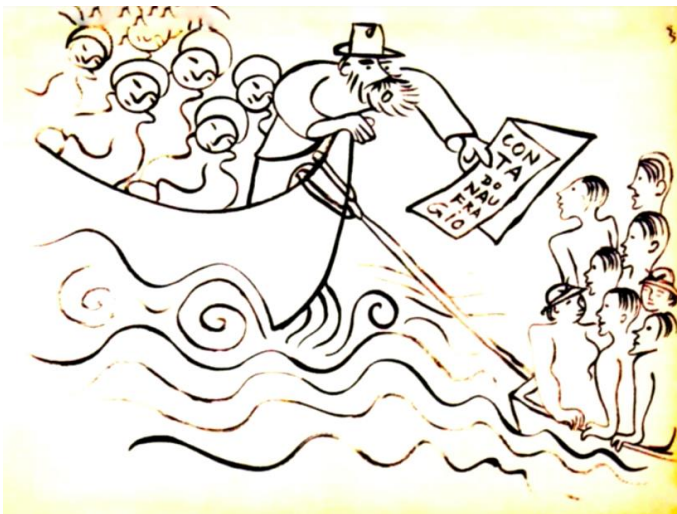


Figura 48.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 49 a 54).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.

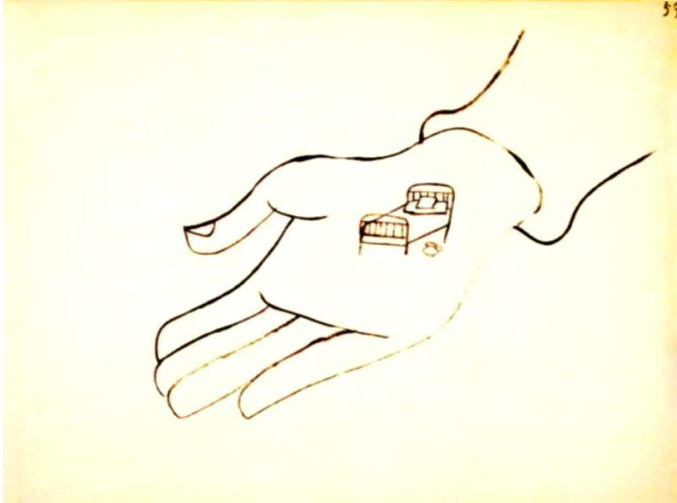


Em vista de não haver quem se responsabilise pela conta do salva-vidas, o faroleiro deita um foguetão pedindo socorro.



Emfim salvos!

CAMINHA



Epilogo

Figura 49.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 55 a 60).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.



Figura 50.4.: *O Naufrágio da Ínsua*, Almada Negreiros, (1934) (desenhos 61 a 64).

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 28/08/2018.

Este conjunto de 64 desenhos retrata um quase naufrágio de uma pequena embarcação de veraneantes que se havia dirigido à fortaleza da Ínsua, situada mesmo em frente à praia de Moledo, para se realizar um pic-nic, prática que se foi mantendo ao longo do século XX como contaram alguns dos entrevistados:

Faziam-se muitos pic-nics no Camarido e eu, por exemplo, organizei muitos picnics na Ínsua. Íamos num barco de pescador e tal.³⁵⁵

Os almoços na Ínsua eram fantásticos. Íamos de barco e tínhamos de esperar a maré para voltar. Durante umas horas quando a maré sobe, não dá. E a gente ia para lá fazer uns pic-nics grandes.³⁵⁶

³⁵⁵ Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa.

Sobre as ilustrações de Almada Negreiros importa realçar a ironia do terceiro desenho (figura 40.4., página 115), onde se vê um carimbo com parte da heráldica nacional e a expressão “Visado por Mim e por Ti”, numa alusão ao “Visado pela Censura” escrito na imprensa nacional desde 1933 até 1972, ano em que a expressão foi eliminada dos jornais que, mesmo assim, continuavam a ser sujeitos a exame prévio antes de chegarem às bancas.

No desenho número 33 (figura 45.4, página 119) está representado um banhista envergando um fato de banho que hoje associamos ao sexo feminino, mas que no início do século era usado por ambos os géneros:

Eram inteiros, mas também não eram assim lá muito compridos. Usavam-se umas toucas de um tecido impermeabilizado. Os rapazes usavam fato de banho com corpo, mas eles tiravam as alças e punham na cintura. Mas era fato-de-banho.³⁵⁷

Lembro-me do meu pai ser multado por andar sem a parte de cima do fato de banho. Os fatos de banho de homem eram assim uns boxers e depois tinham uma parte de cima assim de alças. As senhoras tinham um fato de banho que depois tinha na parte da frente uma sainha presa nas costuras. À frente havia sainha, atrás não. Os filhos desta geração já começavam a andar como queriam.³⁵⁸

Eu ainda me lembro dos fatos de banho das senhoras terem um saíote à frente, de não existirem biquínis. Eram todos muito cobertos e lembro-me eu de estar na praia com uma espécie de camisolas sem mangas, não deixavam. Havia um cabo de mar que passava por aí e obrigava as pessoas a terem o tronco coberto.³⁵⁹

³⁵⁶ Entrevista a António Vitorino d’Almeida, 20/04/2018, Lisboa.

³⁵⁷ Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto.

³⁵⁸ Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho.

³⁵⁹ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.



Figura 51.4.: Margarida Tudela com os três irmãos na praia de Moledo, s.a.

Acervo pessoal de Margarida Tudela.



Figura 52.4.: Margarida Tudela (no canto esquerdo) com amigas na praia de Moledo, s.a..

Acervo de Margarida Tudela.

“O Naufrágio da Ínsua” foi uma das obras de José de Almada Negreiros comentada pela sua mulher, que a contextualiza no tempo e no espaço e revela pormenores sobre os seus bastidores:

O José fez uma coisa muito engraçada: eram folhas de papel a funcionar como cinema. Por detrás das folhas havia um candeeiro, que era o candeeiro da nossa mesinha-de-cabeceira, à frente as folhas de papel com os desenhos, que eram vistos pelas pessoas.

O José punha uma folha e quando essa estava vista, punha outra e tirava a que já estava vista por forma a dar um espectáculo contínuo. Os desenhos eram sobre a vida da praia, sobre as pessoas da praia e os acontecimentos da praia. Houve um ameaço de naufrágio, que não foi naufrágio nenhum, mas que ainda meteu um bocado de medo.

Nós os dois não fomos, eu estava à espera do Zé e o José ficou comigo. As pessoas da praia alugaram aqueles barcos que faziam a travessia de Caminha para Espanha. De manhã cedo, a mulher da pensão foi fazer o almoço para a Ínsua, levou as panelas e a comida num barquinho.

À hora do almoço, embarcaram eles. À tarde, levanta-se um temporal que estávamos a ver o caso a dar para o torto. Ondas cavadíssimas e depois o José fez os desenhos sobre isso e as caras das pessoas enjoadas e apavoradas.

O título era o «Naufrágio da Ínsua». Quando aquilo apareceu foi uma gargalhada, uma gargalhada que as pessoas até se sentiram mal de tanto rir!³⁶⁰



Figura 53.4.: José de Almada Negreiros e Sarah Affonso em Moledo do Minho, 1934.

Fonte: <https://modernismo.pt/index.php/friso-de-fotografias/friso-fotos/144-10>, consultado em: 06/08/2018.

Ainda sobre as estadias balneares do casal de artistas, avançamos até ao verão de 1937 para darmos conta da passagem de Charles David Ley por Moledo. Estudioso e divulgador das literaturas espanhola e portuguesa em Inglaterra, Charles David Ley foi professor no Instituto Britânico de Lisboa entre 1939 e 1943 e depois no mesmo instituto mas em Madrid, até 1952³⁶¹. Nos anos em que esteve em Portugal escreveu para as revistas *Presença* e *Seara Nova* e fez-se amigo de vários escritores portugueses (entre outros, João Gaspar Simões e Adolfo Casais Monteiro), como descreveu no livro *Escritores e Paisagens de Portugal* (1942). É nesse mesmo livro que Charles David Ley narra as suas duas passagens por Moledo do Minho. A primeira, ocorrida em 1937, assinalou o primeiro contacto do inglês com José de Almada Negreiros:

³⁶⁰ NEGREIROS, Maria José Almada (1985), *Conversas com Sarah Affonso*, Lisboa: Edições «O Jornal», p. 79.

³⁶¹ BENTO, Paulo Torres (2015), *op. cit.*, pp. 62 a 65.

Era uma manhã de domingo. O comboio devia partir mais ou menos às 9 horas. Pensava ir directamente a Moledo, passar lá o dia, e dormir depois em qualquer canto. Iria a Viana do Castelo na segunda-feira.

(...) No comboio viajei em terceira, coisa que, no norte, é muito agradável. Sentia-me muito contente, porque penetrava, de facto, na mais bela província do país, naqueles confins da nação a que havia mais de quatro anos ouvia chamar «o jardim de Portugal». Além disso, tinham-me dito na véspera que à medida que eu fôsse caminhando para o norte mais e mais bela seria a viagem. E depois, quanto mais andasse mais perto estaria da encantadora Espanha, que tanto me atraía então.

De facto, o campo enchia-se cada vez mais de colinas e de belos frescos pinheirais. Depois a enseada de Viana abriu-se-me diante dos olhos. Desta recordo três coisas naquela manhã de Setembro — pequenas casas brancas ao pé do rio, a pálida água areenta e os barcos dos pescadores.

E em tudo havia um grande sentido de extensão, de espaço, de libertação. Em Viana, loquazes camponeses se apinharam no compartimento Só com muita dificuldade podia espreitar pelas janelas. Mas os camponeses eram muito amáveis, muito boas pessoas, — e de quando em quando faziam-me observações sorridentes, a mim que lhes era completamente desconhecido. A carruagem quási que se esvaziou outra vez em Âncora, onde certamente havia alguma festa. De repente, vi assomar ao longe uma imensa pirâmida natural, uma montanha. Era ameaçadora e ferozmente bela. Tive a certeza de que aquilo era Espanha, duplamente enigmática e terrível então, nas agonias duma guerra civil.

Nessa altura o comboio parou. Tirei a minha bagagem com pressa.

Um rapaz da pousada conduziu-me aonde vivia Almada Negreiros. Subia-se uma breve calçada de aldeia, e depois voltava-se à direita, por um caminho que tinha de um lado um alto muro e do outro um campo aberto. Batemos à porta. Um homem que, pôsto não estivesse na primeira juventude, conservava muito da agilidade e da clareza de gestos de um rapaz, abriu a porta. Vesti um Jersey azul.

— O Sr. Almada Negreiros está? Perguntei.

— Sou Almada Negreiros, disse ele, com uma perfeita franqueza e natural cortesia.

Conduziu-me a um terraço, à beira do caminho e debruçado sobre ele. Estávamos em pleno verão minhoto com o dorso das colinas à nossa esquerda e o pálido mar à direita.

Nunca me sentira tão completamente à vontade num primeiro encontro. Dois minutos depois, falávamos espanhol, e eu senti-me imensamente feliz. Cinco minutos mais tarde, Almada mostrava-me os seus novos quadros, os de sua mulher, e os dois livros que trouxera com ele, as obras de Gil Vicente e as peças de Shakespeare em espanhol.

Uma hora mais tarde, Almada, sua mulher, e eu fomos a Âncora ver a bênção do mar. Aí encontramos o escultor alemão Sempke e sua mulher. Assistimos à procissão da varanda de uma casa, na rua principal. Os seus figurantes eram crianças. Havia um sentido de brancura em tudo isto, quando passavam os santinhos nas suas belas vestimentas. As tábuas do chão enxameavam de pulgas, que nos subiam pelas pernas. Bebíamos vinho verde.

Voltámos a pé até Moledo nessa mesma tarde, com a montanha piramidal espanhola na nossa frente. Jantámos, os cinco, à hora do crepúsculo, no terraço da casa de Almada, e falámos de Arte.

Essa noite dormi num pequeno quarto aldeão com porta para a calçadinha, febril de alegria e expectativa e não sem um certo mêdo por me sentir tão perto da fronteira espanhola. Às três da manhã despertaram-me de um ligeiro sono as pesadas botas de um camponês que subia a calçada.

Os seus passos sugeriram-me ideias da fronteira perigosa. Acendi uma vela, pus a máquina de escrever nos joelhos, e escrevi uma peça num acto, dura, modernística, satírica, que procurava provar o ponto de vista que eu defendera na nossa conversa ao jantar.

Permaneci algumas semanas em Moledo, gozando da mais amável hospitalidade e da conversação inspiradora de Almada. Nunca nenhum homem me deu nitidamente a impressão de ser artista como Almada. Numa pequena frase explicava todo o carácter da gente dos campos que nos rodeava; numa subtil mimica de mãos pintava-me personalidades inteiras. Entre estas colinas minhotas a sua filosofia desenrolava todas as suas mágicas sugestões e profundos abismos de sentimentos.

Recordo-me de várias obras literárias lidas ao sol do Minho. Primeiro, uma das mais brilhantes obras que o moderno pessimismo produziu — a *Tabacaria* de Pessoa. (...)

Pouco antes do fim de Outubro, viajei no rápido outra vez, a caminho de Lisboa.³⁶²

De acordo com Paulo Bento Torres³⁶³, os dois quadros de Sarah Affonso a que Charles David Ley se refere muito possivelmente são o “Casamento na Aldeia” e “Família” por ambos datarem de 1937.

³⁶² LEY, Charles David (1942), *Escritores e Paisagens de Portugal*, Lisboa: Seara Nova, pp. 15-20.

³⁶³ BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit., p. 64.



Figura 54.4.: *Casamento na Aldeia*, Sarah Affonso (1937).

Fonte:

https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/casamento-na-aldeia-156608/, consultado em: 28/08/2018.



Figura 55.4.: *Família*, Sarah Affonso (1937).

Fonte:

https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/familia-156404/, consultado em: 28/08/2018.

Na segunda visita que fez a Moledo, no verão de 1940, Charles David Ley já não encontrou Almada Negreiros, mas sim Ruy Cinatti, poeta português licenciado em agronomia e fundador, com Tomás Kim e José Blanc de Portugal, da revista literária *Cadernos de Poesia*, em 1940,³⁶⁴ ano em que permanecera na Pensão Ideal durante duas semanas de agosto:

Em Agosto de 1940, fui para Moledo do Minho, no meu carro. Entrei no Norte pelas despeladas serras ao sul de Amarante. A ponte de Amarante, a sua catedral e a sua torre sineira estavam lá no vale muito tranquilas e muito antigas. As colinas por trás de Guimarães são coroadas de castelos e de santuário se cobertas de grandes árvores ripadas de vides. Encontrei uma cativante hospitalidade em Guimarães, escura cidade de praças e de paz.

Na tarde seguinte cheguei enfim a Moledo. Mais uma vez saudei a distante Santa Tecla, mas uma vez o mar e as montanhas me mergulharam numa taça de fruição e calma. Fui saber do meu quarto à patroa da Pensão Ideal, que me disse que um amigo meu acabara de chegar no dia anterior. Que amigo seria este? Perguntei a mim próprio. Subi a escada e bati a uma porta. Cinatti, que se preparava para descer depois da sexta, abriu a porta. Disse que tinha vindo ver Moledo por causa do que eu dissera do lugar nas *Primeiras impressões da moderna literatura portuguesa*.

Com Cinatti e outros amigos passei quinze dias muito agradáveis em Moledo. A vida de verão naquela bela e tranquila aldeia dá umas férias inultrapassáveis ao filósofo e ao poeta. A Oeste o mar, a Este os verdes montes, ao Norte, perto, as montanhas selvagens e indomadas de Espanha. De manhã, um capítulo ou dois de qualquer escritor preferido Depois o banho na vasta praia que se estende até aos confins de Espanha. A tarde é para dormir e para escrever. À noite,

³⁶⁴ [https://www.infopedia.pt/\\$cadernos-de-poesia](https://www.infopedia.pt/$cadernos-de-poesia), consultado em: 20/07/2018.

depois do jantar, um passeio de três quilómetros a Caminha, margens do rio Minho – água, montanhas, arcadas, a velha arquitectura teatral das igrejas, das ruas, dos palácios. Toma-se um café em Caminha, e volta-se lentamente para Moledo pelo pinhal, a discutir literatura e todos os outros assuntos possíveis.

Numa tarde, fui andando pelo pinhal até à foz do Minho. Podia-se ouvir distintamente da outra banda as campainhas e os gritos das crianças a brincarem, enquanto anoitecia e o sol se escondia no Atlântico além da enorme praia de Moledo.³⁶⁵

Este encontro em Moledo entre dois homens da literatura reflete como era a vivência da época balnear naquela freguesia. A Pensão Ideal, onde ambos pernoitaram, constituía o único alojamento (para além das casas particulares que podiam ser alugadas) que existia na localidade, com a “patroa” (a Dona Flora) a assumir as rédeas da sua gestão. E, tal qual um artigo do jornal *Estrella de Caminha* publicado no século XIX havia referido, este relato confirmava que Moledo continuava a ser «(...) uma excelente praia para os pensadores, que anelam a estricte concentração, e bem dizem os espectáculos maravilhosos da natureza.³⁶⁶»

Ruy Cinatti justificou o facto de ter escolhido Moledo para passar as suas férias por ter lido o artigo na *Seara Nova* três anos antes sobre a sua estadia de Charles David Ley com Almada Negreiros naquele local três anos antes.

Mário Cesariny, além de António Pedro, foi outro dos surrealistas a frequentar Moledo durante as férias de verão da sua adolescência e início da idade adulta. Em carta escrita a Cruzeiro Seixas em agosto de 1943 (no mesmo ano em que o artigo sobre Moledo escrito por António Pedro foi publicado na revista *Panorama*), o artista pede ao amigo que envie a correspondência para a casa do Sr. Mourão que se supõe ser o avô de António Brito e Cunha.:

Avenida Sacadura Cabral, 41-3º dto.

Lisboa N

Querido amigo

Da matriz de Caminha que tem para ver – aqui tens c.d.s.d.m. Hei-de escrever-te com maior vagar e gostava que o fizesses primeiro para eu saber como “ correm as coisas por Lisboa-Chiado”. A morada é: M. V. (caso do senhor Mourão) – Moledo do Minho – Minho. Um forte abraço,

³⁶⁵ LEY, Charles David (1942), *Escritores e Paisagens de Portugal*, Lisboa: Seara Nova, pp. 149-150.

³⁶⁶ *Estrella de Caminha*, 09/09/1884.

Mário³⁶⁷

O meu avô, pai da minha mãe, era o Simão Carvalho Mourão que tinha uma ourivesaria muito conhecida em Lisboa. Ele teve uma exposição em Espanha e quando vinha para Portugal resolveu entrar por Valença e apaixonou-se por Moledo e ainda esteve aqui uns dias. Quando se foi embora para Lisboa já tinha comprado uma casa. Que é uma casa que existe ainda, mas não é da minha família.

E foi cá que a minha mãe conheceu o meu pai. Era o Mourão o meu avô. Dos descendentes do meu avô quem vinha para cá era a minha mãe e a minha tia, o meu tio nunca vinha. Em partilhas, a casa que era do meu avô ficou na posse do meu tio que a vendeu logo.³⁶⁸

Não se possui informação acerca do ano em que Mário Cesariny deixou de frequentar Moledo, mas sabe-se que o livro de poesia *Manual de Prestidigitação* publicado pela primeira vez em 1956 abre com o poema *Romance na Praia de Moledo*:

Romance da Praia de Moledo

Canto da hora do banho

ó mar contente, tão frio
que o verde das ondas é neve
fazes meu corpo tão leve,
no ar, vazio!
meus seios, cabelos, tudo é brando!
na mão do mar talhado cerce
vou, como se a um velho comando
desobedecesse!

e raia de leve um sol macio
que ainda não amadurou
frio
de manhã forte e silente
as minhas mãos nem são de gente
são formas de água, de neve
sobre o maillot.³⁶⁹



Figura 56.4.: Postal da Igreja Matriz de Caminha.

Fonte: *Cartas de Mário Cesariny a Cruzeiro Seixas* (2014), Lisboa: Documenta/Fundação Cupertino de Miranda, p. 43.

³⁶⁷ *Cartas de Mário Cesariny a Cruzeiro Seixas* (2014), Lisboa: Documenta/Fundação Cupertino de Miranda, p. 43. Disponível em: https://issuu.com/sistemasolar/docs/excerto_cesariny-cruzeiro_seixas_ca, consultado em: 26/07/2018.

³⁶⁸ Entrevista a António Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho.

No mesmo livro encontra-se *Na foz do Rio Minho*, onde o poeta inveja o monte de Santa Tecla e o Forte da Ínsua (dois elementos da paisagem da praia de Moledo do Minho), pois ambos podem admirar todas as baías daquela costa.

Na foz do Rio Minho

Com as mãos na água fria era melhor.

Tu largavas a vela e o mar cobrava

De ondas mansas a barca sem motor.

Eu tinha o medo que a alegria dava

Ao teu quase francês e ao meu espanhol

Que a nenhuma das línguas namorava.

O monte de Santa Tecla e em baixo o Forte,

Eremita mirando as laranjeiras

Das abras Norte e Sul e Sul e Norte.

Tu sol a pino eu senhor do croque

Que com um seco raspar de unha

Batia as margens sóbrias da Corunha.

³⁶⁹ CESARINY, Mário (2017), *Manual de Prestidigitação*, Lisboa: Assírio e Alvim, p. 9.



Figura 57.4.: Moledo do Minho, 2017

Fonte: Google maps.

O maestro António Vitorino d'Almeida e o músico Tozé Brito foram outras das figuras públicas que veranearam em Moledo durante o período temporal abordado nesta dissertação.

O primeiro começou a passar os verões no Alto Minho desde que o seu avó paterno, empregado das finanças, foi destacado para Caminha e nunca mais substituiu o seu local de veraneio.³⁷⁰

Durante a entrevista que concedida contou alguns episódios das suas estadias balneares, nomeadamente a sobejamente noticiada³⁷¹ história do burro trazido de carro de Lisboa até Moledo:

³⁷⁰ Ver páginas 91.

³⁷¹ <http://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/antonio-victorino-dalmeida-eu-dizia-que-se-a-ines-ganhasse-as-eleicoes-era-a-incrivel-almadense> consultado em: 29/06/2018, <http://www.sabado.pt/vida/detalhe/um-burro-no-carro-o-maestro-e-uma-penhora-de-imi> consultado em 29/06/2018 <https://www.publico.pt/2012/08/11/jornal/antonio-victorino-dalmeida-e-moledo-25013811> consultado em 29/06/2018.

Ficava [em Moledo] todos os meses de verão e houve um verão que levei o meu burro de carro. A levar foi fácil, porque ele era pequenino. Mas depois cresceu! E levava-o para a praia.

Havia pessoas que convidavam o burro para ir tomar chá em sua casa! Iam buscar o burro, levavam-no e depois traziam-no para casa. A verdade é que a minha mãe tinha uma criada muito bonita e era sempre um filho mais velho que queria que o burro fosse a casa, porque assim a criada ia também. Eram vários assim. Eu tinha uns 16/17 anos quando levei para lá o burro.³⁷²

Já Tozé Brito tinha dez anos quando estanciou em Moledo pela primeira vez. O hábito manteve-se até aos 18 anos, altura em que ingressou na banda *Quarteto 1111* e começou a passar poucos dias em Moledo, apenas o tempo de dar um concerto, visitar amigos e regressar para a capital.

Basicamente os meus pais gostavam imenso de Moledo, tinham amigos que tinham lá casa. Entretanto depois vieram a ter lá casa... mais tarde. Mas eu comecei a ir para Moledo nos anos 60. Lembro-me de ter talvez, talvez 10 anos.

Eu nasci em 1951 e no anos 60 ia para lá todos os anos com os meus pais.

Ficávamos numa pensão que era a Pensão Ideal, que existia na altura. Onde tomávamos as refeições, etc. E depois os meus pais, um pouco mais tarde, nos finais dos anos 60, construíram uma casa em Moledo.

Entretanto foi uma fase que coincidiu com a minha vinda para Lisboa para o Quarteto 1111. Portanto, eu estou em Moledo desde 1961 até 1969.

E nessa altura passava em Moledo já não para passar férias, mas para tocar no Ínsua Clube. Acabávamos por ser convidados para tocar. Portanto, durante alguns anos passei lá férias, dos meus 10 anos até aos 18 é essa fase de que eu me lembro bem!³⁷³

E depois, a partir daí, Moledo não foi um sítio que eu fosse ou estivesse a passar férias. Ia lá tocar, ficava lá dois dias, matava saudades dos amigos, íamos jantar, aquelas coisas...³⁷⁴

Até que, em 1972, Tozé Brito resolveu abandonar o país com a ajuda de um funcionário da fronteira de Valença que vivia em Moledo e conhecia daí o seu pai:

Eu em 1972 resolvi sair do país. Estava a fazer serviço militar, à espera de ser incorporado no serviço onde estavam os músicos e artistas, etc. Mas não fui, porque tinha canções proibidas

³⁷² Entrevista a António Vitorino d'Almeida, 18/04/2018, Lisboa.

³⁷³ Entrevista a Tozé Brito, 17/04/2018, Lisboa.

³⁷⁴ Idem.

pela censura. E quando me disseram que a minha especialidade seriam armas pesadas, eu decidi: “vou-me embora”.

Fui para Inglaterra, foi o país que eu escolhi. Já conhecia a minha futura mulher, já tínhamos uma relação de amizade muito grande e de proximidade.

E quem me passou para o lado de lá foi um elemento da fronteira de Valença, mas que vivia em Moledo. Eles eram funcionários da PIDE, esses na altura eram funcionários da PIDE, usavam as chapas da PIDE no bolso da camisa.

E lembro-me perfeitamente que a pessoa que me passou para lá, era uma pessoa que o meu pai conhecia dos cafés. De ir lá ao fim-de-semana beber café e meter conversa.

Era um guarda fronteiriço que vivia ali e trabalhava em Valença e eu passei no carro dele a conversar. Ele disse: “Vou ali a Espanha e volto já” e os outros nem lhe ligaram e eu ali ao lado e foi assim. Depois cheguei a Espanha, os meus pais estavam lá e apanhei um avião de Madrid para Londres.

Para perceberes que até a este nível se podia confiar nas pessoas. Ou seja, eu não tinha nenhuns conhecimentos porque eu era miúdo. O meu contacto com os locais era na praia, a jogar futebol. Estávamos a jogar futebol, apareciam miúdos e jogavam connosco. Mas nunca os cheguei a conhecer muito bem.

Os meus pais não, como iam lá mais vezes, acabaram por conhecer muita gente de Moledo.³⁷⁵

Este episódio já havia sido narrado pelo cantor e compositor numa entrevista concedida em fevereiro de 2018 à revista Blitz³⁷⁶.

Também o escritor Miguel Sousa Tavares relatou, no seu mais recente livro *Cebola crua com sal e broa*,³⁷⁷ os dois verões que passou em Moledo durante a sua infância:

Como se fosse uma terapia, dois anos a fio, os meus pais eniaram-nos para a praia de Moledo do Minho, lá no extremo norte com a aliza, onde as manhãs eram cobertas de nevoeiro, a água gelada e as ondas um perigoso exercício de sobrevivência. De manhã, praia; à tarde, pinhal: era esta a rotina, sempre igual, daqueles quinze dias em Moledo. (...) De resto, os dias eram longos e monótonos, na Pensão Ideal, da D. Flora – uma instituição galaico-portuense. Todas as crianças hospedadas comiam na copa, meia hora antes dos adultos, e não falhavam as quatro refeições do dia: pequen-almoço, almoço, lanche e jantar: pensão absolutamente completa. (...) Depois da sesta, pinhal, onde não acontecia nada; depois, banho, jantar e cama. Uma interminável, inalterável, profunda chatice.³⁷⁸

³⁷⁵ Entrevista a Tozé Brito, 17/04/2018, Lisboa.

³⁷⁶ <https://blitz.sapo.pt/principal/update/2018-02-16-Toze-Brito-o-homem-que-tudo-fez-na-musica-em-Portugal.-Uma-reveladora-entrevista-de-vida>. Consultado em 25/03/2018.

³⁷⁷ TAVARES, Miguel Sousa (2018), *Cebola crua com sal e broa*, Lisboa: Clube do autor, pp. 331-333.

³⁷⁸ Idem, *ibidem*.

4.5. – O PERÍODO PÓS 25 DE ABRIL EM MOLEDO

Em Moledo do Minho, depois do 25 de abril, não se verificaram grandes alterações. Os banhistas continuaram a aparecer no verão como habitualmente e a população local arranjava subsistência na agricultura ou emigrava à procura de emprego.³⁷⁹ Ambos continuaram a convivência que até então haviam estabelecido. Porém, a propósito da abertura das ruas G, F e E, na parte baixa da freguesia junto à praia, houve, no verão de 1974, um pequeno desentendimento entre os veraneantes com segunda residência em Moledo e a população e instituições públicas locais.



Figura 58.4: Planta da construção das ruas G, F e E, 1974.

Fonte: Arquivo Distrital de Viana do Castelo, Direcção Geral de Urbanização de Viana do Castelo 1940/1990, Processos de obras de 1940/1990.

³⁷⁹ AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *Moledo do Minho*, Lisboa: Edição de Autor, pp.70-84.

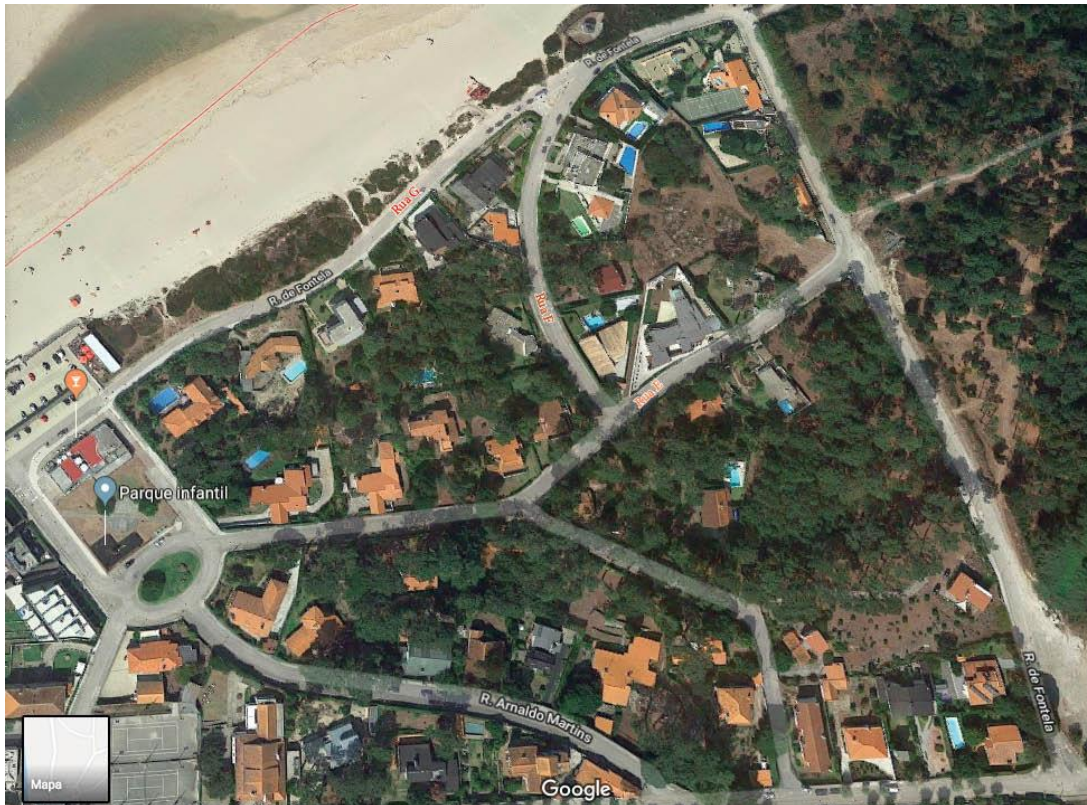


Figura 59.4.: Mapa atual de Moledo com as ruas G, F e E marcadas a vermelho.

Fonte: *Google Maps*, 26/06/2018.

O projeto de construção das ruas citadas já estava previsto pela Câmara Municipal de Caminha pelo menos desde o ano de 1971 quando a Direção Geral de Urbanização de Viana do Castelo ordenou à Câmara Municipal de Caminha que fosse realizado um estudo de colocação de uma rede de esgotos pluviais e domésticos para juntar ao projeto das ruas.³⁸⁰

Até que em fevereiro de 1974 o jornal *Caminhense* noticiou que o concurso público de atribuição da obra das construções da rua G, F e E estava aberto com uma base de licitação de 1.429.166\$000, o que se revelava uma boa notícia, pois as novas ruas facilitariam o acesso às moradias construídas naquele local:

Outra informação que foi recebida com muito agrado, a de ter sido posta recentemente a concurso público a empreitada para a efectivação da construção das Ruas G, F e E na praia, cuja base de licitação é de 1.429.166\$00.

³⁸⁰ Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal de Caminha do dia 17 de setembro de 1971.

Oxalá a obra se possa realizar com a brevidade que se deseja, pois é por demais sabida a necessidade que ela representa, para digno acesso às inúmeras moradias de veraneio ultimamente construídas.³⁸¹

No entanto, o tempo mostraria que essa afinal não era uma boa notícia para os detentores das moradias, já que, quando começaram as obras, alguns dos moradores daquela zona juntaram-se para as obstruir e impedir que continuassem. O caso foi duas vezes noticiado pelo jornal *O Comércio do Porto*:

Sucedem em Moledo e pode ser grave

Chegam-nos de Moledo, através de pessoa de toda a idoneidade, notícias dum caso que ali se está verificando e que, pelas consequências que pode ter e pelas suas implicações, nos parece ter aspectos bastante graves. O caso é este: pessoas que têm residência de veraneio naquela praia interessaram-se em tempos por uma obra de maior mérito, que consiste no alargamento das vias de acesso e de trânsito na parte norte da praia e suas ligações ao Pinhal do Camarido, e que seria a obra inicial do grande plano de urbanização que aí vai processar-se.

A ideia teve bom acolhimento por parte da Câmara Municipal de Caminha os promotores da ideia até oferecerem planta da área, e tudo depois teve o seu seguimento e, de tal modo, que o Estado resolveu subsidiar a primeira fase da obra, que consistia na abertura de arruamentos nos lugares de Fontelo e das Dunas. Aprovado o projecto, foi a obra posta a concurso e o empreiteiro Carlos Fernandes arrematou-a pela verba de 1800 contos. Surpreendentemente, e quando parecia que as coisas iriam seguir no melhor dos ambientes surgiram diversos dos moradores da praia (não naturais de Moledo, mas simples veraneantes) a fazer autêntica obstrução à obra, recorrendo a diversos processos e, entre eles, o de atravessarem automóveis nas ruas por onde deviam circular as máquinas do empreiteiro. É claro que a população de Moledo reagiu imediatamente e a Câmara Municipal de Caminha igualmente agiu no sentido de chamar os obstrucionistas à boa razão, mas não se conseguiu tal solução às primeiras: ao local tiveram que deslocar-se o sr. Secretário do Governo Civil (agindo como Governador) e o srs. Presidente e secretário da Câmara Municipal, É claro que, à aproximação das autoridades, os automóveis foram rapidamente afastados, excepto o de uma senhora que, renitentemente, se manteve no lugar.

As autoridades, todavia, não consentiram nessa atitude negativa e, desse modo, ontem se deslocou a Moledo, igualmente acompanhado do sr. Secretário da Câmara, o sr. Eng. José de Magalhães, director distrital da Urbanização, parecendo que esta presença obrigou os protestantes a recuar, e a obra reiniciou-se.

Procurámos saber dos motivos ou fundamentos da atitude estranha tomada por aquelas pessoas e ficámos a saber que elas não desejam a abertura de arruamentos, mas sim de simples veredas, onde não possam transitar automóveis, e que não sejam construídos passeios e que também o pavimento não seja plano, antes em socalcos ou coisa idêntica, justamente para impedir

³⁸¹ *Caminhense*, 05/02/1974.

a circulação de quaisquer veículos, mesmo motoretas. Segundo no-lo dizem pessoas da localidade, esses veraneantes já desde há muito se opõem à propaganda da praia, considerando que, a serem dadas muitas facilidades de acesso, ela será invadida pelas excursões ou facilitará a sua popularização... Simplesmente não se lembram que a praia é de todos os portugueses e não somente de alguns. Esperemos que o caso tenha um desfecho construtivo e pacífico.³⁸²

As razões apontadas pelo moradores para não quererem que a construção e pavimentação das ruas se concretizasse estavam diretamente ligadas com a tentativa de elitização daquela estância balnear e de restringir os espaços públicos a uma minoria que detinha casa na área de construção daquelas ruas. Estes actos de obstrução eram por isso considerados anti-democráticos por serem reflexo da ideia de que aquela praia era «somente de alguns» e não de «todos os portugueses».

O caso do impedimento da construção das ruas G, F e E suscitou tanta perplexidade e curiosidade que a edição do dia 5 de setembro do jornal *O Comércio do Porto* esgotou em Moledo, originando a escrita de novo artigo sobre o assunto na edição do dia seguinte:

Reportagem de «O Comércio do Porto» faz esgotar o nosso jornal em Moledo

Quando ontem, por volta do meio-dia, chegamos a Moledo e uma pessoa nossa amiga nos identificou como repórter de “O Comércio do Porto”, ali mesmo recebemos provas de simpatia por parte de diversos moledenses, que estão vivendo intensamente o “caso” que o nosso jornal denunciou em seu número de ontem. Os testemunhos de repúdio por parte dos presentes não eram, porém, os únicos: muitos veraneantes que se encontram em Moledo, temporariamente, são também contrários às manobras de obstrução a que adjudicamos. E algumas dessas pessoas vão-nos elucidando: “Eles também não querem que se construa a rede de esgotos, cujas anilhas, aliás, já se encontram no local, juntamente com as guias dos passeios”!

O curioso, quanto a este pormenor, é que as ruas actualmente existentes, e que irão ligar às que estão em construção, essas estão dotadas com amplos passeios asfaltados, e assim, se colhe a impressão de que as pessoas que estão entavando as obras, o fazem por não quererem que ninguém transite junto às residências.

A Comissão Municipal de Turismo de Moledo bem como a sua Junta de Freguesia enviaram ontem mesmo uma representação à Câmara Municipal e daí ao Governo, a expor o que se está passando, e pedindo imediata repressão contra os obstrucionistas, cujas prepotências de modo algum se coaduna com as actuais directrizes da governação portuguesa.

Aqui será de frisar que esta luta duma minoria contra o progresso de Moledo não é de agora pois muita gente considerou sempre essa praia como um feudo, onde só privilegiados tinham acesso. Necessariamente que os tempos mudaram, e disso têm que se convencer tais pessoas, esperando-se que as entidades locais procedam adequadamente. Na noite finda alguém cometeu alguns desacatos contra o automóvel que, teimosamente, foi deixado ficar no local onde as

³⁸² *O Comércio do Porto*, 05/09/1974.

máquinas se movimentam; isso é sintoma de descontentamento que pode azedar-se, deteriorando todo este caso.

Depois de conversarmos com os moledenses fomos ao local das obras, totalmente desacompanhados e libertos de quaisquer pressões. Encontrámos no local uma grande escavadora, que tinha rompido através da duna e prosseguia a sua obra. Pedimos ao condutor que descesse e nos desse algumas informações. Ele reproduziu aquilo que já dissemos na nossa anterior reportagem, e foi mostrar-nos o automóvel que teimosamente foi deixado no local. Esse e outros automóveis, agora retirados têm causado grandes embaraços à obra mas ao que ficou estacionado já aconteceram outros malefícios além dos que citámos: neste momento, encontra-se em risco de ficar soterrado! Demorámos no local com o intuito de obtermos uma visão do conjunto da obra e, francamente, não vemos nela senão progresso, melhoria para a praia e para as pessoas. É uma obra que se enquadra num conjunto de grandes melhorias e progresso para toda aquela área de extraordinárias potencialidades, e que vai de Moledo a Caminha, por Cristelo-praia e Foz do Minho. Porque, então, a reacção que se está verificando? Francamente, não se entende.

Grande parte dos veraneantes deseja mais obras; querem-na todos os naturais de Moledo; trata-se duma obra programada, aprovada e financiada. Qual é, então, o problema?³⁸³

De realçar a linguagem do jornalista que reflete bem os tempos revolucionários que se viviam na altura, ao convocar as relações feudais para o seu texto ou ao realçar que o governo de então não se revia naquele tipo de atitudes, numa clara alusão às mudanças governamentais ocorridas com a revolução de 25 de abril de 1974.

Sobre a carta referida na notícia (e que se transcreve infra), é de notar a utilização da expressão «a bem da nação», cumprimento obrigatório em todas as missivas oficiais durante o regime anterior. Dado que a revolução dos cravos só tinha acontecido há cinco meses, supõe-se que ainda não tivessem substituído os formulários de cartas com aquela formalidade burocrática inscrita.

Junta de Turismo de Moledo do Minho

Exmo. Senhor

Vereador servindo de Presidente da Câmara Municipal de Caminha

Tendo conhecimento de que um pequeno número de moradores nesta praia se tinha manifestado violentamente contra a construção de vias de acesso aos lugares das dunas e de Fontela, a Junta de Turismo de Moledo do Minho, interpretando a vontade da maioria dos moledenses, apressa-se por este meio, a participar a vossa excelência, que apoia e aprova totalmente tal construção, pelos motivos que passa a expor.

Os citados arruamentos, constantes de um projecto aprovado superiormente, com o objectivo de proporcionar os melhores benefícios e bem-estar à população veraneante e dos moledenses permanentes, são altamente convenientes para a circulação das pessoas que procuram

³⁸³ *O Comércio do Porto*, 06/09/1974.

a praia, para convívio dos habitantes das moradias da zona balnear, para ligação da praia com o resto da freguesia, com a estrada nacional e com o caminho de ferro, - ligação esta necessária à extracção, transporte e venda dos sargaços, areias, gravanha, madeira e lenha fornecidos pelo mar e Camarido, e ainda para rápido socorro em caso de doença, sinistro ou incendio, além de contribuírem para o alargamento da zona urbanizada e seu embelezamento e futura eletrificação e saneamento.

Por estas razões, os habitantes permanentes desta freguesia, desejam ardentemente a construção destas vias de acesso, estranhando até que tal manifestação hostil tenha partido de pessoas que evidentemente nos são simpáticas por procurarem a nossa praia, mas não têm o direito de interferir, por motivos discutíveis e individuais de isolamento snob e antidemocrático contra os legítimos e gerais anseios de progresso da terra, que tão respeitosa e amigavelmente os acolhe.

Entende esta junta e entendem-no também os habitantes desta freguesia, que tais arruamentos não irão perturbar o desejado sossego de umas férias legítimas da colónia balnear, única razão que ela poderá invocar, mas antes, pelo contrário, permitirão um melhor policiamento da zona balnear, de forma a evitar correrias e distúrbios diurnos e noturnos a que são estranhos os agricultores da freguesia.

Nestas circunstâncias, apoiando a junta de freguesia e acedendo às solicitações da maioria dos moledenses, a junta de turismo de Moledo do Minho pede respeitosamente a sua excelência que se digne providenciar para que os trabalhos continuem sem qualquer alteração, embargo ou demora, na execução do respectivo projecto aprovado superiormente, de forma a que o interesse geral comum, prevaleça sobre o interesse particular, como não pode deixar de ser.

A bem da nação,
Junta de Turismo³⁸⁴

Também o jornal local *Caminhense* dedicou algumas das suas páginas ao assunto da obstrução da obra das ruas G, F e E através de uma crónica escrita por JOFA, com o título “*O 25 de Abril também já chegou a Moledo*”, dando conta que o caso tinha tido o desfecho que todos os moledenses e uma parte dos banhistas pretendiam:

O 25 de Abril também já chegou a Moledo

Como é do conhecimento de todos os nossos estimados leitores, um grupo de veraneantes possuidores de vivendas nos lugares das Dunas e Fontela desta praia apresentou uma exposição na Câmara Municipal de Caminha, pedindo para que fossem suspensos os trabalhos em curso nas obras de acesso àqueles lugares, de forma a serem feitas várias alterações ao projeto já aprovado, e de harmonia com os seus interesses, chegando mesmo posteriormente, a impedir o seu prosseguimento, com a colocação de viaturas de sua propriedade, a impedir a passagem das escavadoras.

³⁸⁴ Arquivo Distrital de Viana do Castelo, Direcção Geral de Urbanização de Viana do Castelo 1940/1990, Processos de obras de 1940/1990.

Logo que tal divergência foi conhecida, imediatamente reagiram as Juntas de Freguesia e de Turismo de Moledo, e uma onda de protestos se ergueu entre a população laboriosa e humilde esta terra, que assim viam ameaçada a concretização de um antigo e legítimo anseio, um antigo e legítimo anseio, de muito significativo alcance, para o futuro engrandecimento da Praia.

Em consequência, foram feitas diligências pelas autarquias locais, junto das entidades que superintendem no caso, ao mesmo tempo que no nosso Município, eram entregues exposições das duas Juntas, apoiadas por inúmeras assinaturas de Moledenses e membros da colonia balnear, reclamando para que a obra progredisse, tal como determinava o projecto que superiormente tinha sido aprovado.

Também alguns órgãos da imprensa diária, nomeadamente *O Comércio do Porto* pela pena brilhante do seu conceituado jornalista Sr. Severino Costa, correspondente em Viana do Castelo, aludiram ao que se estava a passar, chegando mesmo a verificar no local o problema surgido, tendo unanimemente defendido a pertinência das aspirações da população e autoridades locais.

As razões que a elas assistiam eram tão evidentes, que após se terem deslocado ao local e analisado devidamente o caso, as entidades competentes, determinaram o imediato prosseguimento dos trabalhos, de acordo com o projecto em devido tempo aprovado.

Nunca, por um só momento sequer, duvidamos que isso não sucedesse (embora recordássemos com amargura prepotências várias de que fomos sendo vítimas, mas os tempos eram outros...) porém, agora nos dias livres e de Justiça Social que vivemos, com argumentos tão poderosos a militar em redor do melhoramento tão indiscutível, para o bem comum, não se vislumbrava outra decisão superior, que não fosse a de fazer-se justiça atendendo-se à legitimidade da causa colectiva da nossa terra.

Ainda bem que assim sucedeu! Com imensa alegria nós aqui podemos dizer: o 25 de Abril também já chegou a Moledo! Fazemos ardentes votos para que aqui permaneça!

JOFA³⁸⁵

De sublinhar a referência às «(...) prepotências várias (...)» de que JOFA diz que os moledenses foram continuamente vítimas durante o regime anterior e a sensação de esperança que a revolução de 25 de abril de 1974 trouxera na resolução deste tipo de problemas, já que a população local se sentia munida do direito de ripostar por aquilo que considerava ser justo.

Outro dos episódios que importa relatar na sequência das mudanças trazidas pelo 25 de abril na freguesia de Moledo foi o acordo entre o Clube Ínsua e a Junta de Freguesia de Moledo para que os jovens moledenses pudessem passar a usufruir de um dos campos de jogos do Clube Ínsua, construídos em terrenos que pertenciam à Junta de Freguesia de Moledo, mas que tinham sido cedidos ao Clube Ínsua em troca de renda anual.

Na primeira reunião entre os dois órgãos diretivos, a junta de freguesia propôs a construção de uma porta de acesso a um dos campos pela rua para que os moledenses pudessem lá entrar

³⁸⁵ *Caminhense*, 21/10/1974.

durante todo o ano e às horas que pretendessem. Ficando também previsto que todos os estragos cometidos pelos jovens moledenses eram da responsabilidade daquela junta e que se podia estipular um horário de verão e de inverno para a utilização dos campos em questão, tendo em conta que durante a época balnear o Clube Ínsua possuía mais sócios nas suas instalações. Estas propostas foram levadas pelos dois representantes do clube presentes na reunião para serem submetidas à apreciação dos restantes membros da Assembleia Geral do Clube Ínsua.³⁸⁶

Três meses depois o acordo estava fechado e os jovens moledenses podiam finalmente praticar desporto num dos campos do Clube Ínsua durante todo o ano, excetuando no período que ia de 15 de julho a 15 de setembro entre as 10h00 da manhã e as 13h00 da tarde.

Segundo notícia do jornal *Caminhense*, a dirigente do clube, D. Maria Emília Resende e o seu colega António Brito e Cunha mostraram interesse em formar equipas de futebol mistas entre jovens moledenses e rapazes que frequentavam o Clube Ínsua, para que «(...) todos se irmanem com camaradagem e alegria, na sã prática desportiva.». A notícia acabava com um louvor a atitude de todos os intervenientes e com uma alusão à «(...) Sociedade Socialista, que neste país todos devemos estar empenhados, em que o desporto também tem o seu papel importante a desempenhar. Estamos certos, que tudo se irá processar de harmonia com os desejos de todos, com dignidade, respeito mútuo e disciplina, tudo se pode fazer.»³⁸⁷

CAPÍTULO V - CONCLUSÃO

A elaboração da presente investigação permitiu chegar a um conjunto de conclusões sobre o desenvolvimento da estância balnear de Moledo do Minho.

A primeira é que, tal como aconteceu nas localidades com praia no resto da Europa, os discursos médicos acerca dos benefícios dos banhos de mar e o desenvolvimento dos caminhos-de-ferro foram os dois principais fatores que contribuíram para a ocupação da zona litoral da freguesia de Moledo, que até ao início da década de oitenta do século XIX era completamente desabitada, apenas frequentada por carteiros que aproveitavam para fazer descansar os seus burros junto à praia.

Este distanciamento da população de Moledo em relação ao território mais próximo do mar estava também de acordo com o que se passava no resto do continente, onde o mar era olhado pela maioria das pessoas como fonte de perigos e catástrofes devido, não só à história do dilúvio do livro Genesis da Bíblia, mas também ao período das grandes navegações, cujos relatos de enjoos, medos e cataclismos eram espalhados pelos marinheiros. Em Moledo, tal como em Newlyn em Inglaterra, o mar só era aproveitado para subsistência: era de lá que se arrastava o sargaço que servia de adubo na produção agrícola.

³⁸⁶ Ata da sessão da junta de freguesia de Moledo realizada no dia 27 de janeiro de 1975.

³⁸⁷ *Caminhense*, 05/05/1975.

A segunda conclusão que se retira é que os primeiros banhistas que apareceram em Moledo mantiveram-se por lá devido ao empreendedorismo da população local, nomeadamente pela acção de António Affonso e seu filho, assim como de outros locais que alugavam as suas casas e ofereciam serviços de café, bilhar e teatro.

Conclui-se também que no início do século XX, a Primeira República deu um grande impulso a todas as zonas com potencial turístico. Pela primeira vez, o sector do turismo era tomado pelo Estado que, através da criação de instituições como o Conselho de Turismo e a sua subordinada Repartição de Turismo, tentava aumentar o fluxo de turistas nacionais e estrangeiros em Portugal. A fundação de Comissões de Iniciativa em todas as estâncias hidrológicas, climatéricas, de praia, de altitude, de repouso, de recreio e de turismo constituiu uma das políticas que mais contribuíram para a dinamização das localidades portuguesas junto ao mar e Moledo não foi exceção.

Durante este período, os principais fatores de desenvolvimento de Moledo enquanto estância balnear foram consequência de decisões centrais. Para além de se ter criado a Comissão de Iniciativa de Moledo (apenas no ano de 1929, mas como consequência da lei nº 1.152, de 23 de abril de 1921), a primeira a solicitar os serviços de um arquiteto para realização de um plano de urbanização da zona litoral da freguesia (pedido que foi repetido por outras Comissões de Iniciativa espalhados por todo o país), legislou-se a apanha de sargaço e o aluguer de barracas na praia através do decreto nº 12.822 publicado em 1926 e estabeleceram-se preços reduzidos de bilhetes de comboio do Porto para Moledo aos domingos e feriados.

A implementação do Estado Novo trouxe algumas mudanças registáveis, sendo de realçar seis fatores que contribuíram para a fixação de mais banhistas em Moledo e para o desenvolvimento daquela freguesia enquanto estância balnear.

Em primeiro lugar, fundou-se a Pensão Ideal em 1933, uma opção de alojamento para além do aluguer de casas e que, ao longo do século XX, foi estabelecendo a sua clientela fixa como se pode constatar a partir das entrevistas realizadas a vários veraneantes. Esta pensão não só oferecia hospedagem e refeições a muitos banhistas, como também dava emprego sazonal a algumas moledenses que normalmente viviam da agricultura e da apanha do sargaço e encontravam ali mais um meio de subsistência.

Em segundo lugar, o plano de urbanização do arquiteto Moreira da Silva datado de 1941 e adotado em 1946 abriu caminho à compra de talhões de terreno para construção de casas unifamiliares por parte de banhistas que paulatinamente iam trocando os serviços da Pensão Ideal pela comodidade de uma residência privada. Esta venda pública de talhões também impulsionou a fundação do Clube Ínsua, criado em 1946 por uma sociedade de veraneantes que adquiriram alguns talhões de terreno a fim de fundarem um espaço onde se pudessem reunir, praticar desporto e organizar festas e bailes. Este local de convívio tornou-se um atrativo da estância balnear de Moledo, com muitas das rotinas diárias do verão a passarem por lá. Por último, a adoção do plano de

urbanização de Moreira da Silva incentivou a Junta de Freguesia de Moledo e a Câmara Municipal a fazerem obras de beneficiação daquela área, construindo novas ruas e um parque infantil.

Se António Affonso foi uma das personalidades que mais contribuiu para a dinamização de Moledo durante o século XIX, António Pedro, artista surrealista, afirmou-se como a figura tutelar de banhistas e moledenses principalmente a partir dos anos 50, quando passou a residir permanentemente naquela freguesia. A sua presença trouxe a Moledo vários artistas, entre eles, o fotógrafo Fernando Lemos que fotografou a estância balnear, contribuindo assim para a sua divulgação. António Pedro escrevia artigos sobre Moledo e pintou um quadro e um tríptico da sua paisagem, que se configuraram como duas das suas obras mais emblemáticas. Ademais, uma vez que escolheu passar o resto dos seus dias em Moledo, o artista resolveu envolver-se com a comunidade, tendo sido eleito presidente da AMIR (Associação Moledense de Instrução e Recreio), que havia sido fundada em 1933 pela população local, e comprando parte de um talhão de terreno à Junta de Freguesia de Moledo para lhe servir de sede. Durante a época balnear, António Pedro integrava-se nos momentos de convívio dos banhistas estabelecendo a ponte entre estes e a população local, contribuindo assim para a harmonia daquela freguesia.

O quarto fator que podemos apontar como estimulador do crescimento e fixação da comunidade de banhistas durante a época balnear era o carácter familiar de Moledo e a interação pacífica entre moledenses e veranantes durante os verões do século XX. A maioria dos banhistas conhecia-se entre si e tinha uma relação próxima com o banheiro e demais moledenses de cujos serviços necessitassem, o que criava um sentimento de conforto e segurança apreciado por muitas famílias que repetiam a sua estadia ano após ano.

Podemos referir também a presença de algumas figuras ilustres como um fator de atratividade de Moledo. Entre o final do século XIX e o início do século XX, Bernardino Machado frequentou Moledo durante vários verões, motivo pelo qual aquela praia apareceu nas páginas da revista *Ilustração Portuguesa*, o que contribuía para a sua divulgação.

Mais tarde, foi José de Almada Negreiros a passar os seus primeiros verões de casado em Moledo. Temporadas que serviram de inspiração para dois dos principais quadros da sua mulher, Sarah Affonso e para a obra “O Naufrágio da Ínsua”.

A presença do casal de artistas em Moledo provocou a ida de Charles David Ley àquela freguesia, escrevendo para a revista *Seara Nova* sobre a sua estadia. Artigo que, por sua vez, atraiu o poeta Rui Cinatti a escolher Moledo para passar duas semanas do seu verão três anos depois³⁸⁸. Outras personalidades estanciaram em Moledo como António Vitorino d’Almeida, Tozé Brito ou Mário Cesariny que sobre aquela freguesia escreveu dois poemas, material que certamente também contribuiu para a divulgação da beleza da praia de Moledo.

³⁸⁸ BENTO, Paulo Torres (2015), op. cit. 66-68.

Por último, as características naturais de Moledo foram sempre sublinhadas pelos nossos entrevistados como uma das principais razões da sua fixação sazonal. Com o pinhal do Camarido e a Serra d'Arga, o oceano Atlântico e o rio Minho e ainda a visão do monte espanhol de Santa Tecla, Moledo reunia uma série de espaços em que o contacto com a Natureza era direto, existindo pouca intervenção do Homem. O que não só contribuía para que as férias fossem quase sempre sinónimo de um descanso bucólico, mas também fazia com que os dias fossem bastante variados. A flutuação das condições climatéricas, com ventos fortes e por vezes chuva, pode ter sido uma das razões por que Moledo nunca se tornou uma estância balnear de massas.

Considera-se que o 25 de abril de 1974 foi responsável por uma certa deselitização da estância balnear de Moledo com o Clube Ínsua a assentir abrir o seu campo de jogos à população local e com a obstrução da construção das ruas G, F e E (na parte baixa da freguesia) por parte de alguns banhistas a ser fortemente reivindicada por moledenses através dos meios de comunicação que estavam agora mais acessíveis a todas as pessoas e não eram sujeitos a exame prévio. Talvez este seja um ponto de partida para novas investigações sobre Moledo durante todo o século XX.

Num tempo em que a maior parte das cidades portuguesas estão a sofrer um boom turístico, que nem sempre respeita a população local e as características orgânicas do território, julga-se ser de extrema importância mostrar que os espaços que conseguem conservar a sua envolvência natural foram durante o século XX (e pensamos que continuam a ser) sobejamente apreciados e escolhidos em detrimento de outros cujo entretenimento passa mais pela transferência de diversões citadinas para as estâncias balneares.

VI- FONTES

ARQUIVÍSTICAS

Arquivo Municipal de Caminha, Atas das reuniões ordinárias da Câmara Municipal de Caminha de 1940 a 1976.

Arquivo da Junta de Freguesia de Moledo do Minho, Atas da Junta de Freguesia de 1910 a 1976.

Arquivo Distrital de Viana do Castelo, documento composto, Direcção de Urbanização de Viana do Castelo 1940/1990, Processos de obras 1940/1990, Construção de um Parque Infantil.

Arquivo Distrital de Viana do Castelo, documento composto, Direcção de Urbanização de Viana do Castelo 1940/1990, Processos de obras 1940/1990, Construção de arruamentos junto à praia de Moledo.

LEGISLAÇÃO

Lei nº 1.152, de 23 de abril de 1921. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/359920>.

Decreto nº 8.046, de 24 de fevereiro de 1922. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/569347>.

Decreto nº 8.714, de 14 de março de 1923. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/337250>.

Decreto número 12.822 de 15 de dezembro de 1926. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/142877>.

Decreto-lei número 24.802 de 21 de dezembro de 1934. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/447162>.

Decreto-lei nº 27.424, de 31 de dezembro de 1936. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/331619>.

Decreto-lei nº 36.725 de dia 12 de janeiro de 1948. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/241995>.

Decreto-lei nº 42.286 do dia 26 de maio de 1959. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/432793>;

Decreto-lei nº 42.305, do dia 5 de junho de 1959. Disponível em: <https://dre.pt/application/conteudo/432635>.

PERÍODICOS

Estrela de Caminha, jornal quinzenal de 1882 a 1890, Caminha.

Caminhense, jornal quinzenal de 1972 a 1976, Caminha.

O Comércio do Porto, 05/09/1974 e 06/09/1974, Porto.

Ilustração Portuguesa, revista semannal, 18/11/1915, Lisboa.

O António Maria, 1880, Lisboa.

Revista *Panorama* (1941, setembro), nº4, volume 1, p. 4

Revista *Panorama*, números 15 e 16, volume 3, pp. 22 a 24.

TESTEMUNHOS ORAIS

Entrevista a Margarida Tudela, 05/03/2018, Porto, banhista na praia de Moledo. Duração: 01'52'53.

Entrevista a Nicolau Pais, 12/03/2018, Viana do Castelo, banhista na praia de Moledo. 00'38'54.

Entrevista a Pita Guerreiro, 13/03/2018, Moledo do Minho, banhista na praia de Moledo. Duração: 00'20'07.

Entrevista a Tozé Brito, 17/04/2018, Lisboa, músico e banhista na praia de Moledo. Duração: 00'51'58.

Entrevista a António Vitorino d'Almeida, 18/04/2018, compositor e banhista na praia de Moledo. Duração: 01'40'33.

Entrevista com Joaquim Guardão, 20/4/2018, Moledo do Minho, moledense, atual presidente da Junta de Freguesia. Duração: 01'33'44.

Entrevista a Maria Angélica Carvalho Mendonça, 29/04/2018, Moledo do Minho, moledense, sargaceira. Duração: 00'44'57.

Entrevista a António Brito e Cunha e Maria da Saúde Brito e Cunha, 08/05/2018, Moledo do Minho, banhistas na praia de Moledo. Duração: 01'24'42.

Entrevista a Fátima Barbosa, 20/05/2018, Moledo do Minho, banhista na praia de Moledo. Duração: 00'37'09.

Entrevista a Jorge Puga, 07-06-2018, Moledo do Minho – moledense, nadador salvador na praia de Moledo de 1975 a 1995. Duração: 00'43'41.

Entrevista Maria Helena Magalhães Carneiro, 08/06/2018, Lisboa, banhista na praia de Moledo. Duração: 00'25'22.

Entrevista a Maria Afonso, 09/06/2018, Moledo do Minho- moledense, doméstica. Duração: 00'21'02.

Entrevista a Jorge Fão, 09/06/2018, Moledo do Minho – moledense, ex-administrativo do posto dos Correios de Moledo. Duração: 00'38'07.

Entrevista a Maria Helena Guerreiro, 13/06/2018, Lisboa, banhista na praia de Moledo. Duração: 00'53'47.

FONTES ICONOGRÁFICAS E AUDIOVISUAIS

Acervo pessoal de Margarida Tudela, fotografias «Margarida Tudela com os três irmãos na praia de Moledo, s. a.» e «Margarida Tudela (no canto esquerdo) com amigas na praia de Moledo, s. a.»

Acervo pessoal de Joaquim Guardão, «Cédula de apanhadora de Maria dos Anjos Rocha, 1970» e «Cédula de inscrição marítima de Maria dos Anjos Rocha, 1921».

https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/casamento-na-aldeia-156608/. Consultado em: 28/08/2018.

https://gulbenkian.pt/museu/works_cam/familia-156404/. Consultado em: 28/08/2018.

<https://modernismo.pt/index.php/friso-de-fotografias/friso-fotos/144-10>, consultado em: 06/08/2018.

<https://www.flickr.com/photos/pedrosimoes7/35591910462/in/photostream>. Consultado em: 09/06/2018.

<https://www.flickr.com/photos/pedrosimoes7/35612221082>. Consultado em: 09/06/2018.

<https://gulbenkian.pt/museu/en/?s=moledo+do+minho>. Consultado em: 01/08/2018.

<https://www.youtube.com/watch?v=FHbitRNR754>, consultado em: 31/07/2018.

VII- BIBLIOGRAFIA

AGUILAR, Manuel Busquets (1941), *Moledo do Minho*, Lisboa: Edição de Autor.

ALVES, Lourenço (1985), *Caminha e o seu Concelho*, Caminha: Câmara Municipal de Caminha.

ÁVILA, Maria Jesus e LAPA, Pedro (2009), *António Pedro : exposição comemorativa do centenário do nascimento*, Caminha: Câmara Municipal.

BENTO, Paulo Torres (2010), *Da Monarquia à República no concelho de Caminha : crónica política (1906-1913)*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000.

BENTO, Paulo Torres (2015), *História Nossa – Crónicas de tempos Passados por Terras de Caminha e Âncora*, Caminha: Jornal Digital Caminh@2000.

BRITO, Sérgio Palma (2003), *Notas sobre a Evolução do Viajar e a formação do Turismo*, Lisboa: Medialivros, 1º volume.

BRITO, Sérgio Palma (2010), “A institucionalização do Turismo”, em *Viajar: Viajantes e Turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

- BRIZ, Maria da Graça Fernandes Pestana dos Santos Gonzalez (2003), *A Vilegiatura Balnear Marítima em Portugal. 1870-1970 Sociedade Arquitectura e Urbanismo*, Tese de Doutoramento em História de Arte, FCSH – Lisboa.
- CABRAL, João Paulo (2005), “A apanha de algas na ilha da Ínsua (Caminha) nos séculos XVII-XIX. Singularidades e conflitos.” em *Finisterra*, XL, 80, pp. 5-22. Disponível em: <http://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1475/117>.
- CAMÕES, Luís de (edição de 2017), *Os Lusíadas*, Porto: Porto Editora.
- CARMO, Rita (2018), “Tozé Brito o Homem que tudo fez na música em Portugal” <https://blitz.sapo.pt/principal/update/2018-02-16-Toze-Brito-o-homem-que-tudo-fez-na-musica-em-Portugal.-Uma-reveladora-entrevista-de-vida>. Data de edição: 16/02/2018. Consultado em: 25/03/2018.
- Cartas de Mário Cesariny a Cruzeiro Seixas* (2014), Lisboa: Documenta/Fundação Cupertino de Miranda, p. 43. Disponível em: https://issuu.com/sistemasolar/docs/excerto_cesariny-cruzeiro_seixas_ca, consultado em: 26/07/2018.
- CASCÃO, Rui (2000), “A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear”, em ARAÚJO, Ana Cristina e CRUZ, Maria Helena da, *A Cidade e o Campo: Colectânea de Estudos*, Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura.
- CAVACO, Carminda (1980), “O Turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais”, em *Estudos Italianos em Portugal*, nº 40-42, Lisboa.
- CESARINY, Mário (2017), *Manual de Prestidigitação*, Lisboa: Assírio e Alvim, p. 9
- COELHO, Adolfo e PIRES, António Tomás (1969), *Cartas de Adolfo Coelho a António Tomás Pires (1882-1904)*, Coimbra: Universidade de Coimbra.
- CORBIN, Alain (1994), *The Lure of the sea – The discovery of the seaside in the Wester World 1750- 1840*, Los Angeles: University of California Press.
- CORBIN, Alain (1995), *A História dos Tempos Livres*, Lisboa: Editorial Teorema.
- COSTA, D. António da (1874), *No Minho*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- CUNHA, Licínio A. A. (2010), “A República e a Afirmção do Turismo”, em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- DEACON, Bernard (2001), “Imagining the Fishing: Artists and Fishermen in Late Nineteenth century Cornwall”, in *Rural History*, 12, 2, pp. 159-178, United Kingdom: Cambridge University Press.
- FERRAZ, José Manuel (1975), “O desenvolvimento sócioeconómico durante a I República”, *Análise Social*, segunda série, vol. XI, nº 42/43.
- FERREIRA, Carlos Cardoso e SIMÕES, José Manuel (2010), “Portugal Turístico ao tempo da I República: Espaços, lugares e projectos”, em *Viajar, viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.
- FREITAS, Joana Isabel Ricardo Gaspar de (2010), *O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*, Lisboa: FLUL, doutoramento em História Contemporânea.
- GOMES, Maria João Santos da Cunha (1998), *Praia da Granja 1860-1950. Génese, Apogeu e Declínio de uma estância recreativo-balnear*, dissertação de mestrado em História de Arte, Teorias da Conservação e Restauraos do Património Artístico, Porto: Universidade Lusíada.

HENRIQUES, Eduardo Brito e LOUSADA, Maria Alexandre (2010), “Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A arte de ser turista”, em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

JESUS, Francisco José da Cruz de (1999), *Arquitectura Balnear e Modernidade: O exemplo do Bairro Novo de Santa Catarina da Figueira da Foz 1928-1953*, Tese de Mestrado em História, Lisboa: Universidade Lusíada.

LEY, Charles David (1942), *Escritores e Paisagens de Portugal*, Lisboa: Seara Nova, pp. 15-20.

LINO, Filipa (2017), “António Victorino d'Almeida: Eu dizia que se a Inês ganhasse as eleições era a “Incrível Almadense”, <http://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/antonio-victorino-dalmeida-eu-dizia-que-se-a-ines-ganhasse-as-eleicoes-era-a-incriveis-almadense>, consultado em 10/04/2018, data de edição: 06/10/2017 (11:00). Consultado em: 10/04/2018.

LÔBO, Margarida Souza (1995), *Planos de Urbanização A Época de Duarte Pacheco*, Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura.

LOUSADA, Maria Alexandra (2010), “Viajantes e Turistas. Portugal, 1850-1926” em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

MACHADO, Helena Cristina Ferreira (1996), *A Construção Social da Praia*, Guimarães: IDEAL Artes Gráficas.

MARTINS, Andrade Conceição (1997), “Trabalho e Condições de vida em Portugal”, *Análise Social*, vol. XXXII (142), 1997 (3ª).

MARTINS, Pedro (2011), *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*, tese de dissertação de mestrado em História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

MATOS, Ana Cardoso e Maria Luísa F. N. dos Santos (2004), “Os Guias de Turismo e a Emergência do Turismo Contemporâneo em Portugal (dos finais do século XIX Às Primeiras décadas do século XX)”, em *Scripta Nova Revista Electronica de Geografia Y Ciencias Sociales*, Vol. VIII, número 167.

MATOS, António Carlos Coelho Menezes (2000), *O Impacte do Turismo de Caminha*, Tese de Mestrado em Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MIRANDA, Marta da Conceição Alves Pereira Tavares (2015), *O Bairro Balnear: Contributos para a História Contemporânea de Vila do Conde (1866-1936)*, dissertação de Mestrado em História e Património – Estudos locais e regionais, Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

NEGREIROS, Maria José Almada (1985), *Conversas com Sarah Affonso*, Lisboa: Edições «O Jornal».

OLIVEIRA, António Brás de (coord.)(1981), *António Pedro – Teatro Completo*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda e Biblioteca Nacional.

ORTIGÃO, Ramalho (1876), *As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*, Porto: Livraria Universal.

PAYNE, Christiana (2002), “Seaside Visitors: Idlers, Thinkers and Patriots in Mid-nineteenth-century”, Britain, in ANDERSEN, Susan C. e Bruce H. Tabb, *Water, Leisure and Culture*, Oxford: Berg.

PEREIRA, Andreia Marques (2012), “António Vitorino d'Almeida e Moledo” <https://www.publico.pt/2012/08/11/jornal/antonio-victorino-dalmeida-e-moledo-25013811>. Data de edição: 11/08/2012. Consultado em: 25/08/2018.

RITO, André (2016), “Um burro no carro, o maestro e uma penhora de IMI”, <http://www.sabado.pt/vida/detalhe/um-burro-no-carro-o-maestro-e-uma-penhora-de-imi>. Data de edição: 30/10/2016. Consultado em: 24/08/2018.

ROSA, Vasco (2016), “António Pedro, O Gigante Esquecido”, <https://observador.pt/especiais/antonio-pedro-o-gigante-esquecido/>. Data de edição: 17/08/2016. Consultado em: 23/05/2018.

Sociedade Propaganda de Portugal (1918), *As Nossas Praias – Indicações Gerais para uso de banhistas e turistas*, Lisboa: Tipografia universal do Diário de Notícias.

TAVARES, Miguel Sousa (2018), *Cebola crua com sal e broa*, Lisboa: Clube do autor, pp. 331-333.

VIDAL, Frédéric e AURINDO, Maria José (2010), “Turismo e Identidade Nacional: Uma Nova Imagem para Portugal”, em *Viajar: Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República.

WALTON, John K. (2002), *The Water of San Sebastian: Therapy, Health, Pleasure and Identity, 1840-1936*, in *Water, Leisure and Culture*, Oxford: Berg.

WALTON, John K. (2009), Histories of Tourism in *The SAGE Handbook of tourism studies*, London: Sage publications.

VIII - WEBGRAFIA

Companhia de Dança de Lisboa (2011), *António Pedro – 1909/1966 – Presente!*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qHLgNRvKehA>, consultado em: 30/07/2018.

http://paroquiamotoledo.com/crbst_10.html, consultado em: 07/07/2018.

http://paroquiamotoledo.com/crbst_6.html, consultado em: 07/07/2018.

<http://www.estraviz.org/REDELHO>, consultado em: 28/07/2018.

<http://www.sargassum.acer-pt.org/sobre.html>, consultado em: 27/07/2018.

[https://www.infopedia.pt/\\$cadernos-de-poesia](https://www.infopedia.pt/$cadernos-de-poesia), consultado em: 20/07/2018.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sarga%C3%A7o>, consultado em: 27/07/2018

[https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-](https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045)

[798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045](https://www.facebook.com/pg/Freguesia-de-Moledo-e-Cristelo-798623983487347/photos/?tab=album&album_id=801370336546045). Consultado em: 23/06/2018

<http://jornalc.pt/apanha-argaco-uma-cultura-com-seculos-historia/crespelho/?v=35357b9c8fe4>, consultado em: 27/07/2018.

Jorge Silva Melo (2017), *Fernando Lemos – Como, Não é retrato?*. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p4642/fernando-lemos-como-nao-e-retrato>, consultado em: 07/08/2018.

“Uma Questão de Respeito”, <http://visao.sapo.pt/actualidade/caravanaviso/altominho/uma-questao-de-respeito=f605452>. Consultado em: 24/08/2018.

INFORMAÇÃO PESSOAL

Teresa Menéres Gautier Vasques Osório

📍 Rua das Barreiras, 278, 4900-649 Viana do Castelo (Portugal)

✉ teresa.vasques.osorio@gmail.com

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

10/2015–07/2017

Assessora de imprensa

LeYa, s.a., Lisboa (Portugal)

- Redacção de textos para informação interna e externa.
- Gestão do site institucional e das plataformas de redes sociais.
- Organização de eventos literários.
- Gestão de pedidos externos de várias entidades.

EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

2012–2015

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Faculdade Nova de Lisboa, Lisboa (Portugal)

01/2015–06/2015

Scienze della Comunicazione

Università degli studi di Bologna, Bologna (Itália)

02/2016–04/2016

Curso de Livre de Animação em After Effects

Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Lisboa (Portugal)

01/2016–01/2016

Workshop Social Media Marketing Strategy

Edit. Lisboa, Lisboa (Portugal)

02/2018–03/2018

Curso Livre "Educação, Cooperação e Cidadania Global"

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo (Portugal)

COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna português

Línguas estrangeiras

	COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
	Compreensão oral	Leitura	Interação oral	Produção oral	
inglês	B2	B2	B2	B2	B2
italiano	B2	B2	B2	B2	B2
espanhol	B2	B2	B2	B2	B2

Níveis: A1 e A2: Utilizador básico - B1 e B2: Utilizador independente - C1 e C2: Utilizador avançado
[Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas](#)